SILÊNCIO ALTO: **CARNE**

Augusto La Fere
Ars Verbi

SILÊNCIO ALTO: CARNE

AUGUSTO LA FERE

SILÊNCIO ALTO: CARNE

Edição Digital

LAPA
ARS VERBI
2025

SÉRIE SILÊNCIO ALTO
Volume 1: Silêncio Alto
Volume 2: Silêncio Alto: Ecos
Volume 3: Silêncio Alto: Carne

CODEX E SISTEMAS
Silêncio Alto: Cidadela

EXPEDIENTE

Silêncio Alto: Carne
© 2025 Augusto La Fere
ISNI 0000 0005 3055 2890
Publicado por Ars Verbi™
Lapa, Paraná, Brasil

Edição Digital
ISBN: 978-65-01-62648-2

Esta obra está licenciada sob a Creative Commons Atribuição — Não Comercial — Compartilha Igual 4.0 Internacional (CC BY-NC-SA 4.0). Esta licença se aplica ao compartilhamento pela comunidade leitora. O autor mantém os direitos para a exploração comercial desta edição. Você pode compartilhar e adaptar esta obra, desde que:
— Atribua o crédito ao autor;
— Não a utilize para fins comerciais;
— Publique obras derivadas sob a mesma licença.

Para mais detalhes, visite:
https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/
https://arsverbi.com.br

Capítulo 1
A ficha

Rosa Cândido assinou sem pressa.

A ficha estava limpa. Nome, dados, código do registro, exames em dia. O papel ocupava o centro da mesa, entre a xícara de Marcelo e a borda do pano dobrado. A manhã ainda estava dentro da cozinha. O café acabara de passar, a casa cheirava a pó escuro e água quente.

Marcelo estava ao lado.

Sentado, mantinha os olhos baixos. A pasta repousava sobre o colo, e ele a segurava com as duas mãos. A camisa branca que vestia, a mesma que Rosa passara na noite anterior, quando o ferro já perdia calor e a cozinha começava a escurecer, estava fechada no colarinho, lisa sobre

o peito. Ele a usava como quem usa um papel: direito, limpo, sem rugas.

A ficha esperava.

Marcelo a pusera ali antes do café. Primeiro a pasta. Depois a ficha. Depois a caneta. Fez cada movimento com cuidado, como quem coloca algo frágil sobre a mesa. Rosa viu e continuou no fogão. Mexeu a água, ajeitou o coador, serviu as xícaras. Só depois sentou.

Ele não pediu. Olhou para a ficha. Rosa pegou a caneta.

A mão conhecia aquele gesto. Já assinara recados de escola, autorizações, recibos, papéis de posto, entregas de encomenda. O nome dela já passara por muitas linhas estreitas. Naquela manhã, porém, a linha parecia fria.

Assinou.

Rosa Cândido.

A tinta brilhou por um instante, depois começou a secar. Rosa ficou olhando o próprio nome. A

assinatura estava correta. A letra era dela. Parecia pousada longe da mão.

Marcelo tomou a ficha. Dobrou com cuidado e guardou na pasta. Abaixou a cabeça um pouco mais enquanto alinhava as folhas. O cabelo caiu sobre a testa. Rosa teve vontade de ajeitar, como fazia quando ele era pequeno e saía para a escola com o rosto ainda marcado de sono.

A mão não se moveu. Ele fechou a pasta.

— Acho que vai ser melhor assim.

A frase veio baixa. Rosa ouviu.

Marcelo continuava olhando para o colo. Os dedos dele ficaram parados sobre a capa da pasta. Havia café na xícara. Havia pão coberto perto da pia. Havia uma camisa dobrada sobre a cadeira ao lado. Havia tempo suficiente para qualquer palavra.

Rosa tinha palavras. O nome dele, primeiro. Depois outras. Menores. Duras. Brandas. Todas formadas, todas prontas, todas alinhadas na língua como a ficha na mesa. Ficaram lá.

Marcelo bebeu mais um gole de café. A xícara voltou à mesa com um som pequeno. O líquido ainda tremia quando ele se levantou. A cadeira riscou o chão. Ele segurou a pasta contra o corpo. A camisa branca acompanhou o movimento sem perder a dobra. Passou a mão pelo colarinho, conferiu o bolso, respirou fundo uma vez.

— Vou indo.

Rosa assentiu.

Ele caminhou até a porta. O corredor estreito recebeu o passo, depois a sombra, depois a mão na maçaneta. A porta abriu devagar. O som da rua entrou baixo, comum: um carro ao longe, uma voz chamando, o ar frio que ainda não aquecera.

Marcelo passou.

A porta fechou sem força. Ele saiu antes de terminar o café. A xícara ficou na mesa. O fundo escuro, o aro marcado pela boca, o calor

sumindo devagar. Rosa olhou para ela por um longo instante. Depois olhou para a cadeira.

Ele não levou tudo. Deixou uma camisa na cadeira. Branca, passada desde a noite anterior, com as mangas recolhidas e a gola baixa. O tecido fazia uma forma vazia no assento de madeira.

Rosa ficou parada. O som da porta ainda no ar. O café esfriava na xícara dele. A camisa permanecia na cadeira.

Depois ela foi até a pia. Lavou as duas xícaras. A dele com mais cuidado do que o necessário. Passou o dedo por dentro da louça, enxaguou de novo, esfregou o aro onde a boca dele estivera. Enxugou com o pano, devagar, como quem enxuga um rosto. Guardou as duas no armário, lado a lado.

Voltou para a mesa. A caneta ainda estava ali. Rosa a segurou. O peso era mínimo. Abriu a gaveta. Guardou a caneta. Fechou devagar. A gaveta não fez barulho. Rosa olhou a camisa na cadeira. A mão dela chegou perto da manga. Os dedos pairaram sobre o tecido.

Pararam.

Não tocaram.

Ela foi até a janela. Os dedos encontraram o puxador de metal, frio. Abriu. O ar entrou. O dia estava nublado. As nuvens cobriam tudo com uma luz baixa, igual, sem sombra.

Rosa ficou ali. A mão ainda no puxador. A camisa atrás dela, no assento vazio. O café já frio na xícara. O nome dela ainda seco na ficha que Marcelo levara.

Ela não fechou a janela.

Capítulo 2
A camisa na cadeira

Rosa deixou a janela da cozinha aberta.

A casa ficou com o ar baixo da manhã. A xícara de Marcelo estava guardada no armário, a caneta dentro da gaveta, a ficha fora de casa. A camisa permanecia na cadeira. Branca, passada, com as mangas recolhidas e a gola baixa. A luz nublada entrava pela janela e tocava o tecido de lado, deixando a dobra principal mais clara que o resto.

Rosa passou por ela algumas vezes. Levou o pano até a pia, voltou, guardou uma colher, abriu uma gaveta, fechou. Olhou a mesa. Olhou a janela. A camisa continuava no assento, inteira, quieta, com o tecido fazendo uma forma vazia sobre a madeira.

Antes do almoço, pegou a camisa pelas dobras. Segurou a peça com as duas mãos, afastada do corpo, e caminhou até o quarto. A porta já estava aberta. Rosa entrou, parou diante da cadeira de madeira e pousou a camisa sobre o assento. A dobra permaneceu quase igual.

Saiu e deixou a porta aberta.

Do corredor, via-se uma faixa da cama, a sombra da cadeira e um pedaço claro da parede. Rosa passou algumas vezes por ali, em idas pequenas, sem tarefa inteira. Levava um pano, voltava com outro, procurava alguma coisa na cozinha, esquecia o que tinha ido buscar, tornava a passar. A porta continuava igual.

Quando entrou de novo, a cama estava arrumada. O lençol esticado até o limite, preso nas laterais, liso sobre o colchão. Rosa olhou para a cama e ajeitou com a ponta dos dedos uma dobra quase invisível. O tecido estava frio. A mão ficou ali por um instante, aberta sobre a beirada, recebendo o frio do pano.

Nenhum livro fora do lugar. Os livros estavam alinhados como ficavam depois que ela tirava o pó. Alguns mais gastos na lombada, outros pouco abertos, todos juntos na mesma prateleira. Rosa passou os olhos por eles sem procurar título. Conhecia o volume de cada um, a altura, a inclinação, o espaço que sobrava no fim da fileira. Um deles avançava um pouco além dos outros. Ela empurrou com dois dedos até a lombada voltar ao mesmo plano.

A tomada estava sem carregador. A parede, sem retrato. Rosa olhou para a tomada por mais tempo. O lugar do carregador parecia maior agora. Um retângulo baixo, perto do chão, com a boca escura e vazia. Durante anos, ela havia reclamado do fio atravessado, do aparelho largado, da luz pequena acesa de madrugada. Agora havia só a tomada, limpa, muda, inteira.

A janela deixava entrar uma claridade pálida. O dia seguia nublado. A luz vinha fraca, espalhada sobre o lençol, sobre a parede, sobre a madeira da cadeira. Rosa ajeitou a janela. O vidro correu com um ruído baixo. Um pouco de ar entrou e moveu a ponta do lençol.

Parou diante da cadeira.

A camisa estava ali, branca, dobrada com precisão sobre a madeira. Era a mesma cadeira de sempre, de encosto largo, perna trêmula, assento marcado pelo uso. Marcelo já havia deixado muita coisa ali: calça caída pela metade, toalha úmida, livro aberto, camisa usada, papel dobrado, uma meia sozinha. A cadeira recebia o que sobrava dos dias dele. Agora, sustentava uma roupa limpa.

As mangas estavam recolhidas. A gola, baixa. A dobra principal atravessava o peito com linha firme. Rosa reconheceu o trabalho do ferro. Reconheceu também a maneira como a peça guardara a forma ao sair da cozinha. Havia uma pequena sombra entre uma manga e outra, um vão estreito onde o tecido se encontrava consigo mesmo.

Rosa ficou olhando. Tentou lembrar se Marcelo havia dobrado assim sempre. Algumas vezes, sim. Outras, deixava as roupas em qualquer lugar, com a impaciência dos que ainda pertencem à casa. Havia camisas sobre a cama, no encosto, penduradas por um ombro,

esquecidas depois do banho. Aos poucos, certas coisas começaram a mudar. Uma gaveta fechada. Um sapato alinhado. Uma toalha recolhida. Uma camisa dobrada do jeito certo. Ela não soube marcar o dia.

A mão subiu até a manga e parou. Os dedos ficaram suspensos a pouca distância do tecido. A camisa parecia guardar uma temperatura própria, anterior ao toque. Rosa recolheu a mão e passou a palma no avental, devagar.

Pensou: está limpa.

Depois: foi deixada.

Sentou-se na beirada da cama. O quarto recebeu o peso dela sem ruído. A cadeira, diante da cama, parecia próxima demais. Rosa ficou com as mãos sobre os joelhos. O ar tinha cheiro de lençol, madeira e parede fechada. A casa continuava trabalhando em seus ruídos pequenos: uma torneira mal fechada, uma porta de armário cedendo, um som distante da rua.

Rosa olhou de novo para a camisa. Nenhuma dobra precisava ser corrigida. Nenhuma mancha. Nenhum botão solto. Nada pedia a mão dela.

Levantou. Aproximou-se da cadeira e segurou o encosto. A perna trêmula balançou de leve. Rosa firmou a madeira até que parasse. Soltou. A camisa continuou no mesmo lugar.

Saiu do quarto e deixou a porta aberta.

Na cozinha, abriu a geladeira. Olhou sem buscar nada. Havia o frio, a luz interna e as coisas guardadas em seus lugares de sempre. Rosa fechou a porta.

Foi até a janela da sala. A rua estava quieta. Uma criança andava de bicicleta no meio da calçada. Pedalava devagar, corrigindo o guidão a cada poucos metros. Rosa ficou olhando até ela sumir na esquina.

Foi esquentar o almoço.

Capítulo 3
O marido silencioso

Adeimir Cândido chegava sempre no mesmo horário.

Marido de Rosa. Pai de Marcelo. Na casa, porém, essas palavras raramente precisavam ser ditas. Estavam no prato que ele ocupava à mesa, no lugar em que deixava a carteira, no modo como entrava sem perguntar se o jantar estava pronto, na cadeira que puxava ao fim da tarde, quase sempre com o mesmo ruído.

A porta da frente abria com um som baixo, perto do fim do dia. Primeiro vinha o passo no corredor. Depois o peso do sapato no piso da cozinha. Camisa social, calça de tergal, sapato gasto no calcanhar. Adeimir tirava a carteira do bolso, deixava sobre a mesa, puxava a cadeira e

se sentava com o corpo inteiro voltado para o prato.

Rosa conhecia aquela chegada.

O dia podia ter sido mais quente, a rua mais cheia, o serviço mais comprido. Adeimir entrava do mesmo modo. Trazia no rosto uma espécie de poeira fina, feita de repartição, papel, balcão e espera. Às vezes lavava as mãos antes de sentar. Às vezes apenas passava água nos dedos, secava no pano e vinha para a mesa. O gesto variava pouco.

Comia sem pressa, sem ruído.

Pegava o garfo, ajeitava o prato, separava o feijão do arroz com a lateral do talher. Mastigava olhando para baixo. Bebia água no meio da refeição, sempre dois goles curtos. Quando o copo ficava vazio, Rosa enchia. Ele agradecia com um movimento quase imperceptível da cabeça.

Falava pouco.

Comentava o trânsito. A cópia emperrada da impressora. O novo modelo de crachá. Uma fila maior no balcão. Um servidor transferido. Um aviso colado em lugar errado. Coisas pequenas, trazidas para casa com a mesma medida em que haviam acontecido. Rosa escutava enquanto servia, recolhia, aquecia mais um pouco de feijão, afastava a panela da boca do fogão.

Nunca sobre Marcelo.

O nome do filho ficava na casa inteira, mas não entrava na mesa. Estava na cadeira vazia, no quarto aberto, na camisa dobrada, na xícara que já voltara ao armário. Adeimir comia perto de tudo isso e mantinha o prato como centro do olhar. Rosa às vezes observava o marido durante o jantar. As mãos dele no garfo. A dobra da camisa social no punho. O jeito de cortar um pedaço pequeno de carne e levá-lo à boca sem pressa.

Pensava em perguntar.

Não sobre Marcelo diretamente. Alguma coisa que chegasse perto. Se ele sabia para onde os selados eram encaminhados. Se havia prazo. Se

alguém podia visitar. Se uma ficha assinada continuava valendo depois que o filho atravessava a porta. A pergunta se formava enquanto ela segurava a colher de servir. Ficava ali, entre a panela e o prato.

Adeimir terminava o feijão.

Levantava, levava o prato para a pia e ligava o rádio da cozinha.

O rádio ficava sobre a prateleira, perto dos copos de uso diário. Tinha uma mancha escura em volta do botão de volume. Adeimir girava devagar até encontrar uma estação limpa. Entravam vozes, música antiga, notícia curta, propaganda de loja, chiado. O som ocupava a cozinha sem pedir conversa.

Uma vez, enquanto lavava a louça, Rosa disse:

— Ele foi cedo. Levou os documentos.

A água corria sobre o prato. A espuma subia na borda da pia. Rosa mantinha o corpo inclinado, de costas para Adeimir. Disse a frase sem virar. A voz saiu no meio do barulho da torneira,

misturada ao som do rádio e ao contato da louça com a cuba.

Adeimir respondeu sem olhar:

— Se ele está ativo, está bem.

Foi tudo.

A frase ficou na cozinha.

Rosa desligou a torneira. A água parou de cair, e ainda assim a frase continuou. Ativo. A palavra parecia limpa demais para Marcelo. Cabia em ficha, quadro, sistema, escala, prontuário. Na boca de Adeimir, vinha simples, quase doméstica, como se dissesse alimentado, empregado, em serviço, vivo de um modo suficiente.

Rosa enxugou as mãos no pano.

Ficou de costas para ele por um instante. A louça ainda esperava. Um prato com espuma. Uma colher dentro da panela. O copo de Adeimir perto da borda. Ela olhou para o azulejo da parede, para uma pequena mancha

antiga perto da torneira, para o risco fino que nunca saía por inteiro.

Adeimir abriu a gaveta.

Tirou o palito. Voltou para a cadeira. Colocou o palito no canto da boca e ficou ouvindo o rádio. A música que tocava era uma que Rosa não reconheceu. Tinha uma voz baixa, de homem, e um acompanhamento distante, quase escondido pelo chiado. Adeimir parecia escutar sem escutar. O corpo dele já estava na cadeira, no rádio, no fim do dia.

Rosa lavou o resto da louça.

O prato de Marcelo estava no armário. Ainda no mesmo lugar. Durante muito tempo, ela mantivera os pratos separados por costume: o de Adeimir, o dela, o de Marcelo quando comia em casa. Depois os filhos foram saindo, voltando, deixando de voltar, e a ordem dos pratos permaneceu por teimosia de uso.

Naquela noite, abriu o armário e ficou olhando.

Os pratos estavam empilhados como sempre. O de Marcelo aparecia no alto, branco, com uma lasca pequena na borda inferior. Rosa o pegou com as duas mãos. O esmalte estava frio. Passou o polegar pela falha da borda, sentindo o pequeno relevo onde a louça havia perdido a pele.

Atrás dela, Adeimir continuava sentado.

O palito se movia devagar no canto da boca. O rádio tocava uma música que ela não reconheceu. Às vezes o chiado cobria a voz. Às vezes a voz voltava, fina, como se viesse de outra cozinha.

Rosa afastou dois pratos da pilha e colocou o de Marcelo mais ao fundo.

Fez isso com cuidado, para que a louça não batesse. O prato escorregou um pouco antes de assentar. Ela ajeitou a borda com a ponta dos dedos. Ficou um instante com a mão dentro do armário, tocando ainda o lugar onde havia deixado o prato.

Fechou a porta.

O rádio continuava.

Adeimir tirou o palito da boca, olhou a ponta, tornou a colocá-lo entre os dentes. Não perguntou nada. Rosa voltou para a pia. Havia uma colher molhada perto da cuba. Ela enxugou a colher, guardou na gaveta, torceu o pano e o estendeu na beirada.

A frase dele voltou no meio desses gestos, no mesmo tom baixo em que fora dita.

Se ele está ativo, está bem.

Rosa olhou para o armário fechado. A porta estava limpa. O puxador, ligeiramente frouxo. A madeira guardava, por dentro, o prato que ela havia movido.

A cozinha ficou em ordem, Adeimir continuou ouvindo o rádio.

Capítulo 4
Quatro filhos

Rosa sabia onde cada filho ainda tocava a casa. O copo de Daniel ficava no fundo do armário, separado sem que ninguém tivesse decidido separar. Luciana, quando aparecia, dobrava a toalha de prato em três partes antes de ir embora. Márcia tomava café sempre na mesma caneca, de pé, perto da pia. Marcelo deixara a camisa no quarto, o prato no armário, a xícara lavada cedo demais.

Daniel vinha às vezes.

Batucava no portão com dois toques curtos. Rosa reconhecia antes de levantar. Ao abrir, encontrava o filho no alpendre, suado, sujo, tremendo um pouco, com os olhos acesos demais e as mãos perto dos bolsos. Ele olhava

primeiro para o chão, depois para dentro da casa, como se medisse a distância entre o portão e a cozinha.

— Tem um dinheiro, mãe?

Rosa segurava a porta aberta.

— Você comeu hoje?

Daniel passava a mão pelo rosto, desviava, dava um passo para dentro.

— Mais tarde eu vejo isso.

Ela ia até o fogão, levantava a tampa da panela, servia arroz, feijão, um pedaço de carne quando havia. Daniel se sentava na beirada da cadeira. Comia depressa, com o corpo inclinado para a frente, uma das mãos ainda perto do bolso. Rosa empurrava o copo de água na direção dele. Ele bebia de uma vez, devolvia o copo vazio e continuava comendo.

Na terceira recusa, chegou com um papel dobrado no bolso da camisa. A borda aparecia molhada de suor. Rosa viu o carimbo antes de

ver as palavras. Daniel sentou no degrau da cozinha, pediu água, bebeu tudo e ficou olhando para o copo.

— Outra vez? — ela perguntou.

Ele apertou o bolso com a mão.

— Terceira.

Rosa não pediu o papel. Ficou parada perto da pia, com o copo dele nas mãos.

— Quer que eu lave essa camisa?

Daniel olhou para a própria camisa, depois para a porta.

— Depois.

Ela deixou uma muda de roupa dobrada no alpendre antes de dormir. Camiseta limpa, bermuda, meia. Daniel às vezes levava. Às vezes deixava. Quando a roupa amanhecia no mesmo lugar, Rosa recolhia tudo e lavava outra vez, mesmo limpo. Em algumas noites, ele deitava no alpendre quando o corpo já não aguentava

voltar. Uma vez, Rosa saiu com uma manta. Daniel abriu os olhos antes que ela chegasse perto.

— Estou bem.

Ela estendeu a manta sobre ele do mesmo modo. Primeiro as pernas, depois o ombro. Daniel virou o rosto para a parede e ficou quieto.

Luciana ligava toda semana, sempre no mesmo horário, sempre do mesmo número. Rosa atendia com o pano ainda na mão, ou com a colher dentro da panela, ou com a porta da geladeira aberta. A voz da filha vinha clara, pronta, com as frases já colocadas em ordem.

— Mãe, você está tomando o remédio no horário?

— Estou.

— O pai está comendo direito?

— Está.

— O Daniel apareceu?

Rosa olhava para o alpendre, mesmo quando era dia.

— Apareceu ontem.

— Pediu dinheiro?

Rosa não respondia de imediato. Passava o pano na mesa, dobrava uma ponta, alisava outra.

— Comeu.

Do outro lado, Luciana respirava como quem segurava a frase para não dizer demais. Depois falava de escola, reunião, criança faltando, relatório, encaminhamento. Usava as mesmas palavras com que organizava o trabalho. Frequência. Procedimento. Acompanhamento. Quando Rosa mencionou a camisa branca de Marcelo, aquela que ficara no quarto, Luciana ficou em silêncio por pouco tempo.

— Mãe, guarda isso.

— Está guardada.

— Não é assim que eu estou dizendo.

Rosa olhou para a janela. A rua estava baixa. Um caminhão passou longe, fazendo tremer um vidro frouxo.

— Ele foi cedo — disse Rosa. — Levou os documentos.

— Se ele foi aceito, é porque está bem. Não fica remoendo.

Rosa ficou com o telefone junto ao ouvido. Na mesa havia uma faca para guardar, uma panela sem tampa, um pano úmido dobrado pela metade.

— Você falou com a Márcia? — Luciana perguntou.

— Ela vem quando sai do turno.

— E o Daniel?

— Comeu.

— Mãe.

Rosa afastou a faca da beirada da mesa.

— Estou bem.

A ligação terminava quase sempre assim. Rosa esperava a tela escurecer antes de guardar o telefone.

Márcia aparecia pouco. Quando aparecia, entrava já indo embora. Vinha com o jaleco dobrado no braço ou com os olhos ainda presos no turno da noite. Rosa ouvia a chave na porta, o passo rápido, a bolsa encostando na cadeira. A filha beijava o rosto dela de lado e ia direto para a cozinha.

— Tem café?

Rosa colocava a xícara sobre a mesa.

— Senta um pouco.

— Só um minuto.

Márcia bebia em pé, segurando a xícara com as duas mãos. O corpo dela parecia dividido entre a cozinha e a rua. Uma mão mexia o café, a outra procurava a chave, os olhos iam até o relógio, a cabeça já estava na próxima coisa.

— O Daniel apareceu?

— Apareceu.

— Comeu?

— Comeu.

Márcia assentia sem alívio. Rosa punha um pedaço de pão em um prato pequeno.

— Come alguma coisa.

— Depois eu como.

— Come agora.

Márcia olhava para o pão, respirava fundo, mordia uma vez e deixava o resto ao lado da xícara. Rosa aproximava o prato de novo. A filha mordia mais um pedaço, quase obedecendo.

Às vezes Murilo vinha com ela. Entrava atrás, menor que a pressa da mãe, carregando um caderno ou folhas dobradas. Sentava no canto da mesa e começava a desenhar sem pedir nada. Rosa puxava a cadeira para ele com o pé, sem interromper Márcia.

— E os outros? — Rosa perguntava.

Márcia entendia de quem ela falava.

— Com os pais.

— Todos?

— Três. Murilo fica comigo hoje.

O menino levantava os olhos do papel quando ouvia o nome. Márcia passava a mão pelos cabelos dele sem olhar direito, como quem confere se o filho ainda estava ali. Rosa punha um prato menor sobre a mesa.

— Ele já jantou?

— Comeu alguma coisa.

— Murilo, quer ovo?

O menino olhava para a mãe. Márcia dizia:

— Responde sua avó.

— Quero.

Rosa quebrava o ovo na frigideira. O óleo chiava baixo. Murilo continuava desenhando enquanto esperava, com o lápis pequeno preso entre os dedos. Quando o prato chegava, ele afastava o papel só o bastante para comer. Márcia olhava o relógio outra vez.

— Deixa ele aqui até mais tarde?

— Deixo.

— Eu volto antes das dez.

Rosa não perguntava se voltaria mesmo antes das dez. Pegava o casaco que Márcia havia deixado no encosto, sacudia de leve, dobrava sobre a cadeira. Quando a filha ia embora, entregava o pão embrulhado em guardanapo.

Márcia pegava, guardava na bolsa e beijava a mãe na testa, rápido, com o corpo já virado para a porta.

Murilo ficava.

Gostava de desenhar com papel usado dos dois lados. Às vezes virava a folha para Rosa sem dizer nada. Ela olhava enquanto lavava uma colher, ou enquanto mexia uma panela, ou enquanto passava o pano na mesa.

— O que é isso aqui?

Murilo inclinava a cabeça.

— Porta.

— E esse risco?

— Chuva.

— E esse?

Ele segurava o lápis parado, pensando.

— Gente.

Rosa aproximava o rosto do papel. Havia três traços, uma linha torta, uma forma fechada. O desenho não explicava nada e, ainda assim, ficava sobre a mesa como uma coisa que pedia cuidado. Murilo às vezes encostava nela com o corpo inteiro. Primeiro o ombro, depois a cabeça perto da cintura. Rosa continuava fazendo o que estivesse fazendo e deixava o menino ali. Quando ele demorava mais, passava a mão sobre os cabelos dele. Murilo aceitava o gesto sem levantar o rosto.

À noite, Rosa cobriu o prato de Daniel e deixou na pia. Ao lado, colocou uma muda de roupa dobrada. O telefone ficou sobre a mesa, com a tela apagada. A caneca de Márcia estava dentro da pia, ainda com um resto de café no fundo. Murilo havia deixado um desenho perto da janela.

Rosa pegou o papel.

Não guardou na gaveta. Também não jogou fora. Alisou a folha com a palma da mão e deixou sobre a mesa, virada para cima.

Apagou a luz da cozinha. No alpendre, a noite ainda podia receber um corpo. No quarto, Adeimir já dormia. Rosa entrou sem acender e deitou ao lado dele, ouvindo a casa baixa, o ruído distante da rua, alguma coisa pequena cedendo na madeira.

Capítulo 5
O menino dos três traços

Murilo desenhava no canto da mesa, perto da janela.

Sentava sempre meio de lado, com um joelho dobrado sobre a cadeira e o outro pé tocando o chão apenas pela ponta. O lápis era pequeno, gasto quase até a madeira, e deixava nos dedos dele uma poeira cinza que ele espalhava pelo papel sem perceber. Usava folhas reaproveitadas: verso de conta, envelope aberto, anúncio de mercado, pedaços de caderno que Márcia trazia dobrados dentro da bolsa. Às vezes Rosa juntava também folhas antigas da casa, arrancadas de cadernos que já não tinham capa. Em uma delas, no canto superior, ainda aparecia a letra M, escrita a caneta azul, quase apagada pelo tempo.

Rosa deixava as folhas perto dele quando sabia que o menino ficaria mais tempo.

— Esse lado está limpo — dizia, alisando o papel com a palma da mão.

Murilo olhava, puxava a folha para perto e começava. Não agradecia sempre. Às vezes só mexia o queixo, num gesto curto, e abaixava a cabeça. Rosa já conhecia essa resposta. Punha um copo de água ao lado, afastado o bastante para não molhar o desenho, e voltava ao fogão.

Ele riscava sem pressa.

A ponta do lápis ia e voltava sobre o papel com ruído baixo. Não parecia procurar figura pronta. Fazia linhas, parava, aproximava o rosto, corrigia um pedaço, apagava com o dedo quando a borracha já não dava conta. Havia desenhos com portas, chuva, gente fina demais, casas sem telhado, quadrados atravessados por riscos. Outros tinham apenas linhas que terminavam antes de se tornar coisa reconhecível.

Rosa às vezes passava por trás dele.

Não se inclinava logo. Primeiro olhava de longe, enquanto enxugava uma colher ou dobrava um pano. O menino parecia sentir a presença dela sem levantar o rosto. Movia o braço um pouco, deixando a folha mais visível.

— Posso ver?

Murilo empurrava o papel com dois dedos.

Rosa se aproximava. Via três janelas, uma porta muito estreita, um risco comprido saindo do chão. Em outro dia, via uma figura sem boca, com braços colados ao corpo. Em outro, apenas uma linha quebrada, descendo até a borda da folha.

— Esse aqui é o quê?

Murilo demorava.

— Casa.

— E esse?

— Porta.

— Essa pessoa está entrando?

Ele olhava para o papel como se a pergunta tivesse atrapalhado alguma coisa. Passava o lápis por cima de um risco já feito.

— Está parada.

Rosa aceitava. Não perguntava mais. Pegava o copo dele, trocava a água quando estava quente, afastava as cascas de cebola da mesa, tirava uma migalha do canto da folha com cuidado para não mexer no desenho.

Naquela tarde, Márcia havia deixado Murilo antes de voltar para o turno. Entrou apressada, beijou Rosa de lado, pediu café e falou que voltaria cedo se desse. Murilo ficou com a mochila encostada na parede e um caderno preso contra o peito. Não disse nada quando a mãe saiu. Só acompanhou a porta com os olhos até ela fechar.

— Quer comer agora? — Rosa perguntou.

Ele balançou a cabeça.

— Depois.

Rosa colocou um prato menor sobre a mesa mesmo assim. Um pouco de arroz, feijão amassado com o garfo, ovo dobrado ao meio. Murilo comeu algumas colheradas, empurrou o prato um pouco para o lado e puxou uma folha limpa. O arroz esfriava perto do cotovelo dele. Rosa não insistiu. Tirou apenas o garfo e deixou o prato ali, caso ele voltasse.

O menino desenhou por muito tempo.

Lá fora, a luz foi baixando sem mudar de cor. O vidro da janela escureceu primeiro nos cantos. A cozinha ficou com o som do lápis, do fogo baixo e de um ônibus passando longe. Rosa mexia o arroz na panela, olhava para a mesa, voltava ao fogão.

Murilo dobrou uma folha ao meio.

Chamou sem chamar. Apenas ficou com o papel na mão, estendido na direção dela. Rosa não percebeu de imediato. Estava com a colher dentro da panela, soltando o arroz do fundo.

— É para mim?

Murilo assentiu.

Ela limpou a mão no pano e pegou o papel. A dobra estava torta. Rosa abriu devagar, tomando cuidado para não rasgar. Dentro havia três traços verticais, espaçados, firmes. Nenhuma casa. Nenhuma porta. Nenhuma chuva. Só três linhas descendo quase até a metade da folha, cada uma com uma pressão diferente do lápis.

Rosa ficou olhando.

— O que é?

Murilo apoiou o lápis na mesa. Olhou para o papel por um instante, como se conferisse se ainda estava ali.

— É ele.

Rosa manteve a folha aberta nas mãos.

— Ele quem?

Murilo pegou o lápis de novo e apontou para os três traços. Tocou primeiro o da esquerda, depois o do meio, depois o da direita. A ponta deixou uma marca pequena sobre a linha central.

— Ele.

Rosa olhou para o menino. Murilo já havia abaixado a cabeça e puxado outra folha. Começou a riscar perto da margem, com o mesmo cuidado de antes, como se tivesse entregado tudo o que precisava entregar.

A panela chiou no fogão.

Rosa virou o rosto, mas não se mexeu. O cheiro do arroz começava a mudar. O papel era fino. Os traços tinham sido feitos com firmeza. Ela sentiu a folha tremer um pouco entre os dedos e apertou menos, para que o movimento não amassasse a borda.

— Murilo.

Ele não levantou o rosto.

— Você quer mais papel?

O menino empurrou com a mão uma folha usada pela metade.

— Esse ainda dá.

Rosa fechou o desenho seguindo a dobra torta. Ficou um instante com ele entre as mãos, perto do avental. Murilo continuava desenhando. O prato dele permanecia ao lado, com o arroz frio, o ovo cortado, uma marca de garfo no feijão.

Ela abriu a gaveta dos talheres.

As colheres estavam separadas por tamanho. Havia elásticos de pão enrolados no canto, tampas soltas, uma vela pequena, um abridor antigo. Rosa colocou o papel entre as colheres de sobremesa e os elásticos. Não no fundo. Também não por cima. Empurrou apenas o bastante para que a gaveta fechasse sem dobrar mais a folha.

Fechou devagar.

Murilo riscou mais uma linha.

Rosa voltou para o fogão. O arroz estava passando do ponto. Ela baixou o fogo, mexeu uma vez, raspando de leve o fundo da panela, e tampou.

Na mesa, Murilo desenhava outra coisa.

Capítulo 6
Travessia

Ela o viu duas vezes.

No quarto, a camisa estava mais baixa de cor.

Rosa a levantava da cadeira aos sábados, passava o pano no assento, limpava o encosto largo e devolvia a peça ao mesmo lugar. A dobra principal já não ficava tão marcada. A gola cedia um pouco para dentro. Quando a janela estava aberta, uma ponta da manga se movia antes de cair de novo sobre o assento.

Na cozinha, Adeimir continuava chegando no mesmo horário. Sentava, comia, ligava o rádio. O gesto permanecia igual, mas o rosto não. Havia uma ruga mais funda entre os olhos, e outra perto da boca, no lugar onde a palavra

terminava antes de sair. Rosa via quando servia o prato dele. Ele não comentava.

Luciana já não ligava sempre da sala de aula. Às vezes ligava da coordenação, com vozes ao fundo, uma porta abrindo, alguém chamando por ela. Falava mais baixo nesses dias, como quem ocupava uma sala que ainda estava aprendendo a usar. Perguntava por Rosa, por Adeimir, por Daniel. Quando falava de Marcelo, usava as mesmas palavras, mas com menos pressa.

Márcia vinha mais cansada. O jaleco chegava mais amarrotado no braço. O café esfriava antes que ela terminasse. Às vezes sentava, coisa que antes quase nunca fazia, e ficava alguns segundos com as duas mãos em volta da xícara, olhando para dentro dela. Murilo já não cabia do mesmo jeito na cadeira. O joelho batia por baixo da mesa quando ele se mexia, e os desenhos ocupavam mais folha.

Daniel ainda batia no portão. Algumas vezes com dois toques curtos. Outras, só encostava a mão no ferro e esperava. Rosa reconhecia de qualquer modo. Servia o prato, empurrava o

copo de água, deixava a muda de roupa dobrada perto da porta. De manhã, às vezes a roupa estava no mesmo lugar. Às vezes, não.

Na gaveta da cozinha, os papéis prendiam na lateral. Rosa puxava devagar para não rasgar. Havia recibos antigos, envelopes pardos, comprovantes de atendimento, uma bala grudada no canto, folhas de balcão com o nome de Marcelo e a mesma palavra repetida no campo de estado.

Ativo.

Rosa empurrava tudo de volta com a ponta dos dedos e fechava a gaveta com o joelho.

Foi numa manhã de sol que ela o viu pela primeira vez.

Levava uma conta paga dentro da bolsa. O papel ficava entre a carteira e um envelope vazio. Na calçada, o sinal abriu. As pessoas começaram a atravessar.

Marcelo vinha do outro lado.

Marcelo vinha do outro lado.

Uniforme limpo, pasta sob o braço, olhos à frente. Caminhava com a mesma medida dos outros, mas o corpo dele parecia menos atravessado pela rua. O sol batia no ombro, escorria pela manga, tocava a lateral do rosto sem alterar o passo.

Rosa parou no meio da travessia.

Alguém atrás dela desviou. Um homem reclamou baixo. A criança puxada pela mãe tropeçou perto do meio-fio e continuou. O sinal ainda estava aberto, mas a faixa parecia estreita demais para todos os corpos que passavam.

Marcelo olhou na direção dela.

O olhar chegou. Passou por Rosa. Não se desviou com pressa, não endureceu, não pareceu vazio. Apenas seguiu dentro do movimento que já vinha fazendo. A pasta permaneceu junto ao corpo. A mão não se abriu. A boca não formou palavra. O queixo manteve a mesma altura.

Rosa segurou a bolsa com mais força.

O couro marcou a palma. Ela sentiu a alça ceder um pouco entre os dedos. A conta paga estava lá dentro, dobrada junto ao envelope vazio. Pensou que o papel poderia amassar. Atravessou o restante da rua com os outros, já sem saber se pisava no branco da faixa ou no asfalto entre as linhas.

Do outro lado, virou-se.

Marcelo continuava andando. Passou diante da repartição, subiu o pequeno desnível da calçada e desapareceu atrás de duas pessoas que entravam pela porta lateral. Rosa ficou olhando até a porta fechar. Uma mulher perguntou se ela ia entrar. Rosa disse que não e saiu da frente.

Na volta para casa, comprou sal.

Não precisava naquele dia, mas entrou no mercado e comprou. Ficou parada diante da prateleira por mais tempo do que o pacote exigia. Escolheu o menor. No caixa, entregou dinheiro a mais. A moça devolveu as moedas, e Rosa guardou tudo no bolso externo da bolsa, junto com o comprovante da conta.

Em casa, colocou o sal no armário errado.

Só percebeu quando foi buscar uma panela e encontrou o pacote entre os pratos. Tirou de lá, levou até a prateleira dos mantimentos e deixou ao lado do arroz. Depois abriu a gaveta da cozinha. Os papéis prenderam na lateral, como sempre. Rosa puxou devagar. Viu o nome de Marcelo em uma folha dobrada. Fechou sem tocar mais.

Nesse dia, a comida demorou.

Adeimir chegou no horário. Sentou. O rádio ficou desligado por alguns minutos, até ele perceber. Rosa serviu o prato dele e voltou para o fogão. O feijão tinha engrossado demais. Ela pôs um pouco de água, mexeu, esperou levantar fervura.

— Foi ao centro? — Adeimir perguntou.

— Fui.

Ele cortou a carne em pedaços pequenos.

— Pagou a conta?

— Paguei.

Rosa colocou o próprio prato na mesa, mas comeu pouco. Adeimir não perguntou mais nada. Depois do jantar, levantou, levou o prato para a pia e ligou o rádio. A música entrou baixa, com chiado.

Rosa lavou os pratos sem pressa. A água estava quente. O vapor subia e deixava o vidro da janela opaco. Ela passou o pano no mesmo prato duas vezes antes de guardar.

Nos dias seguintes, atravessou menos depressa.

Não procurava com os olhos de modo aberto. Olhava vitrines, placas, portas de repartição, pontos de ônibus, grupos parados perto de guichês. Quando via uniforme, continuava olhando mais um segundo. Quando não era ele, seguia. Uma vez entrou na farmácia e esqueceu o que ia comprar. Outra vez passou direto pela padaria e voltou pelo outro lado da rua.

A segunda vez foi em um evento público.

Havia fila longa, cadeiras plásticas encostadas na parede e uma mesa coberta com pano claro. Um alto-falante pequeno chamava nomes com som estourado. As pessoas seguravam documentos, envelopes, senhas dobradas, crianças pela mão. Rosa estava ali por causa de uma validação simples, dessas que ninguém explicava direito e todo mundo fazia quando chegava o aviso.

Entrou na fila.

O ar tinha cheiro de papel, roupa molhada e desinfetante. Na parede, um cartaz novo cobria a marca de outro mais antigo. Rosa ficou atrás de uma mulher de blusa azul, que conferia a bolsa a cada poucos minutos. À frente, um homem tossia dentro da mão fechada. A fila avançava pouco.

Foi então que viu a nuca.

Marcelo estava mais adiante, quase perto da mesa. Reconheceu antes de pensar no nome. A nuca limpa, o cabelo cortado baixo, o queixo um pouco erguido, a pasta presa sob o braço esquerdo. O uniforme assentava no corpo dele

sem sobra. Havia outras pessoas em volta, mas Rosa viu apenas aquele espaço onde ele estava.

A fila andou.

Rosa deu um passo.

Marcelo virou um pouco o rosto, atendendo a alguma voz da mesa. O perfil apareceu por um instante. A mesma linha da testa. O mesmo nariz. Uma diferença pequena na boca, mais fechada, como se o repouso também tivesse aprendido medida.

Ele a viu.

Rosa soube pelo intervalo mínimo entre um movimento e outro. O rosto dele ficou voltado para ela um instante que cabia inteiro dentro da fila. Depois voltou para a mesa. O servidor apontou um campo no papel. Marcelo inclinou a cabeça, assinou onde indicaram e recolheu a folha.

A fila andou outra vez.

Ninguém abriu espaço. Ninguém percebeu. A mulher de blusa azul guardou uma senha na bolsa. O homem tossiu de novo. O alto-falante chamou outro nome. Marcelo deu um passo lateral, recebeu alguma coisa, conferiu sem pressa e saiu pela porta do fundo.

Rosa permaneceu na fila.

Quando chegou à mesa, o servidor perguntou pelo documento. Ela abriu a bolsa e não encontrou de imediato. Tirou a carteira, o envelope vazio, o comprovante antigo, uma bala solta, um lenço dobrado. O documento estava no bolso menor, onde sempre ficava. O servidor esperou. Ela entregou. Assinou no campo indicado. A assinatura saiu curta demais.

Na volta, entrou no ônibus errado.

Sentou perto da janela. Só percebeu depois de três paradas, quando a rua virou para um lado que ela não usava. Levantou depressa, puxou a campainha e desceu antes que a porta abrisse por inteiro. Havia chuva fina. A calçada estava escura, com pequenas poças junto ao meio-fio.

Esperou o próximo ônibus em pé.

A bolsa pesava no braço. Pessoas passavam com guarda-chuva, sacolas, pastas, crianças puxadas pela mão. Rosa olhava para os pés delas, para a água subindo na barra das calças, para o brilho dos sapatos molhados. Quando o ônibus chegou, subiu sem olhar para o motorista.

Chegou em casa com fome.

Tinha esquecido de jantar. Abriu a geladeira, ficou algum tempo diante das panelas cobertas e escolheu a menor. Aqueceu o que havia, mexendo com a colher de pau até o fundo soltar. Comeu em pé, diante do fogão. A comida estava quente demais no primeiro bocado. Rosa esperou um pouco, depois continuou.

Lavou o prato.

Enxugou.

Guardou no armário.

A cozinha ficou com cheiro de comida requentada e chuva entrando pela janela.

Capítulo 7
Conforme o previsto

A carta chegou numa sexta.

Envelope pardo, remetente neutro, assunto escrito em letras pequenas: validação de dado antigo. Rosa recebeu do carteiro ainda com o pano de prato no ombro. Assinou no aparelho, esperou a tela aceitar o dedo, pegou o envelope e ficou um instante no portão, com o sol batendo de lado no braço.

Não abriu na hora. Levou para dentro e deixou sobre a mesa da cozinha, perto do saleiro. Havia uma faca sem lavar ao lado do prato de Adeimir, uma xícara com resto de café no fundo e uma casca de cebola presa à madeira. Rosa afastou a casca com a ponta dos dedos. O envelope permaneceu onde estava.

Adeimir chegou no fim da tarde. Viu o envelope quando tirou a carteira do bolso e a colocou sobre a mesa. Olhou para o remetente, depois para Rosa, mas não perguntou. Sentou, comeu, levou o prato para a pia e ligou o rádio. A carta ficou entre os dois durante o jantar, sem que nenhum deles a movesse.

No sábado, Rosa abriu. Cortou a borda com a faca pequena, devagar, para não rasgar o papel de dentro. A folha vinha dobrada em três. Tinha o nome de Marcelo, o código de registro e uma solicitação simples de comparecimento para confirmação de domicílio. Nada urgente. Nenhuma palavra alta. Nenhuma data marcada em vermelho. Apenas o prazo, o balcão indicado e a frase final informando que a ausência de validação poderia gerar pendência de atualização.

Rosa leu duas vezes.

Dobrou de novo, seguindo os vincos, e deixou a folha dentro do envelope. No almoço, precisou tirar a carta de perto da panela. À tarde, colocou sobre o armário da cozinha. No domingo, quando foi buscar uma travessa, encontrou o

envelope inclinado contra a parede. Pegou, alisou com a mão e pôs dentro da bolsa.

Na segunda, foi à repartição. O prédio tinha a mesma cor de sempre, entre branco velho e cinza. A porta de vidro abria para dentro com um sopro frio de ar condicionado. Rosa entrou, tirou a senha e procurou um lugar. Havia poucas pessoas. Um homem com pasta preta. Uma mulher segurando uma criança adormecida no colo. Dois idosos sentados lado a lado, cada um com seu envelope pardo sobre os joelhos.

Rosa sentou perto da parede. Na tela acima do balcão, os números mudavam com um som curto. Cada vez que o aviso tocava, alguém levantava, ajeitava papéis, caminhava até uma mesa. Rosa segurava a bolsa no colo. Abriu o fecho uma vez para conferir se a carta estava ali. Estava. Fechou. O ar frio tocava os tornozelos. Quando chamaram sua senha, ela se levantou depressa demais. A bolsa escorregou do braço. Rosa segurou antes que caísse e foi até a mesa indicada.

Fernando a atendeu. Tinha os cabelos ralos, os óculos baixos no nariz e uma caneta presa entre

dois dedos, embora quase tudo fosse feito na tela. Pegou a folha, leu sem levantar os olhos e digitou o código. A tela iluminou o rosto dele de baixo para cima. Rosa ficou de pé diante da mesa. Havia uma cadeira vazia, mas ninguém ofereceu. Ela também não pediu.

Fernando conferiu o documento de Rosa, depois voltou à tela.

— Rosa Cândido?

— Sou.

Ele digitou mais algumas coisas.

— Mãe de Marcelo Cândido?

Rosa respondeu depois de um intervalo pequeno:

— Sou.

Fernando marcou um campo. A caneta continuava entre os dedos, inútil. Ele olhou para a folha, para a tela, para a folha outra vez. Puxou

um formulário curto da impressora e colocou sobre a mesa, alinhando a borda ao tampo.

— Confirma o domicílio?

Rosa olhou para o campo impresso. O endereço estava inteiro. Rua, número, bairro, cidade. A casa cabia em uma linha. O portão, a cozinha, a janela aberta, a camisa no quarto, o armário, a gaveta com papéis, tudo reduzido ao espaço estreito antes do ponto final.

— Confirma? — Fernando repetiu.

— Confirmo.

Ele marcou o campo.

— Houve alteração de residência?

— Não.

— O titular mantém vínculo com o domicílio informado?

Rosa demorou um pouco mais. Fernando levantou os olhos. Não havia impaciência nele. Apenas espera de balcão.

— Mantém — ela disse.

Fernando digitou. O teclado fez um ruído leve, rápido, depois parou. Ele virou um pouco a tela, apenas o suficiente para enxergar melhor. Rosa viu o próprio reflexo no canto escuro do monitor. Pequeno, torto, cortado pela borda da janela aberta no sistema. Leu em voz baixa, mais para conferir que para informar:

— Selado. Função ativa. Domicílio validado.

Rosa ouviu. A palavra domicílio ficou mais tempo que as outras. Não era casa. Não era quarto. Não era mesa. Era uma palavra de folha, sem cheiro de café, sem pano úmido, sem cadeira trêmula. Fernando colocou o formulário diante dela e apontou o campo de assinatura.

Rosa assinou. A caneta falhou no começo do sobrenome. Ela reforçou a primeira letra, completou o traço e devolveu. Fernando olhou, carimbou, destacou uma via e entregou a ela.

— Está tudo certo.

Rosa segurou a folha.

— Certo como?

Fernando parou com a mão ainda sobre a segunda via. A pausa não foi longa. Só o bastante para que o ruído da sala aparecesse: um número chamado na tela, a criança se mexendo no colo da mulher, uma gaveta fechando em outra mesa.

Ele respondeu:

— Conforme o previsto.

Rosa guardou a folha na bolsa. Não dobrou de imediato. A folha entrou torta, junto com um recibo antigo e uma bala solta. Fernando já chamava o próximo número quando ela saiu da mesa.

Na calçada, o sol estava forte. Rosa abriu a bolsa e procurou os óculos. Mexeu entre papéis, carteira, lenço, envelope vazio, chave,

comprovante. Não achou. Fechou a bolsa. Ficou um instante parada junto à parede do prédio, onde havia uma faixa estreita de sombra.

A rua seguia cheia. Um ônibus passou levantando poeira. Duas mulheres atravessaram conversando. Um rapaz de uniforme entrou na repartição sem olhar para os lados. Rosa pôs a bolsa no ombro e começou a andar. Na esquina, lembrou que os óculos estavam no bolso do casaco.

Não voltou. Entrou no mercado. Pegou sabão em pó e um pacote de macarrão. No corredor dos grãos, ficou parada diante do arroz, embora ainda houvesse arroz em casa. Pegou um pacote, devolveu, passou a mão na alça da cesta e seguiu para o caixa.

A fila estava curta, e quando chegou sua vez, entregou o dinheiro antes que a moça dissesse o valor. A moça contou, devolveu uma nota e algumas moedas. Rosa guardou o troco no bolso externo da bolsa. A via da repartição ficou amassada entre a carteira e o pacote de macarrão.

Saiu com a sacola no braço. No caminho de casa, a alça plástica marcou os dedos. Rosa trocou a sacola de mão. Passou diante da padaria, da farmácia, da loja de conserto de celulares. No vidro de uma vitrine, viu o próprio rosto sem os óculos. Estava menos nítido do que de costume.

Em casa, colocou o sabão na área de serviço e o macarrão no armário.

A folha ficou dentro da bolsa até a noite.

Só depois do jantar, quando Adeimir já havia ligado o rádio, Rosa abriu a bolsa sobre a mesa e retirou o papel. Alisou com a palma da mão. Leu apenas a parte de cima: nome, código, domicílio validado.

Dobrou em quatro.

Abriu a gaveta da cozinha. Os outros papéis prenderam na lateral. Rosa empurrou com cuidado, abriu espaço e colocou a nova folha junto das demais. A bala solta caiu no fundo da gaveta. Ela pegou, olhou o papel grudado na lateral do doce e deixou ali mesmo.

Fechou a gaveta com o joelho.

O rádio tocava baixo. Adeimir mexia o palito no canto da boca. Rosa lavou a xícara que ainda estava na pia, enxugou, guardou no armário e apagou a luz da cozinha.

Capítulo 8
O uniforme guardado

Tânia passava às vezes na casa de Dona Rosa depois do expediente.

Não avisava antes. Batia no portão com os nós dos dedos, esperava a cortina da cozinha se mover e entrava quando Rosa aparecia. Levava alguma coisa pequena: um pão comprado no caminho, um pacote de chá que a mãe dela não tinha usado, um remédio que sobrara fechado, uma revista velha para recortar receita. Rosa recebia como quem já sabia que ela podia aparecer. Punha água no fogo, tirava duas xícaras do armário e perguntava da mãe de Tânia, do trabalho, da saúde.

Tânia sentava sempre na ponta da cadeira.

A bolsa ficava no colo, as mãos por cima da bolsa, uma sobre a outra. Às vezes olhava para o corredor que dava para os quartos. Não demorava. Olhava como se procurasse apenas uma sombra conhecida na parede. Rosa via e não dizia nada.

Uma vez, enquanto coava o café, Rosa perguntou se ela ainda lembrava do caminho da escola.

Tânia sorriu sem mostrar os dentes.

— Lembro.

— Vocês voltavam por aquela rua do muro amarelo.

— Ele ia na frente.

Rosa mexeu o café com a colher, embora não precisasse.

— Ia mesmo.

Tânia olhou para a mesa. A madeira tinha uma marca antiga de queimado perto do canto, do

tempo em que Marcelo ainda apoiava panelas sem olhar. Ela lembrava da mochila dele batendo nas costas, dos cadernos presos por um elástico, da pressa com que ele atravessava as poças depois da chuva. Lembrava também de um lápis azul que ele havia esquecido no pátio. Guardou por dois dias dentro do estojo antes de devolver. Quando entregou, ele disse obrigado sem levantar muito os olhos. Ela respondeu nada. No recreio seguinte, comprou outro lápis igual e nunca usou.

Rosa serviu o café.

— Açúcar?

— Pouco.

As duas beberam devagar. O nome de Marcelo ficava perto, mas raramente entrava inteiro na conversa. Quando entrava, vinha por desvio. Um papel que chegou. Uma validação. Uma notícia ouvida pela metade. Tânia escutava sem interromper. Às vezes segurava a xícara com as duas mãos até o café esfriar.

Na Escola de Formação, Tânia trabalhava no setor de devoluções e descarte. Horário fixo, mesa fixa, gaveta de metal à direita, armário baixo ao fundo. Chegava antes das oito, abria a sala, ligava a luminária, conferia a pilha do dia e prendia o cabelo com um elástico preto que deixava no puxador da gaveta. Antes do primeiro pacote, passava pano seco sobre a mesa. A poeira era pouca, mas aparecia na luz reta da manhã.

Os objetos chegavam misturados em sacos, caixas e pacotes lacrados: uniformes, cintos, capas, botas, pares incompletos de luvas, etiquetas soltas, formulários de devolução, material de ciclo encerrado. Tânia abria, conferia, anotava, separava. O que retornava ao uso ia para uma caixa. O que precisava de avaliação ia para outra. O que não podia ser reutilizado recebia carimbo e seguia para descarte.

O trabalho pedia atenção sem demora. Camisa dobrada pelo avesso. Calça alinhada pela costura. Bota com sola para fora. Cinto enrolado sem apertar demais. Peça rasgada, à esquerda. Peça íntegra, à direita. Peça com identificação

funcional, folha própria. Peça sem identificação, registro complementar. O carimbo ficava perto da almofada, sempre com a haste voltada para sua mão.

Na tarde de terça, abriu um pacote mais pesado. O lacre estava inteiro. Tânia conferiu o número, copiou no campo correto e cortou a fita com a tesoura pequena. Dentro havia um uniforme completo, dobrado de modo limpo demais para descarte comum. Camisa, calça, cinto, capa leve, par de luvas. As peças vinham frias, com cheiro de armário fechado e produto neutro.

Retirou primeiro a camisa. A etiqueta ficava no colarinho, voltada para dentro, e Tânia precisou abrir a dobra com dois dedos para ler o nome antes de procurar o código.

Marcelo Cândido.

A letra era pequena, impressa em preto sobre faixa clara. Não havia mancha. Não havia rasgo. O colarinho conservava a curva de um pescoço que já não estava ali. Tânia ficou com os dedos presos à etiqueta. Na sala ao lado, alguém

empurrou uma cadeira. O som passou pela parede e se perdeu.

Ela recolocou a camisa sobre a mesa.

Abriu a calça. Conferiu o cinto. Alinhou as luvas uma sobre a outra. O protocolo vinha preso à capa por um clipe. Categoria: reposição sem reutilização. Tânia leu uma vez. Pegou a ficha de encaminhamento, anotou o número do pacote, o nome, o código e o estado das peças. No campo de destino, escreveu descarte. A palavra saiu reta. Encostou o carimbo na almofada e marcou o recibo. A tinta ficou um pouco mais escura na primeira letra.

Havia uma caixa aberta ao lado da mesa para as peças daquela categoria. No fim do turno, seria lacrada e levada ao corredor de fundo. Tânia pegou a camisa pelas extremidades, levantou a peça e aproximou da caixa. As mangas desceram um pouco. No fundo, já havia duas capas, uma bota sem par e um cinto com fivela riscada.

A camisa não caiu.

Tânia a trouxe de volta para a mesa e dobrou de novo. Primeiro uma manga, depois a outra. Alisou o peito com a palma da mão. A dobra ficou correta, quase igual à anterior. No colarinho, a etiqueta desapareceu para dentro. Ela repetiu o mesmo com a calça, o cinto e as luvas, juntando tudo em um bloco estreito.

No armário do fundo, havia uma gaveta pouco usada. Guardava papéis de outros ciclos, etiquetas sem par, um par de luvas que nunca fora retirado da embalagem, formulários antigos e um pano limpo para conferência. Tânia abriu a gaveta. O trilho raspou de leve. Tirou uma pilha de folhas, colocou o uniforme no fundo e tornou a pôr as folhas por cima. As luvas sem uso ficaram na lateral.

A gaveta não encaixou na primeira tentativa. Alguma dobra prendia por dentro. Tânia abriu novamente, empurrou o tecido com a ponta dos dedos, ajeitou a borda da capa e fechou devagar. Dessa vez, o metal entrou sem ruído.

Na mesa, a ficha de encaminhamento continuava com o destino escrito. Descarte. O recibo estava carimbado. A caixa permanecia

aberta, esperando o que não recebeu. Tânia olhou para o campo final, pegou a caneta e marcou apenas conferido. Nenhuma observação.

O restante do turno seguiu como de costume. Mais dois pacotes chegaram. Um trazia luvas rasgadas. O outro, capas leves e três etiquetas soltas. Tânia conferiu, separou, carimbou, encaminhou. Às dezessete horas, lacrou a caixa de descarte com o material que havia dentro. O uniforme não estava nela. Assinou a folha de saída, desligou a luminária e passou a mão sobre a mesa para retirar um fio preso à superfície.

No caminho de casa, passou pela rua de Dona Rosa.

O portão estava fechado. A luz da cozinha, acesa. Tânia diminuiu o passo, mas não parou. Levava a bolsa presa ao ombro e, dentro dela, apenas o estojo, a carteira, um pacote de bala e a chave de casa. Seguiu até a esquina. Antes de virar, olhou para trás. A cortina da cozinha estava parada.

No dia seguinte, chegou antes das oito, abriu a sala, ligou a luminária e prendeu o cabelo com o

elástico preto. Havia uma pilha nova sobre a mesa. Antes de tocar nela, foi até o armário do fundo e abriu a gaveta.

O uniforme seguia ali, sob as folhas antigas. Tânia afastou os papéis, tocou a manga e sentiu o tecido frio. Nada havia mudado. A etiqueta continuava no colarinho. Marcelo Cândido. Ela não retirou a peça inteira. Apenas passou a mão pela manga, alisando uma dobra que quase não existia.

Dobrou novamente, sem necessidade. Colocou os papéis de volta, alinhou a pilha, fechou a gaveta e ficou com a mão no puxador por um segundo. Depois soltou.

Na mesa, o primeiro pacote do dia esperava. Tânia sentou, puxou a ficha, abriu o lacre e começou a conferência. Registrou, conferiu, separou. A gaveta do fundo ficou fechada o dia inteiro.

Capítulo 9
A folha esquecida

A folha apareceu quando Marta separava material antigo para doação. A escola havia pedido que os professores retirassem da sala o que já não era usado: dicionários sem capa, livros repetidos, cartilhas vencidas, cadernos de chamada encerrados, gramáticas antigas, caixas de giz endurecido pela umidade. A sala dos professores ficou cheia de pilhas sobre as mesas. Em uma delas, alguém escreveu "doação" numa tira de papel. Em outra, "descarte". Marta preferiu não escrever nada sobre a sua. Ia decidindo livro por livro, limpando a poeira com a mão aberta e deixando sobre a mesa o que ainda precisava olhar melhor.

A gramática estava na prateleira alta, atrás de dois dicionários pesados. Tinha capa mole, canto

aberto e anotações a lápis nas margens. Marta subiu em uma cadeira, puxou o volume pela lombada e quase derrubou uma caixa de clips. Quando abriu o livro para sacudir a poeira, uma prova antiga deslizou de dentro e caiu sobre a mesa, virada para baixo. Marta desceu da cadeira com o livro na mão, colocou-o ao lado da folha e só então virou o papel.

O papel estava amarelado nas bordas. No alto, ainda se lia o nome: Marcelo Cândido. A disciplina vinha impressa logo abaixo, Língua e Formação Ética. Havia correções em lápis azul, pequenas marcas ao lado das respostas, uma nota no canto superior e a rubrica de Marta perto da data. A grafite havia perdido força, mas não desaparecera. A letra das respostas continuava reta, espaçada, sem pressa aparente. Na margem inferior da última página, fora da área marcada para resposta, estava a frase que ela reconheceu antes de terminar de ler: "Obedecer é fácil. Difícil é permanecer inteiro depois."

Marta manteve a mão sobre a gramática aberta. Do outro lado da sala, uma professora mais nova separava livros por tamanho. A coordenadora passava entre as mesas

perguntando o que ainda servia para consulta. Alguém reclamava do calor. Um ventilador antigo girava no canto, empurrando ar morno e poeira.

— Esse vai para doação? — perguntou a professora mais nova, apontando para a gramática.

— Este, não.

— Ainda usa?

— Às vezes.

A professora assentiu e voltou aos livros. Marta colocou a prova dentro da gramática, entre o capítulo de concordância e uma tabela de pronomes, e deixou o volume sobre sua própria pilha, longe da tira de papel escrita "doação". Continuou separando material por alguns minutos, mas já não olhava direito para as capas. Pegava um livro, abria, fechava, punha de lado. Quando a coordenação recolheu os volumes destinados à doação, a gramática permaneceu junto dos cadernos de Marta.

Ao fim do expediente, ela colocou o livro dentro da sacola de pano que usava para levar provas e diários. A capa ficou contra um pacote de biscoitos comprado para o intervalo. No portão da escola, uma mãe perguntou sobre a matrícula do filho. Marta respondeu o que sabia, indicou a secretaria e seguiu pela calçada. No ônibus, segurou a sacola no colo. Não abriu a gramática. Passou o polegar pela borda da capa, sentindo o canto gasto, a dobra antiga, a poeira presa no papel.

Em casa, deixou a sacola sobre a mesa e preparou o jantar. Só depois da louça abriu a gramática. A prova estava no mesmo lugar. Marta retirou a folha, alisou a borda com a palma da mão e leu novamente a frase da margem. A prova tinha nota, rubrica, data, correção. A frase continuava fora da área da resposta. Dobrou a folha apenas uma vez, seguindo uma marca antiga do papel, e colocou de volta dentro do livro. No dia seguinte, levou a gramática consigo, deixou sobre a mesa da sala dos professores por algumas horas e, no fim da manhã, guardou novamente na sacola.

Encontrou Rosa na feira, na fila do açougue. Reconheceu primeiro o sobrenome quando o atendente chamou a senha e confirmou o pedido.

— Dona Rosa Cândido?

Rosa virou com a sacola vazia no braço.

— Sou.

Marta aproximou-se um pouco. O barulho da feira vinha em ondas: vendedor chamando preço, faca batendo no balcão, sacolas roçando nas pernas, uma criança pedindo pastel perto da barraca da esquina.

— Eu fui professora do Marcelo.

Rosa olhou para ela com atenção, como quem procura um rosto em uma lembrança antiga.

— Marta.

— Isso.

— Língua e Formação Ética.

— Sim.

A fila andou. Rosa voltou o corpo para o balcão, mas manteve os olhos em Marta por um instante.

— A senhora ainda está na escola?

— Estou.

— Marcelo falava pouco da escola.

Marta segurou a gramática contra o corpo.

— Falava pouco lá também.

Rosa não sorriu. O atendente chamou o número dela. Pediu carne moída e osso para caldo. Marta esperou ao lado, com a sacola presa ao braço. Quando o embrulho ficou pronto, Rosa pagou, guardou o troco e saiu da fila. Marta acompanhou até a lateral da barraca, onde o movimento era menor.

— Encontrei uma folha antiga — disse Marta.

— Dele?

Marta abriu a gramática na página marcada. A prova estava dobrada entre as folhas. Retirou com cuidado e entregou a Rosa.

— Estava num livro meu da escola.

Rosa recebeu com as duas mãos. O pacote de carne pesava no braço esquerdo. Ela apoiou a sacola contra o corpo e abriu a folha devagar. Leu o nome no alto, passou os olhos pelas respostas corrigidas e parou na margem inferior. A feira seguia ao redor das duas, com cheiro de carne fresca, fruta madura e cheiro-verde molhado.

— Foi ele que escreveu?

— Foi.

— A senhora mostrou para alguém?

— Não.

Rosa leu outra vez. O sol batia no toldo azul da barraca e deixava a calçada com uma sombra

irregular. Um homem pediu licença para passar. Rosa deu meio passo para trás sem tirar os olhos da folha.

— Por que guardou?

Marta olhou para a própria mão sobre a capa do livro. Havia uma marca de pó no dedo.

— Não consegui pôr junto das outras coisas.

Rosa dobrou a folha pelo vinco antigo.

— Ele sabia?

— Não.

— A senhora entregou outra?

— Uma cópia limpa.

Rosa assentiu. Guardou a folha dentro da bolsa, entre a carteira e o papel do açougue. O gesto foi cuidadoso, mas rápido. A feira não permitia muita demora.

— Obrigada.

— Eu devia ter entregado antes.

— Chegou agora.

As duas ficaram lado a lado por alguns segundos. Marta olhou para a banca de temperos. Rosa também. O vendedor amarrou um maço de cheiro-verde com barbante fino e perguntou se era só. Rosa disse que sim. Marta acompanhou Rosa até o fim da feira sem combinar isso. Foram andando no mesmo ritmo, desviando de caixas, poças pequenas e carrinhos de compra.

Na esquina, Rosa parou.

— A senhora toma café um dia desses?

Marta segurou melhor a gramática.

— Tomo.

— Passa lá.

— Passo.

Rosa seguiu para casa. Marta ficou na esquina, esperando o sinal abrir, com a gramática encostada ao corpo e a sacola de pano pendendo do braço.

Em casa, Rosa colocou a carne na geladeira e o cheiro-verde dentro de um copo com água. Lavou as mãos, enxugou no pano da pia e retirou a folha da bolsa. Leu de novo, agora sem o barulho da feira. O papel parecia mais frágil dentro da cozinha. Rosa deixou a folha sobre a mesa, perto do prato menor de Murilo, onde a luz da janela alcançava apenas uma parte do papel.

Quando Murilo chegou no fim da tarde, viu antes de sentar. Aproximou o rosto, sem tocar.

— É dele?

Rosa estava no fogão.

— É.

— Foi ele que escreveu?

— Foi.

Murilo ficou olhando por mais um instante. Depois puxou uma folha usada do monte perto da janela, sentou no canto da mesa e começou a desenhar. Rosa mexeu a panela. O cheiro do caldo subiu. A folha de Marcelo permaneceu sobre a mesa, ao lado do prato menor, enquanto o lápis de Murilo riscava outra coisa.

Capítulo 10
Excesso de intenção

Jonas morava duas ruas abaixo da casa de Rosa, numa construção estreita de portão baixo, parede descascada e uma mangueira que crescia inclinada sobre a calçada. Era filho de Neide, que fazia pequenos consertos de roupa para a vizinhança e às vezes passava na casa de Rosa para buscar uma barra de calça, uma toalha rasgada ou uma camisa de Adeimir com botão frouxo. Quando menino, Jonas vinha junto e ficava no degrau da cozinha, bebendo água em copo de alumínio, enquanto a mãe media tecido com a fita pendurada no pescoço.

Cresceu magro, comprido, com os ombros sempre um pouco levantados, como se a roupa não tivesse alcançado direito o corpo. Trabalhava em serviços curtos, ajudava a

descarregar mercadoria, fazia entrega de bicicleta, trocava lâmpada, carregava botijão, qualquer coisa que aparecesse e não exigisse registro fixo. Cumprimentava Rosa com respeito, chamando-a de dona Rosa, e continuava andando. Nos últimos meses, porém, passou a parar no portão por mais tempo.

— A senhora tem linha branca? — perguntou numa tarde.

Rosa estava limpando a mesa da cozinha. Neide havia passado mais cedo, mas esquecera um carretel junto de uma camisa de Adeimir.

— Linha branca?

— Minha mãe disse que talvez tivesse deixado aqui.

Rosa procurou perto da máquina antiga, encontrou o carretel e entregou pelo portão. Jonas segurou como se fosse coisa maior.

— Ela está costurando muito?

— Está.

— E você?

Ele olhou para a rua antes de responder.

— Estou vendo umas coisas.

— Que coisas?

— Inscrição.

Rosa apoiou uma mão no portão.

— Trabalho?

— Formação.

A palavra saiu mais baixa. Jonas guardou o carretel no bolso e ficou parado, esperando alguma pergunta que Rosa não fez. Do outro lado da rua, duas crianças riscavam o chão com pedra. Um cachorro dormia na sombra do muro. Jonas ajeitou os ombros.

— Precisa de roupa certa — ele disse.

— Sua mãe sabe passar roupa.

— Precisa de resposta certa também.

— Para isso ela não passa ferro.

Jonas não soube se devia rir. Fez apenas um movimento curto com a boca, agradeceu pela linha e foi embora. Na esquina, Rosa viu que ele parou diante do vidro de uma loja fechada. Endireitou a coluna, baixou o queixo, ensaiou um rosto sério e seguiu.

Depois disso, Jonas começou a aparecer em lugares pequenos com uma atenção que antes não tinha. Na fila do mercado, respondia ao caixa com frases curtas demais. No ponto de ônibus, ficava de pé mesmo com banco vazio. Na padaria, demorava para pedir pão, como se escolhesse não apenas a quantidade, mas o modo de dizer. Neide perdeu a paciência numa manhã em que ele ficou olhando para a vitrine sem falar.

— Pede logo, menino.

— Seis franceses.

— É só isso? — perguntou o atendente.

— É.

Neide pegou a sacola e saiu com ele pela manga. Rosa estava no fim da fila, com um pacote de açúcar na mão. Fingiu procurar moedas na bolsa, mas ouviu quando Neide falou baixo na calçada.

— Você está ficando esquisito.

— Estou treinando.

— Treinando para quê?

— Para não errar.

— Você já está errando desse jeito.

Jonas não respondeu. Rosa pagou o açúcar e saiu depois. Neide a viu, levantou a mão num cumprimento rápido, mas não parou. Jonas seguia ao lado da mãe com a sacola de pão pendendo da mão, sem balanço.

Na semana seguinte, Neide levou duas peças costuradas à casa de Rosa e aceitou café. Sentou-se na cozinha com a bolsa no colo, tirou de dentro um botão que havia sobrado e colocou sobre a mesa.

— Ele está impossível.

Rosa serviu café nas duas xícaras.

— Jonas?

— Quem mais? Fica na frente do espelho treinando resposta. Anda pela casa como se tivesse alguém avaliando o passo. Ontem pediu para eu ouvir a justificativa da ficha.

— E ouviu?

— Ouvi. Quase mandei rasgar.

Rosa esperou. Neide tomou um gole, fez uma careta pequena porque estava quente e repetiu a frase com incômodo, como quem carrega coisa que não pertence à própria boca.

— "Quero servir com lucidez, sem perder minha voz."

Rosa colocou o bule de volta no fogão.

— Foi ele que escreveu?

— Foi. Perguntou se estava forte. Eu disse que estava comprido. Ele ficou bravo.

— E entregou?

— Entregou. Passou a limpo três vezes. A letra ficou bonita, isso ficou. Mas bonita demais, sabe? Parecia convite de casamento.

Neide abriu a bolsa, tirou um lenço e limpou a testa, embora a cozinha não estivesse quente. Rosa empurrou o prato de bolachas para mais perto.

— Ele quer muito.

— Quer. Esse é o problema. Quer tanto que a vontade aparece antes dele.

Rosa não respondeu. Neide pegou uma bolacha, partiu ao meio e deixou uma parte no prato.

— Eu falei para escrever simples. "Quero trabalhar." "Quero aprender." Essas coisas que cabem no papel. Mas ele acha que precisa entrar pronto.

— Ninguém entra pronto.

— Ele não escuta isso de mim.

Jonas voltou à casa de Rosa oito dias depois. Trazia um envelope dobrado na mão, marcado pelos dedos. Neide não vinha junto. Rosa o viu do portão antes que ele chamasse e abriu sem perguntar. Ele entrou até a cozinha, sentou na ponta da cadeira e colocou o envelope sobre a mesa, entre a própria mão e o saleiro. Rosa serviu água. Jonas segurou o copo, mas não bebeu.

— Minha mãe está trabalhando.

— Eu sei.

— Pedi para vir aqui antes.

— Ela sabe que você veio?

— Sabe.

Rosa sentou do outro lado. Jonas abriu o envelope, tirou uma folha curta, com carimbo no centro, e empurrou para ela. Havia o nome dele, o código de inscrição, a assinatura de recebimento e, no campo de resultado, uma frase impressa em letras retas: inadequação por excesso de intenção.

Rosa leu uma vez, depois outra. Jonas continuava olhando para a mesa.

— O que quer dizer? — ele perguntou.

— Que você quis demais aparecer certo.

Ele apertou o copo.

— Isso está escrito aí?

— Com outras palavras.

— Mas eu fiz tudo como pediram.

— Talvez tenha feito mais do que pediram.

Jonas bebeu um gole de água. A mão tremia pouco, e ele tentou corrigir o tremor segurando o copo com as duas mãos.

— Falei pouco. Andei certo. Entreguei limpo. Não brinquei. Não reclamei. Não inventei desculpa.

— E ficou pensando nisso o tempo todo.

— Era para pensar.

— Era para viver também.

Ele levantou os olhos, incomodado.

— Viver atrapalha.

Rosa encostou as costas na cadeira. Do fogão vinha o cheiro fraco de feijão requentado. Na janela, uma mosca batia no vidro e voltava para o mesmo lugar.

— Atrapalha o quê?

— A forma.

— Que forma, Jonas?

Ele abriu a boca, mas demorou para responder.

— A que eles querem.

— Você sabe qual é?

— Todo mundo sabe um pouco.

— Um pouco não serve para vestir uma pessoa inteira.

Jonas olhou para a própria camisa. Estava limpa, passada, com a gola firme. Havia um fio solto perto do botão de cima. Ele tentou puxar, mas Rosa segurou a mão dele antes.

— Deixa.

— Está aparecendo.

— Está.

— Fica feio.

— Fica seu.

Jonas ficou parado. Rosa soltou a mão dele e empurrou o copo um pouco mais para perto. Ele terminou a água, pousou o copo com cuidado e olhou a marca úmida que se formou sobre a mesa.

— Minha mãe vai dizer que avisou.

— Vai.

— E eu vou ter que ouvir.

— Vai.

— A senhora podia falar com ela?

— Posso falar. Mas não para tirar dela o que ela tem direito de dizer.

Jonas dobrou a folha pelo mesmo vinco e guardou no envelope. O rosto parecia mais novo do que quando entrou. A camisa continuava bem passada, mas o colarinho começava a ceder

numa ponta. Rosa levantou, foi ao fogão e mexeu a panela.

— Comeu?

— Não.

— Tem feijão.

— Não estou com fome.

— Senta direito.

Ele já estava sentado, mas entendeu. Encostou melhor na cadeira, colocou o envelope ao lado do prato que Rosa pôs diante dele e esperou. Ela serviu pouco, como se desse ao corpo a chance de aceitar antes da obrigação. Jonas pegou a colher. No primeiro bocado, mastigou devagar. No segundo, a pressa apareceu. Rosa não comentou. Ficou perto da pia, lavando uma faca que já estava limpa.

— Está bom — ele disse.

— É de ontem.

— Mesmo assim.

Quando terminou, levou o prato até a pia.

— Deixa aí.

— Eu lavo.

— Hoje, deixa.

Jonas obedeceu sem corrigir o gesto. Pegou o envelope e foi até a porta da cozinha. Antes de sair, parou.

— A senhora acha que dá para tentar de novo?

Rosa enxugou as mãos no pano.

— Hoje, vai para casa.

— Só hoje?

— Hoje já é bastante.

Ele assentiu e saiu. Passou pelo portão com o envelope junto ao corpo. Na esquina, havia o

vidro da loja fechada. Jonas passou por ele sem olhar.

Mais tarde, Neide apareceu no portão. Não entrou. Trazia a bolsa atravessada no corpo e os olhos vermelhos de quem havia brigado, chorado ou segurado as duas coisas.

— Ele veio aqui?

— Veio.

— Mostrou?

Rosa assentiu.

Neide olhou para a rua, depois para a cozinha iluminada atrás de Rosa.

— Agora está no quarto, quieto. Quieto de um jeito ruim.

— Comeu aqui.

Neide respirou como se essa informação tivesse tirado um peso pequeno, mas real.

— Comeu?

— Feijão.

— Ele não comeu em casa.

— Comeu aqui.

Neide passou a mão no rosto.

— Eu falei demais.

— Falou o que tinha.

— Chamei de besta.

Rosa abriu o portão um pouco mais, mas Neide continuou do lado de fora.

— Ele foi besta um pouco.

Neide soltou um riso curto, quase sem som, e limpou o canto do olho com o dedo.

— A senhora acha que ele melhora?

— Acho que ele dorme. Amanhã melhora alguma coisa.

— Só alguma coisa?

— É o que dá para melhorar de cada vez.

Neide assentiu. Ficou ainda um instante, como se esperasse uma frase maior, mas Rosa não deu. O silêncio entre as duas não apertou. A rua passava com seus ruídos comuns, uma televisão ligada em alguma casa, uma moto ao longe, passos na calçada.

— Obrigada pelo feijão — Neide disse.

— Quando precisar.

— Ele falou alguma coisa?

— Falou que não estava com fome.

Neide quase sorriu.

— Mentiroso.

— Comeu.

Neide ajeitou a bolsa no ombro e voltou pela calçada. Rosa ficou no portão até ela virar a esquina. Depois entrou, lavou o prato de Jonas, enxugou o copo e deixou a cadeira onde ele havia sentado um pouco puxada para fora da mesa. Naquela noite, a cozinha ficou mais tempo com a janela aberta. O ar da rua entrava devagar, trazendo cheiro de comida de outras casas, sabão molhado e terra seca levantada pelos passos.

Capítulo 11
Caminhos cruzados

Rosa não perguntava por Marcelo nas repartições, nem na feira, nem perto da Escola de Formação. Já sabia o tipo de resposta que receberia. Diziam ativo, vinculado, regular, encaminhado, conforme. Palavras limpas, sem corpo, que voltavam para casa com ela e ficavam alguns dias sobre os móveis antes de perderem o som. Por isso, em vez de perguntar, começou a andar por certos caminhos. Dizia a Adeimir que precisava comprar alguma coisa. Às vezes precisava mesmo. Outras vezes comprava pouco: sal, linha, cheiro-verde, dois tomates, um pedaço de sabão, uma lâmpada que não estava queimada.

Ia à feira nos horários em que a rua ficava mais cheia. Não era o melhor horário para escolher

legumes, porque as bancas já estavam mexidas e o chão acumulava folhas, sacos molhados e frutas machucadas. Ainda assim, Rosa passava devagar entre as barracas, tocava nos tomates um por um, perguntava o preço de coisas que não levaria e deixava a sacola pendendo do braço como se o peso dela justificasse a demora. Os vendedores começaram a reconhecê-la pelo modo de escolher sem pressa.

— Hoje a senhora vai levar pouco? — perguntou o homem da banca de verduras.

— Pouco.

— Pouco demora mais que muito.

— Depende do que falta.

Ele riu, pensando que era resposta de feira. Rosa escolheu cheiro-verde, uma cebola grande e duas batatas pequenas. Enquanto ele amarrava o maço com barbante fino, ela olhou para a rua lateral, onde passavam funcionários de camisa clara, jovens com pastas, mulheres segurando crianças, homens com crachá pendurado no pescoço. Ninguém precisava explicar nada para

que ela soubesse a direção de cada corpo. Alguns iam para o trabalho, outros voltavam, outros apenas atravessavam a cidade sem deixar marca.

Neide apareceu perto da barraca de ovos, carregando uma sacola de tecido com retalhos. Viu Rosa, hesitou um pouco e aproximou-se.

— Ele voltou a comer — disse, sem cumprimentar primeiro.

Rosa entendeu.

— Dormiu?

— Dormiu demais. Depois acordou bravo.

— Melhor que quieto.

— Também achei.

Neide mexeu na sacola, como se procurasse alguma coisa, mas não tirou nada. O rosto estava menos inchado do que no dia do envelope.

— Arrumou trabalho descarregando caixa no depósito do mercado. Por enquanto é só dois dias.

— Dois dias é alguma coisa.

— Ele disse isso também. Deve ter aprendido aqui.

Rosa passou a sacola para o outro braço.

— Aqui só teve feijão.

Neide olhou para ela e, dessa vez, sorriu. Não era sorriso grande. Era uma pequena rendição do rosto.

— Às vezes feijão fala mais que a gente.

Continuaram juntas até a esquina. Neide entrou na rua do depósito. Rosa seguiu para a praça.

Havia um banco que ela preferia, de costas para a fonte e com visão das duas ruas que cruzavam em frente. Sentava ali quando a sacola ainda não estava pesada demais. Às vezes abria o caderno e escrevia lista de compras para o dia seguinte. Às

vezes riscava nomes de coisas que já havia comprado. Outras vezes mantinha o caderno aberto no colo, com a caneta parada entre os dedos, olhando a calçada e os corpos que vinham de um lado e desapareciam pelo outro.

A praça tinha seus horários. Pela manhã, velhos ocupavam a sombra antes do calor. Perto do meio-dia, estudantes atravessavam com pressa, carregando mochilas pesadas e garrafas de água. No fim da tarde, apareciam mães com crianças pequenas, vendedores de doce, entregadores de bicicleta e gente que usava a praça apenas como passagem. Rosa aprendeu a distinguir quem esperava de quem passava. Quem esperava olhava mais para os lados. Quem passava olhava para o chão, para o celular ou para o ponto onde queria chegar.

Marta cruzou a praça numa terça, levando livros contra o peito. A gramática antiga não estava com ela. Rosa levantou a mão antes que a professora a visse.

— Dona Rosa.

— Está indo para a escola?

— Estou.

— Ainda tem aula hoje?

— Reunião.

Marta parou ao lado do banco, mas não sentou. Usava sapatos baixos, desses que já tinham cedido ao formato do pé. Havia poeira de giz na manga da blusa.

— A folha ficou lá em casa — disse Rosa.

Marta apertou os livros.

— Não precisava dizer.

— Ficou na mesa uns dias. Depois Murilo guardou dentro de um caderno dele.

— Ele leu?

— Leu como criança lê. Uma parte pela palavra, outra pelo desenho que ele inventa.

Marta assentiu. Um ônibus passou na rua da frente, levantando poeira. As duas esperaram o barulho diminuir.

— Eu pensei que talvez tivesse feito mal entregar.

— Fez não.

— Às vezes a gente guarda uma coisa por tanto tempo que ela cresce errado.

Rosa olhou para a rua.

— Algumas coisas crescem mesmo guardadas.

Marta não respondeu. Ajustou os livros contra o peito e disse que precisava ir. Rosa acompanhou com os olhos até ela atravessar a praça e dobrar em direção à escola. Depois fechou o caderno, embora a página ainda estivesse em branco.

A Escola de Formação ficava a algumas quadras dali. Rosa passou a atravessar aquela rua com mais frequência, quase sempre com alguma justificativa pequena: comprar remédio na farmácia do outro lado, pagar uma conta, trocar

uma lâmpada, levar roupa para Neide, buscar linha, voltar pelo caminho mais comprido. Não parava em frente ao portão. Diminuía o passo apenas o suficiente para caber no fluxo. Pessoas entravam e saíam em grupos. O movimento aumentava nas trocas de turno, depois rareava. Havia rostos que se repetiam, passos que vinham juntos, vozes que baixavam ao passar pelos cartazes.

Um deles dizia: Aqui se forja o caráter do cidadão!

Rosa leu porque a frase estava no caminho dos olhos, mas não parou. Continuou até a farmácia, comprou um pacote de gaze que não precisava naquele dia e voltou pela calçada oposta. No retorno, viu Tânia saindo pela porta lateral da escola com uma caixa pequena nos braços. Tânia a reconheceu antes de chegar à esquina.

— Dona Rosa.

— Está pesada?

— Não muito.

— Quer ajuda?

— Não. É coisa de serviço.

A caixa tinha etiquetas coladas e uma fita frouxa atravessando a tampa. Tânia a segurava com cuidado, como se o peso estivesse menos no papelão do que no que havia dentro. Rosa não perguntou. Tânia também não explicou. Caminharam lado a lado até o ponto de ônibus.

— A senhora anda por aqui agora? — perguntou Tânia.

— Às vezes.

— É caminho comprido para a sua casa.

— Tem dias que o caminho curto aperta.

Tânia olhou para ela, depois para a rua. Um ônibus passou cheio demais e não parou. As duas ficaram sob o sol, com a sombra curta aos pés.

— Guardei aquilo ainda — disse Tânia.

Rosa não precisou perguntar o quê.

— Pesou?

— Menos do que jogar fora.

— Então guarda.

Tânia segurou melhor a caixa.

— Um dia eu levo.

— Quando der.

O ônibus seguinte parou. Tânia subiu pela porta da frente, ainda com a caixa nos braços, e procurou uma posição onde não precisasse apoiar o volume no chão. Rosa ficou no ponto mais alguns minutos, mesmo sem esperar ônibus. Depois voltou pela rua da padaria.

Na padaria, comprava pão quando precisava e quando não precisava. O atendente já separava quatro franceses ao vê-la entrar. Num fim de tarde, Daniel estava perto do balcão, contando moedas na mão aberta. A barba estava por fazer,

a camisa com uma mancha de graxa na lateral. Ele viu Rosa e fechou a mão depressa.

— Mãe.

— Daniel.

— Estou levando pão.

— Para onde?

— Para mim.

— Só pão?

Ele olhou para o balcão.

— E mortadela, se der.

Rosa abriu a bolsa.

— Não precisa — ele disse.

— Eu não perguntei.

— Mãe.

— Pede cem gramas.

Daniel riu pelo nariz, sem alegria.

— Cem gramas não sustenta ninguém.

— Então pede cento e cinquenta.

Ele obedeceu. O atendente fatiou a mortadela, embrulhou em papel, anotou o valor. Rosa pagou junto com os pães. Daniel aceitou o pacote sem agradecer de imediato. Saíram juntos até a calçada.

— A senhora está andando muito — ele disse.

— Estou comprando coisa.

— Todo dia?

— Coisa acaba todo dia.

Daniel olhou para ela de lado. Parecia querer dizer algo e desistir antes de começar. Rosa não puxou. No fim da quadra, ele parou.

— Eu passo em casa amanhã.

— Passa para comer.

— Passo.

— Não chega muito tarde.

Ele assentiu, colocou o pão debaixo do braço e seguiu na direção oposta. Rosa ficou vendo até ele entrar numa rua lateral. Depois voltou para casa pela rua mais longa.

Os pés começaram a cobrar à noite. Rosa percebia quando sentava depois do jantar e demorava mais para levantar. O calcanhar doía primeiro, depois a parte de fora do joelho. Às vezes tirava as sandálias antes de terminar a louça e ficava descalça sobre o piso frio da cozinha. Adeimir notou uma noite, sem desligar o rádio.

— Andou muito hoje.

— Um pouco.

— Para quê?

Rosa enxugou um prato.

— Feira.

— Feira foi ontem.

Ela guardou o prato no armário.

— Então foi padaria.

Adeimir não insistiu. O rádio chiou entre uma música e outra. Rosa terminou a louça, passou pano na mesa e deixou o caderno perto da janela. Havia uma lista escrita pela metade: tomate, sabão, vela, linha. A caneta ficou atravessada sobre a palavra linha, como se a lista pudesse continuar sozinha no dia seguinte.

Na manhã seguinte, saiu outra vez. Levou uma sacola dobrada dentro da bolsa, o caderno pequeno e uma moeda solta no bolso do vestido. Passou pela praça, pela rua lateral da escola, pelo ponto, pela padaria. Não encontrou ninguém que precisasse encontrar. Mesmo assim, voltou com cheiro-verde, dois pães, uma cartela de comprimidos para dor e uma informação pequena: Jonas estava no depósito,

Daniel prometera passar, Marta continuava na escola, Tânia guardava a caixa.

Em casa, colocou as compras sobre a mesa e tirou as sandálias. A cozinha estava clara. Murilo havia deixado um desenho perto da janela: várias linhas cruzadas, algumas mais escuras, outras quase apagadas, todas chegando a um quadrado no canto da folha. Rosa ficou olhando por alguns segundos.

— É mapa? — perguntou quando ele apareceu na porta.

Murilo entrou com o lápis atrás da orelha.

— É caminho.

— Para onde?

Ele deu de ombros.

— Para voltar.

Rosa deixou o desenho onde estava. Guardou os pães, colocou o cheiro-verde num copo com água e sentou-se antes de começar o almoço. Os

pés ainda doíam. Pela janela aberta entrava o barulho da rua, não muito alto, mas constante: passos, bicicleta, uma voz chamando alguém pelo nome, o portão de uma casa abrindo e fechando. Ela ficou ouvindo, com as mãos paradas sobre os joelhos, antes de levantar outra vez.

Capítulo 12
O conselho do menino

Murilo desenhava no chão do quintal quando Rosa voltou da rua. Havia sol ainda, mas a sombra do muro já cobria metade do cimento. Perto do tanque, o balde de roupas enxaguadas esperava desde antes do almoço. A água estava quase fria. Rosa deixou a sacola sobre o banco, tirou as sandálias com o pé mesmo e ficou um instante parada, sentindo o piso áspero sob a sola.

— A senhora demorou — Murilo disse, sem levantar a cabeça.

— A fila estava grande.

— De quê?

Rosa olhou para a sacola. Havia uma cartela de comprimidos, dois pães e uma linha branca que não precisava naquele dia.

— De farmácia.

Murilo riscou o chão com a ponta do graveto. O traço saiu comprido, tremido no começo, mais firme depois. Ele juntou outra linha à primeira, fez uma curva, interrompeu antes de chegar perto do ralo.

— A senhora vai todo dia na farmácia?

— Não vou todo dia.

— Vai bastante.

Rosa pegou o balde e arrastou para perto do varal. A água mexeu por dentro, pesada, batendo nas roupas. Murilo continuou agachado. Tinha os joelhos sujos de terra e a barra da bermuda dobrada de um lado. O cabelo caía sobre a testa, mas ele não afastava. Concentrava-se no desenho como se o quintal fosse uma folha grande demais.

— Isso aí é o quê? — Rosa perguntou.

— Caminho.

— Para onde?

— Ainda não sei.

Ela torceu uma camisa de Adeimir, sacudiu duas vezes e prendeu no varal. O pregador rangeu. A camisa abriu no ar, branca demais contra o muro. Murilo fez outro risco, agora saindo da curva e indo até perto da porta da cozinha.

— Caminho precisa saber para onde vai.

— Às vezes sabe depois.

Rosa olhou para ele. O menino não disse como resposta esperta. Disse trabalhando, com o graveto encostado no chão, procurando onde pôr a linha seguinte. Ela pegou outra peça no balde. Era uma toalha de prato, pequena, fácil de torcer. Mesmo assim, demorou mais do que precisava.

— Sua mãe vem que horas?

— Depois.

— Depois quando?

— Depois do trabalho.

— Isso eu sei.

Murilo deu de ombros. Riscar o chão parecia exigir dele uma atenção que a pergunta não merecia.

— Ela falou que não demora.

— Ela sempre fala isso.

— Mas demora.

Rosa estendeu a toalha. O vento mexeu a ponta molhada e pingou água perto do pé dela. Murilo puxou uma linha até o portão, voltou com outra até o tanque, depois fez três riscos verticais no meio do desenho. Não eram grandes. Ficavam juntos, com distância quase igual entre eles.

Rosa reconheceu o gesto antes de entender o desenho.

— Por que três?

— Porque fica melhor.

— Melhor para quê?

— Para não perder.

Ela prendeu outra camisa, depois ficou com o pregador na mão. O quintal tinha barulhos pequenos: água escorrendo do balde, uma moto passando longe, o arrulho de um pombo no telhado vizinho, o graveto de Murilo raspando o cimento. O menino inclinou o corpo para a frente e acrescentou uma linha menor ao lado dos três riscos.

— Quando a senhora sai, vai procurando? — ele perguntou.

Rosa colocou o pregador no varal vazio.

— Procurando o quê?

Murilo levantou a cabeça. O rosto estava sério, mas não duro. Tinha a seriedade das crianças quando perguntam algo que, para elas, já está quase resolvido.

— Ele.

Rosa voltou ao balde. Havia mais roupas do que ela lembrava ter lavado. Pegou uma peça sem olhar, torceu devagar, sentiu a água correr pelos dedos.

— Eu vou comprar coisas.

— Mas olha.

— Todo mundo olha.

— A senhora olha diferente.

Ela estendeu a peça no varal. Era uma camiseta de Márcia. Ficou torta no primeiro pregador. Rosa soltou e prendeu de novo.

— Diferente como?

Murilo pensou. Passou o graveto de uma mão para a outra e olhou para o desenho.

— Como quando a gente perdeu moeda no chão.

— Já perdeu muita moeda?

— Uma.

— Então sabe pouco.

— Mas achei.

Rosa quase respondeu, mas o menino voltou a riscar antes. Fez uma linha saindo do portão, atravessando a parte limpa do cimento e parando perto dos três riscos. Depois soprou a poeira fina que o graveto levantara.

— Se não acha no lugar onde caiu, procura no lugar onde rolou — ele disse.

Rosa ficou com a roupa seguinte nas mãos. Era uma fronha. A água escorreu do tecido para dentro do balde, fazendo círculos pequenos na superfície.

— Quem te ensinou isso?

— Ninguém. A moeda fez.

Ela torceu a fronha, mas não a estendeu. Murilo se levantou, olhou o desenho de cima, deu dois passos para o lado e se agachou de novo em outro ponto. O joelho deixou uma marca mais escura no cimento úmido.

— Se ele não volta, a senhora pode ir até ele.

Rosa sentiu primeiro o peso da fronha molhada. Depois o braço. Depois o ombro. A frase do menino não veio com força. Veio simples, como quem aponta uma porta aberta ou lembra que a panela está no fogo. Ela olhou para o quintal, para o portão, para o desenho que unia linhas sem nome. Murilo esperava apenas porque ainda não decidira o próximo traço.

— E dizer o quê? — Rosa perguntou.

— Não sei.

— Então como eu vou?

— Indo.

Ela estendeu a fronha. Prendeu um lado, depois o outro. O tecido ficou pesado no varal, cedendo no meio. Murilo limpou a ponta do graveto na grama e voltou ao desenho.

— E se não deixarem?

— A senhora volta.

— Só isso?

— Depois vai de novo.

Rosa olhou para ele. Murilo não parecia medir o tamanho do que dizia. Para ele, ir, voltar e ir de novo pertenciam ao mesmo tipo de coisa que procurar moeda, repetir linha, corrigir desenho, lavar a mão quando a terra grudava demais no dedo. O impossível ainda não tinha nele a forma adulta. Era apenas um caminho que não saíra certo da primeira vez.

— Sua mãe não gosta quando você fala assim.

— Minha mãe não gosta quando eu sujo o joelho.

— E você suja.

— Depois lava.

Rosa soltou um ar curto pelo nariz. Não chegou a ser riso. Murilo ouviu e olhou rápido, satisfeito por um instante, mas logo voltou ao chão. Fez uma curva pequena ligando o tanque ao portão.

— Aqui ficou errado — ele disse.

— Apaga.

— Não dá. É chão.

— Então faz outro por cima.

Ele experimentou. O novo traço engrossou a linha antiga e deixou o desenho menos limpo, mas mais visível. Murilo pareceu aceitar o resultado. Rosa terminou de estender as roupas. No fundo do balde restava apenas água turva, com dois fios escuros boiando. Ela levou o balde até o ralo e virou devagar. A água correu

pelo cimento, encontrou uma das linhas do desenho e a desfez em parte.

Murilo não reclamou. Acompanhou a água com os olhos.

— Sumiu um pedaço.

— Eu estraguei?

— Não. Mudou.

Rosa deixou o balde de boca para baixo perto do tanque. Murilo colocou o graveto no muro baixo e foi lavar as mãos. A torneira fez barulho, espirrando no cimento. Ele esfregou os dedos, passou a mão molhada no joelho e deixou a terra virar uma mancha maior.

— Lava direito — Rosa disse.

— Estou lavando.

— O joelho também.

— Depois suja de novo.

— Mesmo assim.

Ele lavou melhor. Depois entrou na cozinha, procurando alguma coisa para comer. Rosa ficou no quintal mais um pouco. O sol já havia descido outro tanto. A sombra da parede avançara sobre os três riscos verticais, mas ainda deixava visível a linha que saía do portão e voltava para dentro. A fronha pingava no varal. A camisa de Adeimir balançava pouco.

Márcia chegou quando Rosa recolhia a sacola do banco.

— Ele deu trabalho?

— Desenhou.

— No chão de novo?

— No chão.

Márcia entrou no quintal, olhou os riscos e suspirou.

— Murilo, quantas vezes eu falei para não riscar tudo?

Da cozinha, ele respondeu com a boca cheia.

— É caminho.

— Caminho se faz no papel.

Rosa pegou a sacola.

— No papel acaba.

Márcia olhou para a mãe.

— E no chão não?

— No chão a gente pisa antes.

Márcia não respondeu. Estava cansada, com a bolsa escorregando do ombro e o cabelo preso de qualquer jeito. Olhou outra vez para os riscos, depois para o varal cheio.

— A senhora lavou roupa hoje?

— Lavei.

— Devia ter deixado.

— Já estava no balde.

Murilo apareceu na porta com um pedaço de pão na mão. Márcia apontou para o joelho dele.

— Você lavou isso?

— Lavei.

— Parece que espalhou.

— Foi o que deu.

Rosa entrou na cozinha antes que Márcia continuasse. Colocou os pães sobre a mesa, guardou os comprimidos na prateleira e deixou a linha branca perto da máquina de costura antiga. Murilo sentou no canto da mesa. Márcia largou a bolsa na cadeira, tirou o pão da mão dele para passar manteiga e devolveu sem falar.

Mais tarde, quando os dois foram embora, Rosa voltou ao quintal. O desenho estava mais fraco. A água do balde havia apagado uma parte, os passos de Márcia tinham cruzado outra, e Murilo arrastara o pé sobre a curva perto da

porta. Ainda assim, os três riscos permaneciam visíveis no meio do cimento.

Rosa pegou a vassoura. Começou pelo canto do tanque, juntando folhas, terra e fios de roupa. Quando chegou perto do desenho, diminuiu a força do braço. Varreu em volta, depois sobre uma das linhas menores. A poeira subiu e assentou de novo. Os riscos não desapareceram por inteiro.

Ela guardou a vassoura atrás da porta e ficou um momento com a mão no cabo. Da cozinha vinha o cheiro do pão com manteiga que Murilo não havia terminado. Na rua, alguém chamou por uma criança. Rosa olhou para o portão fechado, depois para a linha que ainda apontava em sua direção. Não abriu. Apenas ficou ali até a luz do quintal mudar de vez.

Capítulo 13
Sem endereço

Rosa saiu depois do almoço, levando a bolsa pequena e um papel dobrado no bolso interno. Não levou sacola de feira. Também não levou lista. Fechou a casa, testou o portão com a mão e desceu a rua pelo lado da sombra. O joelho incomodava desde cedo, mas ainda obedecia. Na esquina, parou para deixar passar uma bicicleta, depois atravessou devagar.

O primeiro lugar foi a repartição onde Fernando a atendera meses antes. A porta de vidro continuava pesada. Dentro, o ar era frio demais para a rua quente. Havia cadeiras alinhadas, um balcão comprido, senhas num painel apagado e três pessoas esperando com documentos na mão. Rosa puxou uma senha e sentou perto da

parede. O papel no bolso encostava na cintura sempre que ela mudava de posição.

Quando chamaram seu número, não foi Fernando. A atendente tinha cabelo preso, unhas curtas e um crachá virado, de modo que Rosa não conseguiu ler o nome.

— Pois não.

Rosa colocou a senha sobre o balcão.

— Preciso saber para onde se entrega uma coisa.

— Que tipo de coisa?

— Uma folha.

A atendente esperou.

— Para quem?

Rosa disse o nome. A atendente digitou sem pressa. A tela refletiu uma luz azul no rosto dela. Digitou mais uma vez, conferiu alguma coisa, franziu pouco a testa.

— Vínculo ativo.

— Eu sei.

— Domicílio validado.

— Também sei.

— Então está regular.

Rosa abriu a bolsa, tirou o documento e empurrou pelo balcão.

— Não vim regularizar.

A atendente pegou o documento, comparou com a tela e devolveu.

— Qual é a solicitação?

— Endereço.

— De qual unidade?

— De onde ele está.

A atendente voltou os olhos para a tela. Clicou em dois campos, depois em outro. O som do mouse parecia mais alto do que precisava.

— Não consta campo de localização para atendimento externo.

— Mas consta algum lugar.

— Consta situação.

— Situação não recebe folha.

A atendente levantou o olhar. Não foi impaciência. Foi apenas o fim de um caminho pequeno.

— A senhora pode protocolar correspondência sem destino físico.

— E chega?

— Fica anexada ao vínculo.

— Mas chega?

A atendente olhou para o balcão, para o documento de Rosa, para a fila atrás dela.

— Fica anexada.

Rosa guardou o documento. A senha ficou sobre o balcão.

— Precisa de formulário?

— Para anexar?

— Para entregar.

— Sem unidade, é anexação.

A atendente puxou uma folha de uma bandeja e colocou diante dela. Havia campos demais para o tamanho do pedido: nome do requerente, grau de vínculo, código, objeto, justificativa, data, assinatura. Rosa olhou para a folha, depois para a própria mão. Não pegou a caneta presa por uma corrente.

— Posso levar?

— Pode.

— Obrigada.

Dobrou o formulário no meio e guardou na bolsa. Ao sair, o ar da rua bateu quente no rosto. Rosa ficou um instante na calçada, respirando como se tivesse subido escada. Um homem esbarrou de leve no ombro dela e pediu desculpa sem parar. Ela assentiu, embora ele já não visse.

A segunda parada foi o antigo prédio de atendimento civil, perto da praça. Não sabia se ainda servia para alguma coisa. A placa estava diferente, pintada por cima. Onde antes havia entrada, agora havia uma porta menor e uma campainha. Rosa apertou. Um funcionário apareceu depois de algum tempo, com uma prancheta na mão.

— Atendimento é do outro lado.

— Para vínculo ativo?

— Depende.

— Entrega.

— Protocolo?

— Disseram anexação.

Ele fez uma expressão de quem reconhecia a palavra, mas não o problema.

— Então é na repartição nova.

— Vim de lá.

— Se mandaram para cá, é setor antigo. Mas setor antigo não recebe mais.

— Não mandaram. Eu vim.

O funcionário apoiou a prancheta contra o corpo.

— A senhora tem número?

— Tenho nome.

— Sem número, não acho.

Rosa abriu a bolsa, pegou o formulário dobrado e a folha que trouxera de casa. A folha antiga não saiu por inteiro. Ficou presa no forro interno da bolsa. Ela puxou com cuidado para não rasgar. O funcionário olhou o papel apenas de longe.

— Não precisa mostrar para mim. Se for pessoal, melhor protocolar.

— É pessoal.

— Então não pode ficar comigo.

— Eu sei.

— A senhora procura o balcão de vínculos.

— Onde?

Ele apontou para a rua, depois hesitou.

— Agora mudou. Era ali depois da farmácia, mas acho que passou para o prédio do arquivo.

— Arquivo onde?

— Na rua de cima. Ou na outra. Tem uma placa.

Rosa guardou as folhas. Agradeceu. O funcionário fechou a porta antes que ela chegasse ao fim da calçada.

Na farmácia, comprou água para tomar um comprimido. A moça do caixa perguntou se queria sacola. Rosa disse que não. Abriu a garrafa ali mesmo, no balcão lateral, tirou o comprimido da cartela e engoliu com dificuldade. A água estava fria, e isso incomodou os dentes. Sentou alguns minutos numa cadeira perto da balança, olhando a rua pela porta aberta.

Uma mulher entrou com uma criança febril no colo. O menino chorava sem força. A atendente saiu de trás do balcão e levou os dois para o fundo. Rosa levantou antes que alguém perguntasse se precisava de ajuda.

Subiu a rua do arquivo. Havia uma placa, mas não era a que o funcionário descrevera. A porta estava aberta, e um ventilador soprava papéis presos por pesos de metal. Um homem de

óculos atendia duas pessoas ao mesmo tempo, uma no balcão e outra pelo telefone. Rosa esperou perto de uma estante com formulários.

— Pois não — ele disse, cobrindo o telefone com a mão.

— Balcão de vínculos.

— Aqui é arquivo.

— Disseram que mudou para cá.

— Mudou no ano passado. Depois saiu.

— Para onde?

Ele apontou com a caneta para um mural ao lado da porta.

— Tem a lista atualizada.

Rosa aproximou-se do mural. A folha estava presa com fita transparente. Havia nomes de setores, siglas, horários, exceções, observações em letras menores. Passou o dedo por uma

coluna, perdeu a linha, voltou ao começo. Atrás dela, o homem continuava falando ao telefone.

— A senhora quer qual setor? — ele perguntou, ainda sem desligar.

— Um que entregue coisa para vínculo ativo.

— Correspondência?

— Talvez.

— Protocolo geral.

— Onde fica?

— Térreo do prédio novo.

Rosa virou devagar.

— A repartição da praça?

— Não. O prédio novo da avenida.

— Tem ônibus?

— Tem, mas dá para ir a pé.

Ele voltou ao telefone antes de terminar. Rosa saiu com a garrafa pela metade dentro da bolsa. O formulário dobrado já tinha uma marca úmida no canto.

Na avenida, o prédio novo tinha fachada clara e portas automáticas. Rosa parou antes de entrar. Pela parede de vidro, viu pessoas passando por catracas, uma mesa de triagem, um guarda sentado, cadeiras cinzas, um balcão com luz branca em cima. A porta abriu sozinha quando alguém saiu. Rosa entrou junto com o vento frio.

O guarda pediu documento. Ela entregou. Ele perguntou o setor.

— Protocolo geral.

— Assunto?

Rosa pensou.

— Entrega.

— Correspondência?

— Pode ser.

Ele devolveu o documento e apontou para a máquina de senhas.

— Aperta opção quatro.

A opção quatro dizia "protocolo diverso". Rosa apertou. A senha saiu com um ruído seco. Sentou entre um homem de camisa social e uma senhora com uma pasta no colo. A televisão presa na parede passava avisos sem som. No rodapé, frases subiam devagar. Atualize seus dados. Preserve seus comprovantes. Consulte sua situação.

Quando chamaram, Rosa foi ao balcão com a senha, o formulário e a folha antiga. A servidora leu primeiro o formulário em branco.

— A senhora precisa preencher.

— Não sei o campo.

— Qual?

— Destino.

— Protocolo diverso não exige unidade específica.

— Então vai para onde?

— Para triagem.

— E depois?

— Conforme classificação.

Rosa colocou a folha antiga sobre o balcão, ainda dobrada.

— É para chegar a uma pessoa.

— Pessoas vinculadas não recebem diretamente por este canal.

— Então qual canal recebe?

— Depende da autorização de contato.

— E se não tem?

— Fica registrado.

Rosa olhou para a folha dobrada. Não a abriu. A servidora esperou com a caneta na mão.

— A senhora quer registrar?

— Quero entregar.

— Entregar não é este procedimento.

— Qual é?

— Com autorização, encaminhamento. Sem autorização, registro.

— E quem autoriza?

A servidora digitou o nome. Pediu o documento de Rosa outra vez. Conferiu a tela. O rosto permaneceu igual.

— Não há autorização aberta.

— Pode pedir?

— Pode solicitar abertura de canal.

— Aqui?

— Aqui.

— E demora?

— Não sei informar.

— E se negarem?

— A senhora recebe resposta.

— Onde?

— No domicílio validado.

Rosa quase riu, mas não riu. Guardou a folha antiga na bolsa. A servidora empurrou outro formulário pelo balcão.

— Este é para solicitação de canal.

Rosa pegou a folha nova. O papel era mais branco que o outro, com campos menores. Nome do solicitante. Grau de vínculo. Motivo. Justificativa. Assinatura. No rodapé, havia um espaço para decisão administrativa.

— Posso levar?

— Pode preencher aqui.

— Vou levar.

— Se levar, precisa retornar com documento e cópia.

— Cópia do quê?

— Do documento.

— Meu?

— Do solicitante.

Rosa guardou o formulário junto do primeiro. A bolsa ficou cheia de papel sem peso. Ao sair, a porta automática demorou um pouco a abrir. Ela ficou diante do vidro até o sensor reconhecê-la. Na rua, a luz já havia mudado de posição.

Não voltou direto para casa. Sentou no banco da praça, perto da fonte desligada. Tirou a garrafa

da bolsa, bebeu um gole e procurou o comprimido pelo costume, esquecendo que já havia tomado. O joelho doía menos, mas o pé começava a latejar. Abriu os formulários no colo. O vento levantou uma ponta. Rosa segurou com a mão.

No campo "motivo", não escreveu nada.

Uma menina passou correndo atrás de uma bola. A mãe gritou para ela não ir para a rua. Um vendedor empurrava um carrinho de milho. Perto do ponto, duas pessoas discutiam o horário do ônibus. Rosa ficou com a caneta parada entre os dedos. Depois dobrou os formulários e guardou tudo de novo.

Comprou fósforos no mercado da esquina porque precisava sair de lá com alguma coisa. Na fila, uma mulher perguntou se ela queria passar na frente, por causa da idade. Rosa disse que não. Pagou com moeda, recebeu o troco e guardou a caixa de fósforos no bolso externo da bolsa.

Quando chegou em casa, Murilo estava sentado no degrau da cozinha com um lápis na mão.

Márcia ainda não tinha vindo buscá-lo. Havia uma folha sobre o joelho dele, cheia de linhas que se encontravam e depois se afastavam.

— A senhora foi? — ele perguntou.

Rosa colocou a bolsa sobre a mesa.

— Fui.

— Achou?

Ela tirou a garrafa, a cartela de comprimidos, a caixa de fósforos e os formulários dobrados. Deixou tudo em fila, sem querer fazer fila.

— Achei papel.

Murilo levantou e veio olhar.

— Papel de quê?

— Para pedir caminho.

— Caminho se pede?

Rosa sentou. O pé doía agora com mais clareza. Tirou a sandália e passou a mão sobre o peito do pé.

— Pelo jeito, sim.

Murilo pegou um dos formulários, mas não abriu. Olhou apenas a dobra.

— E dão?

— Não sei.

— A senhora vai levar?

— Ainda não sei preencher.

Ele colocou o formulário de volta na mesa.

— Faz desenho.

— Eles não aceitam desenho.

— Como sabem, se não viram?

Rosa olhou para ele. Murilo não parecia desafiar ninguém. Só estava diante de uma folha em

branco e de uma coisa que, para ele, podia receber linha. Voltou ao degrau, pegou o lápis e acrescentou outra curva ao papel sobre o joelho.

Márcia chegou logo depois, cansada, com o cabelo preso torto e a bolsa escorregando do ombro.

— Ele deu trabalho?

— Não.

— Fez lição?

Murilo levantou a folha.

— Fiz caminho.

— Isso não é lição.

— Ainda.

Márcia suspirou, tirou o lápis da mão dele e guardou na bolsa.

— Vamos.

Rosa pegou a folha do menino antes que amassasse. Márcia percebeu.

— Mãe, não guarda tudo que ele rabisca.

— Não vou guardar tudo.

— Parece.

Rosa deixou a folha sobre a mesa, ao lado dos formulários. Murilo olhou para ela e sorriu só um pouco. Depois saiu com a mãe.

A casa ficou quieta. Adeimir ainda não havia chegado. Rosa lavou a garrafa, colocou os fósforos na prateleira e voltou para a mesa. Os formulários estavam ali, brancos, dobrados, esperando campos que ela não sabia preencher. A folha de Murilo estava aberta ao lado. Linhas saíam de vários pontos e não chegavam todas ao mesmo lugar. Algumas paravam no meio. Outras atravessavam uma à outra. Uma seguia até a borda do papel e continuava fora, porque o lápis havia passado um pouco sobre a madeira da mesa.

Rosa passou o dedo por essa linha. Depois pegou a caneta e escreveu seu nome no primeiro formulário. Parou antes do campo seguinte. A caneta ficou aberta entre os dedos. Do lado de fora, alguém fechou um portão. Ela escutou o som, olhou para a folha de Murilo e deixou o restante em branco.

Capítulo 14
Dado duplicado

O envelope chegou dois dias depois de Rosa escrever o próprio nome no formulário. Veio dobrado no meio, preso entre uma conta de luz e um anúncio de mercado. O carteiro chamou no portão, esperou que ela assinasse o recebimento e entregou tudo junto, sem separar o que era aviso, cobrança ou propaganda. Rosa agradeceu, fechou o portão e levou os papéis para a cozinha.

Sobre a mesa, abriu primeiro a conta de luz. Conferiu o vencimento, dobrou de novo e colocou perto do saleiro. O anúncio ficou ao lado, com uma fotografia de arroz em promoção e letras vermelhas ocupando quase toda a página. O envelope institucional permaneceu fechado por mais tempo. Tinha o mesmo tom

claro dos outros, a mesma impressão sem falha, o mesmo modo de escrever o endereço como se a casa fosse apenas uma linha correta.

Adeimir chegou para o almoço enquanto ela ainda olhava o envelope. Pendurou a chave no prego perto da porta, lavou as mãos na pia e sentou no lugar de sempre. O rádio ficou desligado. Rosa serviu o prato dele e colocou o próprio do outro lado.

— Veio coisa? — ele perguntou.

— Veio.

— Conta?

— Também.

Ele cortou a carne em pedaços pequenos, olhou o envelope e voltou ao prato.

— Vai abrir?

Rosa abriu. Dentro havia uma folha curta, com o nome dela no alto, o código de referência e uma frase impressa no centro: necessidade de

correção de dado duplicado. Abaixo, em letras menores, constava prazo para regularização e indicação de comparecimento facultativo em unidade de atendimento.

Adeimir estendeu a mão.

— Deixa eu ver.

Ela entregou. Ele leu devagar, movendo pouco os lábios, como fazia quando o texto vinha com palavras administrativas demais.

— Comparecimento facultativo — disse.

— Mas tem prazo.

— Facultativo é facultativo.

— E dado duplicado?

Adeimir leu de novo. O garfo ficou parado na mão esquerda.

— Deve ser erro deles.

— Se é erro deles, por que veio para mim?

Ele colocou a folha sobre a mesa, alinhando com a borda.

— Porque eles mandam.

Rosa recolheu o papel antes que alguma gota de feijão caísse perto da assinatura impressa. Dobrou uma vez, desdobrou, alisou com a palma da mão e colocou ao lado dos formulários que ainda estavam em branco. O primeiro tinha apenas seu nome escrito no campo inicial. O segundo continuava sem marca. A folha de Murilo, com os caminhos, estava embaixo, aparecendo por uma ponta.

— Luciana vem hoje? — Adeimir perguntou.

— Disse que talvez.

— Mostra para ela.

Rosa guardou os pratos depois do almoço, lavou a panela e deixou os papéis no mesmo lugar. À tarde, quando Luciana chegou, trazia uma bolsa cheia de cadernos e o rosto de quem tinha falado o dia inteiro. Entrou pela cozinha, beijou

Rosa no rosto, cumprimentou Adeimir na sala e sentou antes de tirar os sapatos.

— A senhora está com cara de quem quer mostrar papel.

Rosa empurrou o envelope.

— Veio hoje.

Luciana leu. Depois pegou os formulários, olhou os campos em branco e voltou à notificação.

— A senhora protocolou alguma coisa?

— Não.

— Nada?

— Trouxe os papéis. Escrevi meu nome.

— Só?

— Só.

Luciana franziu a testa. Leu o código de referência, comparou com o formulário, procurou alguma indicação no rodapé. O cansaço saiu um pouco do rosto dela, substituído por atenção de trabalho. Tirou uma caneta da bolsa, mas não escreveu.

— Pode ser atualização automática.

— Automática de quê?

— Do sistema. Às vezes um dado aparece em dois lugares.

— Que dado?

— Endereço, vínculo, nome de responsável, solicitação aberta. Não dá para saber por aqui.

Rosa sentou-se. Adeimir continuava na sala, mas o rádio estava baixo o suficiente para que ele ouvisse.

— Se não dá para saber, como corrige?

Luciana apoiou os cotovelos na mesa.

— Indo lá.

— De novo?

— Ou deixando.

Adeimir falou da sala, sem aparecer na porta:

— Está escrito facultativo.

Luciana olhou para Rosa, não para ele.

— Está. Mas prazo nunca vem à toa.

Rosa puxou a folha de Murilo de baixo dos formulários. As linhas estavam amassadas no canto. Uma delas atravessava a borda e deixava uma marca leve na madeira da mesa. Luciana viu o desenho e tocou de leve na folha.

— Foi Murilo?

— Foi.

— Ele anda desenhando caminho em tudo.

— Anda.

Luciana guardou a caneta na bolsa.

— A senhora quer que eu vá junto?

Rosa dobrou a notificação.

— Não precisa.

— Mãe.

— Eu sei ir.

— Não é isso.

— Eu sei perguntar também.

Luciana não insistiu. Ficou mais um pouco, tomou café, contou que uma professora faltara e que uma mãe havia reclamado da troca de horário. Antes de ir embora, pegou a notificação outra vez.

— Não entrega nada sem cópia.

— Eu nem sei o que entregar.

— Mesmo assim.

— Cópia de quê?

Luciana abriu a boca para responder, mas parou. Devolveu a folha.

— Daquilo que pedirem.

Rosa guardou o papel na bolsa antes de dormir. Na manhã seguinte, saiu depois de lavar as xícaras. Não levou os formulários todos. Levou apenas a notificação, o documento e a folha antiga que continuava dobrada no bolso interno da bolsa, mais por costume do que por decisão.

A repartição estava menos cheia do que da outra vez. O painel de senhas funcionava, mas chamava devagar. Rosa sentou perto da parede, no mesmo lado em que se sentara antes. Havia uma mulher com uma criança no colo, um homem segurando uma pasta plástica e uma senhora de vestido azul que conferia várias vezes o mesmo papel. No balcão, duas atendentes trabalhavam sem levantar muito a cabeça.

Quando chamaram sua senha, Fernando estava no guichê. Reconheceu Rosa antes de pegar a notificação.

— Dona Rosa.

— Bom dia.

Ele leu o papel, digitou o código e esperou a tela carregar. A mão dele repousou ao lado do teclado. Os olhos correram por linhas que Rosa não via.

— Não era necessário comparecer.

Ela segurou a alça da bolsa com as duas mãos.

— Veio prazo.

— O comparecimento é facultativo.

— O dado está errado?

Fernando digitou mais uma vez. A tela refletiu no vidro dos óculos dele.

— Não há pendência operacional.

— Então por que mandaram corrigir?

— Foi cruzamento de arquivos.

— Cruzou errado?

Ele respirou baixo, quase sem som.

— Cruzou duplicado.

— Qual dado?

Fernando olhou para a tela, depois para a notificação.

— Domicílio e vínculo aparecem em mais de uma base.

— Mais de uma base é mais de uma casa?

— Não necessariamente.

— É mais de uma pessoa?

— Não necessariamente.

Rosa ficou quieta. Fernando ajeitou o teclado, como se precisasse de espaço para responder sem responder.

— A senhora não precisa corrigir nada hoje.

— Mas pode ficar errado?

— Não há ação pendente.

— Só função pendente.

Fernando levantou os olhos. A frase ficou entre os dois por um momento. Atrás de Rosa, a senhora de vestido azul tossiu. Uma das atendentes chamou outra senha.

— Quando há função pendente, o sistema convoca — disse Fernando.

— E quando há pessoa pendente?

Ele não digitou. Não olhou para a tela. Também não olhou para a fila.

— Esse campo não existe aqui.

Rosa abriu a bolsa e pegou a notificação. Dobrou pelo vinco original.

— Então fica como está?

— Fica regular.

— Duplicado e regular?

Fernando demorou.

— Sim.

Ela guardou a folha. A alça da bolsa havia marcado a palma da mão. Fernando empurrou um comprovante pequeno pelo balcão.

— Atendimento realizado.

— Eu preciso assinar?

— Não.

— Então o senhor fica com o quê?

— O registro.

Rosa pegou o comprovante. Nele havia data, hora, senha, unidade e assunto: consulta sem alteração. Nenhum nome além do dela. Nenhuma explicação. Ela agradeceu e saiu do guichê.

No corredor, a senhora de vestido azul estava agora sentada com a pasta no colo. Tinha os olhos voltados para o chão e um papel preso entre os dedos. Rosa passou por ela devagar. A mulher levantou a cabeça.

— Chamaram o seu?

— Chamaram.

— Resolveu?

Rosa parou.

— Ficou regular.

A mulher assentiu como se isso pudesse ser resposta suficiente para qualquer coisa.

— O meu também fica sempre regular — disse. — Só que volta.

Rosa olhou para a pasta no colo dela. Era grossa, com elástico gasto e cantos amassados.

— Volta como?

— Com outro nome para o mesmo problema.

A porta do guichê abriu e chamaram a senha da mulher. Ela se levantou, ajeitou a pasta contra o corpo e entrou. Rosa seguiu pelo corredor.

Lá fora, a chuva da madrugada ainda aparecia em poças pequenas perto do meio-fio. O céu estava claro. Rosa abriu a bolsa para guardar o comprovante junto da notificação e encontrou os óculos no bolso interno, exatamente onde deveriam estar. Ficou um instante com eles na mão. Depois guardou de novo.

No caminho de volta, comprou pão. Não precisava, mas comprou. O atendente colocou quatro unidades no saco, perguntou se era só, e Rosa disse que sim. Na saída, encontrou Jonas descarregando caixas no depósito do mercado. Ele a viu e levantou a mão, sem largar a caixa.

— Dona Rosa.

— Jonas.

— Está pesada, mas dá.

— Então leva devagar.

Ele sorriu um pouco, mais com o canto da boca do que com o rosto inteiro, e entrou com a caixa. Rosa seguiu para casa.

Na cozinha, colocou o pão sobre a mesa e tirou a notificação, o comprovante e a folha de Murilo da bolsa. O desenho dos caminhos estava mais amassado do que antes. Rosa alisou primeiro o desenho, depois o comprovante. A notificação ficou por último. Duplicado e regular. Consulta sem alteração. Atendimento realizado.

Murilo apareceu no fim da tarde, antes de Márcia. Viu os papéis sobre a mesa e apontou para o comprovante.

— Esse é caminho?

— Esse é dizendo que eu fui.

— E resolveu?

Rosa guardou o pão no armário.

— Ficou regular.

— Regular é bom?

Ela olhou para o papel.

— Hoje disseram que sim.

Murilo pegou a própria folha de desenho. A ponta rasgada saía para fora da mesa.

— Posso continuar?

— Pode.

Ele sentou, puxou um lápis e acrescentou uma segunda linha por cima de outra que já existia. As duas ficaram juntas por um trecho, depois se separaram perto da borda. Rosa observou sem corrigir. Na rua, um carro passou devagar por causa das poças. Dentro da cozinha, os papéis

permaneceram abertos até a luz começar a diminuir.

Capítulo 15
A mesa ocupada

Rosa deixou os formulários sobre a mesa depois do café. Não foi à repartição. Lavou as xícaras, passou pano na pia, guardou o pão no armário e voltou para a cadeira como se ainda faltasse alguma coisa da manhã. O primeiro formulário tinha seu nome escrito, o grau de vínculo e uma frase curta no campo do motivo. O segundo continuava em branco. Ao lado, estavam a notificação de dado duplicado, o comprovante de consulta sem alteração e a folha de Murilo com linhas que saíam de vários pontos e não chegavam todas ao mesmo lugar.

A mesa ficou menor com os papéis. Rosa percebeu isso quando foi cortar cebola para o almoço e precisou empurrar o formulário com o dorso da mão. A faca bateu na tábua, a casca

caiu perto do campo de assinatura, e ela afastou tudo para o lado do saleiro. Ainda assim, quando colocou a panela no fogo, voltou a olhar para as folhas. O campo justificativa permanecia quase vazio. Havia espaço demais para uma frase que ela não sabia escrever.

Adeimir entrou antes do meio-dia, tirou a chave do bolso e colocou no prego perto da porta. Viu a mesa ocupada, lavou as mãos e sentou no lugar de sempre. Rosa serviu o prato dele sem tirar os papéis.

— Não levou? — ele perguntou.

— Não.

— Disseram que estava regular.

— Disseram.

— Então por que continua aí?

Rosa colocou a concha de feijão de volta na panela e fechou a tampa.

— Porque regular não entregou nada.

Adeimir olhou para o formulário. O garfo ficou parado entre os dedos.

— E entregar muda?

— Não sei.

— Se não sabe, talvez seja melhor não mexer.

— Talvez.

Ele começou a comer. Rosa sentou do outro lado, mas antes tirou a notificação de perto do prato, para não manchar. Adeimir mastigou devagar, olhando de vez em quando para os papéis sem comentar. O rádio estava desligado. Pela janela, vinha o barulho de uma serra elétrica em alguma casa da rua, interrompido por pausas curtas. Quando terminou, ele levou o prato até a pia e passou pela mesa de novo.

— Vai acabar perdendo algum desses.

— Estão todos aqui.

— Justamente.

Rosa não respondeu. Depois que ele saiu, juntou os papéis em uma pilha, mas a mesa continuou ocupada. A pilha parecia mais alta do que era. Ela tentou colocá-la sobre o armário, depois desistiu e trouxe de volta. O formulário precisava ficar visível para que ela lembrasse de preencher. Ficando visível, atrapalhava tudo.

Luciana chegou no meio da tarde, com uma bolsa cheia de cadernos, duas canetas presas no cabelo e o rosto cansado. Entrou pela cozinha, beijou Rosa, tirou um copo do armário e bebeu água antes de sentar. Viu os papéis e puxou o formulário para perto.

— A senhora parou onde?

— Na justificativa.

Luciana leu o que já estava preenchido.

— Está quase.

— Quase não serve.

— Serve para começar.

— Eles não gostam de começo.

Luciana pegou uma caneta da bolsa e aproximou a ponta do campo em branco, mas não escreveu.

— Pode colocar: documento complementar necessário à abertura de canal.

Rosa olhou para a folha.

— Necessário para quem?

— Para eles aceitarem.

— Mas quem precisa sou eu.

Luciana abaixou a caneta. Na sala, Adeimir tossiu, embora não tivesse voltado para a cozinha.

— Mãe, se escrever desse jeito, o papel entra.

— Entra onde?

— No sistema.

— E depois?

Luciana apoiou os cotovelos na mesa, empurrando sem perceber a folha de Murilo para baixo do comprovante.

— Depois espera.

— Eu já esperei.

— Eu sei.

— Então não é depois. É o mesmo.

Luciana passou a mão no rosto. O gesto trouxe para ela uma idade maior por alguns segundos. Guardou a caneta sem tampa e começou a procurar a tampa na bolsa, entre chaves, recibos e folhas dobradas.

— A senhora quer que eu preencha?

— Não.

— Quer que eu vá junto?

— Também não.

— Então quer o quê?

Rosa olhou para o campo vazio. A luz da janela atravessava a mesa e deixava visível a pressão da caneta onde ela havia escrito o próprio nome.

— Quero não mentir para caber.

Luciana encontrou a tampa da caneta, fechou com força e ficou quieta. Depois puxou a folha de Murilo, que estava quase escondida.

— Ele deixou isso aqui?

— Deixou.

— Daqui a pouco a mesa não serve para comer.

— Hoje ainda serve.

Luciana levantou para ir embora pouco depois. Antes de sair, tocou no ombro de Rosa.

— Não deixa virar doença.

— Papel não pega doença.

— Pega na gente.

Rosa acompanhou a filha até o portão. Quando voltou, os papéis ainda estavam no mesmo lugar, mas a frase de Luciana ficou na cozinha mais tempo do que ela. Rosa passou pano na mesa sem tirar nada de cima. Levantava uma folha, limpava, colocava de volta. Levantava outra, limpava, alinhava. No fim, a mesa estava limpa e ocupada.

Márcia apareceu com Murilo antes do anoitecer. Trazia pressa no corpo e uma sacola de farmácia pendurada no braço. Murilo entrou primeiro, largou um carrinho pequeno perto da cadeira e foi direto para a mesa.

— Ainda está aí?

— Está.

— Não levou?

— Não.

Ele puxou a folha dos caminhos, alisou com a mão e procurou um lápis no bolso.

— Não risca o formulário — Márcia disse da porta.

— Não vou.

— Você sempre fala isso.

— Mas não vou.

Rosa tirou um lápis da prateleira e entregou a ele. Murilo sentou na ponta da cadeira, ocupando o pouco espaço livre. Começou a engrossar uma linha do desenho, desviando dos papéis como quem contorna pedras no caminho.

Márcia deixou a sacola no chão, tirou um remédio de dentro e colocou perto da pia.

— Mãe, isso precisa ficar espalhado?

— Por enquanto.

— Por enquanto desde ontem.

— Desde hoje.

— Parece desde antes.

Rosa quase respondeu, mas Murilo levantou o desenho.

— Aqui dá para passar.

Márcia olhou sem paciência.

— Passar onde?

— No meio.

— No meio de quê?

— Dos papéis.

Ele colocou o desenho ao lado do formulário. A linha fina que atravessava as outras parecia continuar na borda branca do documento. Márcia suspirou.

— Não mistura isso.

— Não misturei. Só encostou.

— Murilo.

Rosa pegou o desenho e devolveu ao menino.

— Deixa ele terminar.

— Ele tem lição de verdade.

— Caminho também é lição.

Márcia olhou para a mãe, cansada demais para discutir a frase. Pegou o carrinho do chão, colocou na mão de Murilo e disse que iriam embora depois que ele terminasse o pão. Rosa cortou um pedaço, passou manteiga e entregou. O menino comeu olhando para os papéis. Antes de sair, apontou para o campo vazio.

— Ainda falta esse.

— Falta.

— Escreve com lápis primeiro.

— Por quê?

— Porque caneta não volta.

Márcia puxou o menino pela mão.

— Vamos.

Quando os dois saíram, a noite já começava a entrar pela janela. Rosa acendeu a luz da cozinha. A lâmpada deixou os papéis mais brancos. Adeimir voltou para a mesa, sentou e ligou o rádio baixo. A música veio com chiado. Rosa preparou café, colocou duas xícaras sobre a mesa e afastou os formulários para que coubessem. Ainda assim, uma ponta do comprovante ficou debaixo do pires de Adeimir.

— Cuidado — ela disse.

Ele levantou o pires.

— Nem vi.

— É comprovante.

— De quê?

— De que fui.

Adeimir tomou café. Depois pousou a xícara com cuidado.

— Se precisa comprovar que foi, é porque ir não bastou.

Rosa olhou para ele. Adeimir parecia não ter pretendido dizer nada além daquilo. Bebeu o resto do café, levantou e foi para a sala com o rádio, deixando a frase na mesa junto dos papéis.

Daniel chegou tarde.

Bateu no portão com dois toques curtos e um arrasto de mão no ferro. Rosa conhecia aquele jeito. Não era a batida de quem vinha visitar, nem a de quem trazia notícia. Era batida de corpo gasto, tentando fazer barulho sem chamar a rua inteira. Ela abriu antes do segundo arrasto. Daniel estava magro no rosto, com a barba por fazer, os olhos vermelhos e a camisa grudada nas costas. Havia um cheiro de suor antigo, cigarro frio e alguma coisa doce demais, como bala derretida no bolso.

— Mãe.

— Entra.

— Não vou demorar.

— Entra.

Ele entrou até a cozinha e parou diante da mesa, como se os papéis ocupassem também o ar. Passou a mão pelo cabelo, olhou para o formulário, para o comprovante, para a notificação e para a folha de Murilo. Depois riu baixo, sem alegria.

— A senhora está montando cerca?

Rosa fechou o portão e voltou.

— Quer café?

— Café me deixa pior.

— Quer comer?

Daniel sentou sem responder. A perna direita começou a balançar debaixo da mesa. Ele segurou a borda com as duas mãos, depois

soltou. Pegou a notificação, olhou sem ler e devolveu torta.

— Papel gosta de ficar deitado.

— Não mexe.

— Ele deita, a gente fica em pé. Já viu?

Rosa foi até o fogão. Havia arroz, feijão e um pouco de carne. Colocou tudo em um prato fundo e levou para ele. Daniel olhou a comida como se precisasse lembrar o que se fazia com aquilo.

— Come.

— Daqui a pouco.

— Agora.

Ele pegou a colher. No primeiro bocado, mastigou devagar. No segundo, a fome apareceu de uma vez, e ele comeu com pressa, curvado sobre o prato. Rosa encheu um copo de água e colocou perto da mão dele. Daniel bebeu

metade, limpou a boca com as costas da mão e voltou a olhar para os papéis.

— Eles dão papel quando não querem dar a coisa.

Rosa ficou de pé, perto da pia.

— Que coisa?

— A coisa. Qualquer coisa. Comida, visita, perdão, emprego, filho, passagem. Primeiro dão papel. Aí você segura. Aí precisa de outro. Aí você vai atrás do outro. Quando vê, está cuidando dos papéis para não perder a coisa que nunca veio.

Ele riu outra vez, agora mais baixo. A perna continuava tremendo. Rosa puxou a cadeira e sentou do outro lado da mesa.

— Você tomou alguma coisa?

Daniel levantou os olhos, ofendido por um instante. Depois a ofensa passou.

— Tomei nada que preste.

— Daniel.

— Estou aqui, mãe.

— Está como?

Ele olhou ao redor, para a cozinha, para o prato quase vazio, para a porta, para a janela escura.

— Meio fora.

Rosa não corrigiu. Pegou a notificação que ele havia deixado torta e alinhou com os outros papéis.

— Come mais.

— Se comer, fico pesado.

— Precisa.

— Para quê?

— Para dormir.

Daniel ficou com a colher parada no prato. A frase pareceu chegar nele com atraso. Quando chegou, ele assentiu, mas o gesto saiu quebrado.

— Dormir é bom. Quando dá.

Comeu o resto. Depois empurrou o prato, mas não muito, para não encostar nos formulários. Passou o dedo perto do campo vazio, sem tocar.

— Esse aqui é o buraco.

— Que buraco?

— Onde a senhora quer escrever a coisa que não cabe. Todo papel tem um. Eles deixam pequeno para a gente pensar que a culpa é da letra.

Rosa olhou para o campo justificativa. A linha em branco parecia mais estreita sob a luz da cozinha.

— Você está falando demais.

— Estou. Quando estou ruim eu falo certo sem querer.

Ela levantou para lavar o prato. Daniel acompanhou com os olhos, depois apoiou a testa na mão. O corpo dele parecia ter perdido a armação por dentro. Rosa lavou devagar, deixou escorrer e voltou com o copo de água cheio.

— Vai dormir aqui hoje.

— Não precisa.

— Vai.

— O pai reclama.

— Reclama amanhã.

Daniel riu pelo nariz.

— Amanhã é longe.

Rosa colocou o copo diante dele.

— Bebe.

Ele bebeu. Depois puxou a folha de Murilo com cuidado inesperado. Olhou as linhas, os desvios,

a curva que passava entre dois caminhos grossos.

— Esse menino sabe.

— Sabe o quê?

— Que caminho não pede licença. Passa onde dá. Se não dá, risca por cima. Se rasga, vira beira.

Rosa tomou a folha da mão dele antes que amassasse, mas sem força.

— Vai deitar.

Daniel levantou devagar. A cadeira raspou o chão. Ele ficou um momento parado, olhando a mesa de cima.

— Não entrega tudo, mãe.

— O quê?

— Tudo. Eles pedem cópia, depois querem o original. Pedem assinatura, depois querem a mão. Pedem motivo, depois querem a boca dizendo de novo. Guarda um pedaço.

Rosa segurou a folha de Murilo contra o peito.

— Vai deitar.

Ele foi para o quarto pequeno, o mesmo onde às vezes dormia quando aparecia tarde demais para voltar. Rosa pegou um lençol no armário e levou. Daniel já estava sentado na beira da cama, tirando os sapatos com dificuldade. Ela esperou. Depois estendeu o lençol e colocou um travesseiro sem fronha nova.

— Dorme.

— Mãe.

— O quê?

— Se eu falar coisa estranha, não acredita tudo.

— Eu sei.

— Mas também não joga fora.

Rosa apagou a luz do quarto e deixou a porta encostada. Na cozinha, os papéis continuavam

sobre a mesa. Ela guardou o prato, lavou a colher e enxugou o balcão. Depois sentou diante do formulário. Pegou a caneta, aproximou do campo justificativa e ficou algum tempo sem escrever.

Do quarto, veio um som baixo de tosse, depois o ranger da cama. Daniel murmurou alguma coisa que Rosa não entendeu. Ela olhou para a folha de Murilo, depois para o formulário. Pegou a notificação, o comprovante e as cópias, juntou tudo em uma pilha e deixou o original da folha antiga separado, perto da janela.

No campo justificativa, escreveu apenas: necessário para não perder tudo.

A frase ficou torta e pequena. Não ocupou a linha inteira. Rosa tampou a caneta, apagou a luz da cozinha e deixou a mesa como estava.

Capítulo 16
Nenhuma função

Rosa acordou antes da rua. Por alguns minutos, ficou deitada ouvindo a casa: a respiração pesada de Adeimir ao lado, um estalo no telhado, o ruído fraco de Daniel se mexendo no quarto pequeno. Ele tossiu uma vez, virou na cama e ficou quieto. Rosa levantou sem acender a luz, calçou as sandálias e foi para a cozinha pisando devagar, como se o chão ainda guardasse alguma coisa da noite anterior.

A mesa permanecia ocupada. Os formulários estavam no mesmo lugar, junto da notificação de dado duplicado, do comprovante de consulta sem alteração, das cópias e da folha de Murilo. A caneta tampada ficava atravessada sobre o primeiro formulário. No campo justificativa, a frase escrita na noite anterior parecia menor sob

a claridade da manhã: necessário para não perder tudo. Rosa leu sem tocar no papel. Depois olhou para a porta do corredor, ouviu se Daniel chamava e foi preparar o café.

Pôs água no bule, mas demorou a acender o fogo. A mão ficou parada no botão do fogão enquanto ela olhava para a mesa. Havia papéis que poderiam ir, papéis que não deveriam ir, papéis que não serviam para nada e, mesmo assim, pareciam mais pesados. Acendeu a chama, pegou o pó de café e deixou a água esquentar. Enquanto esperava, começou a separar a mesa sem pressa.

As cópias ficaram de um lado. O formulário preenchido, a notificação e o comprovante foram para junto delas. O documento de identidade voltou para a bolsa. A folha antiga ficou separada, dobrada pelo vinco, ao lado da folha de Murilo. Rosa alisou o desenho do menino com a palma da mão. As linhas atravessavam umas às outras sem pedir campo, assinatura ou justificativa. A folha antiga, ao lado, guardava a frase na margem inferior. Rosa não abriu. Apenas encostou os dedos na dobra.

Adeimir entrou na cozinha já vestido, ainda penteando o cabelo com os dedos. Parou ao ver que o café não estava pronto e olhou para o bule no fogo.

— Está cedo.

— Está.

— Ele acordou?

— Mexeu um pouco.

Adeimir olhou para a porta do corredor.

— Vai ficar?

— Até melhorar.

— Melhorar de quê?

Rosa pegou duas xícaras no armário.

— De ontem.

Adeimir não sentou. Aproximou-se da mesa e viu os papéis em dois grupos. Tocou no envelope das cópias, sem levantá-lo.

— Vai levar isso hoje?

— Não sei.

— Preencheu.

— Preenchi.

— Então leva.

Rosa despejou o café no coador. O cheiro subiu forte, mais amargo que de costume. Ela esperou a água passar antes de responder.

— Ainda não separei direito.

— Está separado.

— Não tudo.

Adeimir olhou outra vez. Para ele, havia apenas papel em cima da mesa. Um monte à esquerda, outro à direita, um envelope, uma folha

desenhada. Pegou a xícara que Rosa lhe entregou e ficou segurando sem beber.

— O que falta?

— Saber o que não vai.

— Se não vai, guarda.

— É isso que estou fazendo.

Ele bebeu um gole, fez uma careta pequena porque o café estava forte, mas não reclamou. Sentou-se de lado, ocupando metade da cadeira, como quem não queria permanecer. A porta do quarto pequeno rangeu no corredor. Daniel apareceu descalço, com a camisa amarrotada, o cabelo grudado de um lado e o rosto mais claro do que na noite anterior. Parou ao ver Adeimir, depois olhou para Rosa.

— Bom dia — disse, com a voz seca.

Adeimir respondeu sem levantar muito o rosto.

— Bom dia.

Rosa pegou um copo de água e colocou sobre a mesa, afastando os papéis.

— Bebe antes do café.

Daniel sentou devagar. O corpo parecia ter acordado por partes, umas antes das outras. Bebeu metade da água, respirou pelo nariz e passou a mão no rosto. Os olhos pararam nos papéis separados.

— A senhora fez monte.

— Fiz.

— Qual é o que vai?

Rosa apontou para o envelope das cópias.

— Esse talvez.

— E esse?

Ele indicou a folha antiga e o desenho de Murilo.

— Esse fica.

Daniel assentiu, como se a resposta não precisasse de explicação. Adeimir olhou para ele de lado, incomodado com a naturalidade daquela autoridade fraca e tardia.

— Você está melhor? — perguntou.

Daniel segurou o copo com as duas mãos.

— Um pouco.

— Precisa trabalhar?

— Hoje não.

— Precisa procurar.

— Hoje também não.

Adeimir respirou mais fundo, mas Rosa colocou um prato com pão diante de Daniel antes que a conversa avançasse.

— Come.

— Não estou com fome.

— Come metade.

Daniel pegou o pão. Mordeu pouco no começo, depois mais. A fome apareceu sem cerimônia, e ele abaixou o rosto sobre o prato. Adeimir bebeu o resto do café, levantou e levou a xícara até a pia.

— Vou sair.

— Já?

— Tenho horário.

Rosa não perguntou mais. Ele pegou a chave no prego, passou pela mesa e parou perto da porta.

— Rosa.

Ela olhou.

— Não deixa ele dormir o dia inteiro.

Daniel continuou comendo. Rosa respondeu sem olhar para o filho.

— Deixo o necessário.

Adeimir abriu a porta da cozinha e saiu. O portão bateu pouco depois. O som ficou na casa por alguns segundos, depois a rua engoliu.

Daniel terminou o pão e empurrou o prato para longe, com cuidado para não encostar nas folhas. Passou o dedo perto do campo justificativa, mas não tocou.

— Escreveu.

— Escrevi ontem.

— Foi o que eu falei?

— Foi o que ficou.

Ele leu devagar, movendo apenas os olhos.

— Necessário para não perder tudo.

Rosa recolheu o prato.

— Está ruim?

— Está perigoso.

— Por quê?

— Porque é verdade demais para papel.

Ela levou o prato até a pia. Lavou, enxaguou e deixou no escorredor. Daniel ficou olhando para o formulário. A manhã clareava a mesa de um jeito que a noite não permitira. A frase parecia deslocada entre os campos impressos, mas não parecia errada.

— Eles vão gostar? — Rosa perguntou, ainda de costas.

— Não.

— Então não serve.

— Serve para a senhora saber por que não deve entregar o outro.

Rosa voltou para a mesa. Daniel apontou com o queixo para a folha antiga, ainda dobrada.

— Esse aí não tem função para eles.

— Tem nome.

— Nome eles já têm.

— Tem letra.

— Letra eles copiam.

— Tem frase.

Daniel olhou para a mãe.

— Por isso mesmo.

Rosa sentou. A xícara dela estava quase cheia, já morna. Bebeu um gole. Daniel encostou as costas na cadeira, cansado pelo pouco que havia dito. A mão dele tremia menos, mas tremia. Rosa percebeu e empurrou o copo de água outra vez para perto.

— Você lembra do que falou ontem? — ela perguntou.

— Pedaços.

— Falou para guardar um pedaço.

Ele fechou os olhos por um instante.

— Isso eu lembro.

— Qual pedaço?

Daniel abriu os olhos. A cozinha estava quieta. Pela janela, entrava o barulho de uma vassoura em alguma calçada próxima.

— O que não ajuda eles.

— E ajuda quem?

Ele demorou.

— A casa.

Rosa ficou com a mão sobre a mesa, entre o envelope e o desenho de Murilo. Não havia resposta para aquilo que não ficasse grande demais. Ela puxou o envelope das cópias, abriu, conferiu o conteúdo e fechou de novo sem colar. Depois pegou a folha antiga e a colocou dentro de um livro fino de receitas, desses que

ficavam perto do fogão e quase nunca eram usados. Não era esconderijo. Era apenas um lugar onde as coisas da cozinha não pareciam pedir explicação.

Daniel observou.

— Receita?

— Estava perto.

— Melhor que protocolo.

Rosa guardou o livro na prateleira, entre uma lata de fermento e um pote de sal. A folha de Murilo ficou na mesa. Daniel puxou o desenho com cuidado, olhou as linhas e devolveu.

— Esse também fica.

— Fica.

— O menino vai precisar.

— Para quê?

— Para continuar.

Rosa quase perguntou continuar o quê, mas não perguntou. Daniel apoiou os cotovelos na mesa e baixou a cabeça. Não dormiu, mas ficou perto disso. Rosa levantou para abrir a janela um pouco mais. A luz entrou inteira, mostrando migalhas perto do prato, uma marca de copo, o vinco do formulário, a poeira fina sobre o envelope.

Perto do meio-dia, Daniel tomou banho. Rosa ouviu a água cair, depois a torneira fechar, depois o silêncio comprido de quem fica parado no banheiro sem fazer nada. Quando ele voltou, estava com uma camisa limpa de Adeimir, larga nos ombros. O cabelo molhado deixava o rosto mais novo. Sentou outra vez, mas agora com menos peso.

— Vou embora depois do almoço.

— Para onde?

— Para o quarto onde estou.

— Tem comida lá?

— Tem pão.

— Isso não é comida.

— Hoje é.

Rosa abriu a geladeira, tirou arroz, feijão e um pedaço de carne. Colocou tudo no fogão. Daniel ficou acompanhando os gestos dela sem falar. Quando o cheiro começou a subir, ele olhou para a prateleira onde Rosa havia colocado o livro de receitas.

— Não esquece onde pôs.

— Não vou esquecer.

— Esquecer também guarda, às vezes.

— Hoje não.

Ele aceitou. Comeu melhor no almoço, ainda calado, mas sem a urgência da noite. Rosa serviu pouco primeiro, depois mais. Ele não recusou. Depois de comer, lavou o próprio prato, apesar de Rosa dizer que deixasse. A água escorreu pelo

braço dele até a manga emprestada. Ele não percebeu.

Antes de sair, ficou um momento no portão. O sol estava alto, batendo no muro da frente. Rosa entregou a ele um saco com dois pães e uma porção pequena de arroz dentro de um pote.

— Mãe, eu não sou criança.

— Criança também come.

Ele pegou.

— Eu volto.

— Volta sem precisar cair antes.

Daniel olhou para ela. A frase atingiu um lugar que não era acusação, mas doeu mesmo assim. Ele baixou a cabeça, depois assentiu.

— Tento.

— Hoje basta.

Ele foi embora pela calçada, carregando o saco junto ao corpo. Rosa ficou no portão até ele virar a esquina. Quando voltou para a cozinha, a mesa parecia maior. Ainda havia papéis, mas menos. O envelope das cópias estava de um lado. O formulário permanecia por cima, com a frase no campo justificativa. A folha de Murilo continuava aberta, perto da janela.

À tarde, Rosa pegou o envelope e colocou dentro da bolsa pequena. Não colou a aba. Deixou o formulário junto. Depois olhou para a prateleira, para o livro de receitas entre o fermento e o sal, e não mexeu. O original ficaria ali.

Quando Murilo chegou no fim da tarde, entrou correndo, parou diante da mesa e percebeu a mudança.

— Tirou papel.

— Tirei alguns.

— Levou?

— Ainda não.

Ele olhou para a própria folha.

— Esse ficou.

— Ficou.

Murilo puxou a cadeira, sentou e passou o dedo por uma das linhas.

— Posso continuar?

— Pode.

— Com caneta?

Rosa pensou na frase do formulário, na caneta que não voltava, no lápis que Murilo preferia quando queria corrigir caminho.

— Hoje, lápis.

Ele aceitou, pegou o lápis e começou a desenhar sem perguntar mais. Rosa preparou café. Pela primeira vez naquele dia, lembrou de pôr a quantidade certa de pó. A cozinha ficou com cheiro de tarde comum. O rádio de Adeimir

ainda não havia sido ligado. Do lado de fora, uma criança chamou outra pelo nome, e a voz atravessou a janela sem encontrar resposta.

Rosa colocou a xícara sobre a mesa, longe do desenho. Murilo riscava uma linha nova, fina, que passava entre duas mais grossas e seguia até perto da borda. Quando chegou ali, ele virou a folha para continuar. Rosa observou o gesto e não disse nada. Na prateleira, o livro de receitas ficou quieto entre o fermento e o sal, sem função nenhuma para quem entrasse na cozinha procurando documento.

Capítulo 17
Os outros filhos

Rosa tirou os papéis da mesa antes de cortar a abóbora. O envelope das cópias foi para dentro da bolsa pequena. O formulário ficou junto, sem a aba colada, com a frase ainda torta no campo de justificativa. A folha de Murilo permaneceu aberta perto da janela até ela perceber que a tábua não caberia sem dobrar uma ponta do desenho. Levou a folha para a prateleira, encostou no vidro de café e voltou para a mesa com a faca na mão.

A cozinha precisava voltar a caber nela mesma. Havia arroz para lavar, feijão para aquecer, abóbora para cortar, uma carne pequena que renderia se fosse desfiada, pão do dia anterior e dois ovos. Rosa colocou tudo em lugares conhecidos. A faca bateu na tábua com som

seco. A casca da abóbora ofereceu resistência, depois cedeu. Pela janela, entrava um vento fraco, trazendo cheiro de sabão de alguma casa próxima.

Márcia chegou antes do horário de costume, empurrando Murilo pela porta da cozinha com a bolsa escorregando do ombro.

— Mãe, eu preciso deixar ele um pouco.

Rosa não parou de cortar.

— Quanto é um pouco?

— Não sei. Até eu voltar.

— Isso não é hora.

Márcia largou a bolsa sobre uma cadeira e passou a mão no cabelo, prendendo de novo o que já estava preso de qualquer jeito.

— Chamaram no serviço. Uma colega faltou. Eu não tenho com quem deixar.

Murilo já estava perto da prateleira, olhando a própria folha encostada no vidro de café.

— Posso pegar?

— Depois do almoço — Rosa disse.

— Eu não almocei.

Márcia olhou para ele.

— Comeu pão.

— Pão não conta.

— Conta quando é o que tem.

Rosa colocou os pedaços de abóbora numa panela.

— Fica para comer.

Márcia respirou como se fosse agradecer, mas a pressa tomou o lugar da palavra. Beijou Murilo na testa, depois Rosa no rosto, pegou a bolsa outra vez e parou na porta.

— Ele está impossível hoje.

— Eu estou normal — Murilo disse.

— Está respondendo tudo.

— Porque perguntam.

Rosa acendeu o fogo.

— Vai, Márcia.

Márcia saiu antes que o menino completasse outra frase. Murilo puxou a cadeira, sentou e ficou batendo o calcanhar na madeira. A cozinha encheu-se do som pequeno e repetido. Rosa mexeu a panela sem pedir silêncio. Depois de alguns minutos, ele parou sozinho.

— O Daniel vem hoje?

— Não sei.

— Ele dormiu aqui.

— Dormiu.

— Ele estava ruim.

Rosa pegou sal com a ponta da colher.

— Estava cansado.

— Cansado diferente.

— Sim.

Murilo aceitou a resposta e ficou olhando a panela. A abóbora começava a amolecer nas bordas. Ele apoiou o queixo na mesa, perto demais da tábua.

— Posso ajudar?

— Pode pôr os pratos.

— Quantos?

Rosa olhou para o armário antes de responder.

— Quatro.

Ele abriu a porta do armário com cuidado, pegou um prato por vez e colocou sobre a mesa.

Depois voltou para buscar talheres. Pôs um garfo torto ao lado de uma faca, percebeu e corrigiu. Quando terminou, havia quatro lugares. Rosa não disse nada. Murilo também não perguntou.

Luciana apareceu perto do meio-dia, trazendo uma sacola com cadernos e uma pasta de documentos da escola. Entrou pela cozinha como sempre, mas parou ao ver a mesa posta.

— Tem almoço?

— Tem.

— Eu não vinha almoçar.

— Agora veio.

Luciana sorriu pouco, tirou os sapatos perto da porta e lavou as mãos na pia. Estava com uma marca vermelha no pulso, deixada por alguma pulseira apertada ou elástico. Murilo olhou para a pasta que ela trazia.

— Mais papel?

— Meu papel — ela respondeu.

— Aqui já tem muito.

Luciana olhou para Rosa.

— A senhora guardou?

— Guardei o que precisava.

— Vai levar?

— Não hoje.

Luciana enxugou as mãos no pano da pia.

— Melhor esperar mesmo.

A frase saiu diferente do conselho anterior. Não tinha urgência nem correção. Rosa notou, mas não comentou. Serviu água em dois copos e pediu a Murilo que parasse de mexer nos talheres. Ele obedeceu por alguns segundos, depois alinhou todos de novo.

Daniel chegou quando o arroz já estava pronto. Não bateu no portão do mesmo modo da noite

anterior. Chamou baixo da entrada, como quem ainda não sabia se tinha permissão para entrar durante o dia.

— Mãe?

Rosa deixou a colher dentro da panela e foi abrir. Daniel estava com a mesma camisa limpa de Adeimir, agora seca e marcada no cotovelo. Trazia o pote vazio dentro de uma sacola plástica.

— Vim devolver.

— Entra.

— Só trouxe o pote.

— Entra.

Ele entrou. Viu Luciana, viu Murilo, viu os quatro pratos. A mão fechou um pouco mais a sacola.

— Não sabia que tinha gente.

Luciana levantou-se e beijou o irmão no rosto. O gesto foi rápido, mas não automático. Ela segurou um instante o braço dele antes de soltar.

— Você está melhor?

— Estou de pé.

— Isso não responde.

— Hoje responde.

Murilo puxou uma cadeira.

— Senta aqui.

Daniel olhou para Rosa, como se precisasse confirmar que o lugar era dele. Rosa apontou com a colher.

— Senta antes que esfrie.

Sentaram. Rosa serviu primeiro Murilo, depois Luciana, depois Daniel. Colocou pouca comida no próprio prato e deixou a panela no fogão. A mesa ficou apertada com quatro pessoas, copos, travessa pequena, faca, pão, saleiro e a sacola de

cadernos de Luciana encostada na parede. Não havia papel administrativo à vista. Mesmo assim, o espaço parecia lembrar que estivera ocupado.

— Cadê o vô? — Murilo perguntou.

— Trabalhando — Rosa respondeu.

— Ele não almoça?

— Hoje não.

Daniel partiu o pão ao meio e colocou uma parte na beirada do prato.

— Melhor. Menos sermão.

Luciana olhou para ele.

— Daniel.

— Falei baixo.

— Não é o volume.

Ele deu de ombros e comeu. A fome dele veio mais controlada do que na noite anterior, mas

ainda vinha com uma pressa difícil de disfarçar. Rosa serviu mais feijão sem perguntar. Daniel olhou para o prato, depois para a mãe.

— Eu ia pedir.

— Então chegou antes.

Luciana mexia na comida com o garfo, separando os pedaços de abóbora.

— Márcia deixou Murilo e saiu correndo?

— Saiu — Rosa disse.

— Ela está se acabando.

Murilo levantou o rosto.

— Minha mãe não está se acabando.

— Modo de dizer.

— Modo errado.

Daniel riu baixo. Luciana também quase riu, mas segurou.

— Está vendo? — ela disse. — Respondendo tudo.

— Porque perguntam — Murilo repetiu.

Rosa comeu devagar. Observava sem fixar os olhos em ninguém por muito tempo. Daniel tinha as mãos menos trêmulas, mas os dedos ainda procuravam alguma coisa na mesa quando não seguravam o garfo. Luciana mantinha o corpo inclinado para a frente, como se a qualquer momento precisasse levantar para resolver algo. Murilo mastigava olhando de um adulto para outro, atento às frestas da conversa.

— A Márcia comeu? — Rosa perguntou.

— Acho que não — Murilo respondeu.

Luciana pousou o garfo.

— Ela nunca come direito quando está correndo.

— Ninguém come direito correndo — Daniel disse.

Luciana olhou para ele outra vez, mas dessa vez sem correção.

— Você também não.

— Eu como quando tem.

— Tem aqui.

Ele continuou olhando para o prato.

— Eu sei.

A frase não pediu resposta. Rosa levantou, pegou uma vasilha pequena no armário e separou uma porção de arroz, feijão e abóbora para Márcia. Cobriu com um prato.

— Ela leva quando buscar.

Murilo pareceu satisfeito com a solução. Luciana pegou um pedaço de pão e passou no caldo que ficara no prato.

— Mãe, a senhora não precisa dar conta de todo mundo.

Rosa fechou a panela.

— Hoje deu.

— Hoje não é sempre.

Daniel apontou para Luciana com o garfo.

— Deixa ela ganhar o hoje.

Luciana ficou quieta. A frase, vinda dele, não tinha o peso de uma tese. Tinha resto de cansaço e alguma lucidez torta. Rosa sentou de novo. Murilo empurrou o copo para mais longe da beirada.

— Se cada dia ganha um, no fim ganha bastante — ele disse.

— Isso é conta? — Daniel perguntou.

— É caminho.

— Tudo seu é caminho.

— Quase tudo.

Luciana respirou fundo e, pela primeira vez desde que chegara, encostou as costas na cadeira. A cozinha ficou mais lenta por alguns minutos. Comeram sem pressa. Do lado de fora, passou um vendedor anunciando ovos. A voz atravessou a janela, perdeu força no quintal e sumiu na rua de cima.

Depois do almoço, Daniel levou os pratos até a pia. Luciana tentou impedir.

— Deixa que eu lavo.

— Eu lavo o meu.

— Você precisa descansar.

— Lavar prato não é guerra.

— Depende do dia — Rosa disse.

Daniel olhou para ela, entendeu alguma coisa e lavou apenas o próprio prato, como quem aceitava um limite pequeno. Luciana lavou os outros. Murilo ficou secando os talheres, mas secava mal, deixando água perto dos cabos. Rosa

guardava um por um depois dele, sem refazer na frente.

Márcia voltou quando a cozinha já estava quase em ordem. Entrou pedindo desculpa antes de ver que Luciana e Daniel estavam ali.

— Desculpa, mãe, demorou mais que eu...

Parou. O rosto dela mudou primeiro para surpresa, depois para defesa.

— Aconteceu alguma coisa?

— Almoço — Daniel respondeu.

Márcia olhou para ele.

— Você está aqui.

— Estou.

— Bem?

— Mais ou menos.

— Isso é bem para você?

Daniel sorriu sem mostrar os dentes.

— Hoje é.

Márcia deixou a bolsa na cadeira vazia e passou a mão sobre a cabeça de Murilo.

— Você se comportou?

— Comi.

— Não foi isso que perguntei.

— Mas ajuda.

Luciana entregou a vasilha coberta para Márcia.

— Mãe separou comida para você.

Márcia pegou. O corpo dela pareceu ceder um pouco no peso da vasilha. Não era pesada, mas vinha pronta.

— Mãe, eu não queria dar trabalho.

— Já deu — Rosa disse.

Márcia ficou sem reação por um instante. Daniel riu baixo. Luciana abaixou o rosto para esconder o riso. Rosa abriu o armário e guardou os copos.

— Agora leva e come.

— Eu posso comer aqui?

A pergunta saiu menor do que Márcia pretendia. Rosa puxou a cadeira.

— Pode.

Márcia sentou. Rosa descobriu a vasilha, esquentou a comida numa panela pequena e serviu no prato que Daniel havia lavado. Márcia comeu com a bolsa ainda no colo, como se não tivesse certeza de que ficaria tempo suficiente para soltá-la. Murilo encostou no braço dela. Ela afastou por costume, depois puxou de volta.

— Está suado — disse.

— Você também.

— Eu trabalhei.

— Eu desenhei.

Daniel sentou perto da porta, já sem lugar definido na mesa. Luciana ficou em pé ao lado da pia, secando uma mão que já estava seca. Rosa observou os quatro ocupando a cozinha em medidas diferentes: Daniel perto da saída, Luciana perto da pia, Márcia presa à cadeira e à bolsa, Murilo encostado na mãe, mas olhando para a prateleira onde seu desenho havia sido guardado.

— Cadê meu caminho? — ele perguntou.

Rosa apontou para a prateleira.

— Ali.

— Posso mostrar?

Márcia mastigou antes de responder.

— Depois.

— Para todo mundo.

Daniel levantou.

— Mostra.

Murilo pegou a folha e abriu sobre a mesa, afastando o saleiro. As linhas estavam um pouco amassadas, mas continuavam legíveis. Uma delas passava entre duas mais grossas e virava na borda, onde ele havia girado a folha para continuar. Daniel inclinou-se. Luciana olhou por cima do ombro dele. Márcia segurou o prato com uma mão e a folha com a outra para não escorregar.

— Aqui é onde? — Luciana perguntou.

— Não tem nome.

— Então como sabe voltar?

Murilo apontou para a linha fina.

— Porque essa passa no meio.

— E se fechar? — Daniel perguntou.

— Faz outra.

— E se não tiver espaço?

— Vira a folha.

Daniel ficou olhando para o desenho. Márcia continuou comendo, mais devagar. Luciana tocou numa das linhas, sem pressionar. Rosa não se aproximou. Da porta da cozinha, via o desenho cercado pelos filhos, cada um tentando entender à sua maneira uma coisa que o menino não explicava inteira.

Adeimir chegou no fim da tarde e encontrou todos ainda ali. Parou na porta, surpreso com a cozinha cheia.

— Ué.

Daniel endireitou o corpo.

— Pai.

Adeimir olhou para ele, para Luciana, para Márcia, para Murilo, depois para Rosa.

— Aconteceu alguma coisa?

Rosa estava perto do fogão, com um pano de prato nas mãos.

— Almoço atrasou.

— Até agora?

— Hoje sim.

Adeimir entrou, lavou as mãos e sentou na única cadeira livre. Murilo puxou o desenho para perto de si. Daniel levantou para ceder espaço, mas Adeimir fez um gesto curto.

— Fica.

Daniel ficou em pé mesmo assim, encostado na parede. A conversa não recomeçou de imediato. O rádio ainda estava desligado. Pela janela, a luz da tarde entrava inclinada, tocando a borda da mesa, a vasilha vazia de Márcia, o copo de Daniel, os cadernos de Luciana e a folha de Murilo aberta no centro.

Rosa pegou outra xícara no armário e fez café. Dessa vez, colocou pó na medida certa. Serviu

Adeimir, depois perguntou se mais alguém queria. Luciana aceitou. Márcia também. Daniel hesitou.

— Pouco — ele disse.

Rosa serviu pouco.

Ficaram ali mais do que costumavam. Ninguém resolveu nada. Luciana falou de uma criança da escola que parara de morder os colegas. Márcia contou que uma mulher no serviço chamava todo mundo pelo nome errado. Daniel disse que no depósito havia um homem que assobiava a mesma música o dia inteiro e nunca chegava ao fim. Murilo tentou assobiar e não conseguiu. Adeimir ouviu, às vezes com o rosto fechado, às vezes com um canto de atenção que quase parecia descanso.

Quando foram embora, não saíram todos juntos. Luciana foi primeiro, levando os cadernos contra o peito. Márcia saiu depois com Murilo, a vasilha vazia e o desenho dobrado no bolso do menino. Daniel ficou mais um pouco no portão, sem pedir dinheiro, sem dizer que precisava ir.

Rosa entregou a ele um pedaço de pão embrulhado.

— Leva.

— Mãe.

— Leva.

Ele levou. Antes de sair, olhou para dentro da cozinha.

— Hoje ficou cheia.

— Ficou.

— Não ficou ruim.

— Não.

Daniel assentiu e foi embora. Adeimir já estava na sala, enfim com o rádio ligado baixo. Rosa voltou para a cozinha e encontrou a mesa marcada por copos, migalhas, uma gota de café, um risco de lápis que Murilo havia deixado perto da borda. Pegou o pano, mas não limpou

de imediato. Ficou olhando para o risco pequeno na madeira.

Depois passou o pano em volta dele.

Capítulo 18
O caderno de Murilo

O risco de lápis ficou na mesa.

Rosa passou pano em volta dele pela manhã, depois colocou a tábua de cortar um pouco mais para o lado. Era pequeno, quase nada, uma linha curta perto da borda, deixada por Murilo no dia anterior. Não atrapalhava o almoço, não sujava a madeira, não pedia conserto. Quando a luz entrava pela janela, o risco aparecia mais claro que a mesa. Quando a cozinha escurecia, sumia.

Adeimir viu depois do café.

— Isso não sai?

Rosa olhou sem se aproximar.

— Sai.

— Então por que não tirou?

Ela lavou a xícara, colocou no escorredor e enxugou as mãos.

— Ainda não.

Adeimir não insistiu. Pegou a chave no prego, conferiu o bolso da camisa e saiu. O rádio ficou desligado sobre a prateleira, como se também esperasse um horário melhor para começar. Rosa guardou o pão, limpou o fogão e tirou da mesa o envelope das cópias. A bolsa pequena estava pendurada na cadeira. Dentro dela, o formulário preenchido e os documentos esperavam. A aba do envelope continuava sem cola.

O livro de receitas permanecia na prateleira, entre o fermento e o sal. Rosa olhou para ele enquanto dobrava o pano de prato. A lombada era fina, desbotada, com uma fotografia antiga de bolo na capa. Ninguém procuraria documento ali. Ninguém procurava receita ali

também. Ela quase pegou o livro, mas a campainha do portão tocou antes.

Márcia chegou com Murilo pelo braço e uma sacola no ombro. O menino trazia um caderno contra o peito, desses de capa mole, com arame torto e etiqueta meio descolada.

— Mãe, posso deixar ele um pouco?

— Pode.

— Hoje é pouco mesmo.

— Você diz isso sempre.

— Hoje é verdade.

Murilo entrou sem esperar. Colocou o caderno sobre a mesa, bem perto do risco de lápis, e ficou olhando para os dois como se precisasse saber se combinavam. Márcia largou a sacola no chão e tirou de dentro um bilhete dobrado.

— A professora mandou.

Rosa pegou o papel.

— O que foi?

— Desenho onde era lição. De novo.

— Era caminho — Murilo disse.

— Era matemática.

— Tinha linha.

Márcia fechou os olhos por um instante.

— Tudo para você tem linha.

Rosa abriu o bilhete. A letra da professora era redonda, rápida, com algumas palavras sublinhadas. Pedia que Murilo usasse o caderno de atividades para as tarefas solicitadas e deixasse os desenhos para folhas avulsas. A última frase vinha mais firme: evitar mistura de registros.

Rosa dobrou o bilhete.

— Ela escreveu bonito.

Márcia olhou para a mãe, sem saber se havia crítica ou elogio.

— Mãe, ele precisa fazer o que pedem.

— Eu faço — Murilo disse.

— Depois de transformar em outra coisa.

— Mas faço.

Márcia pegou o caderno e abriu numa página marcada. Havia três contas incompletas no alto e, abaixo delas, um desenho que ocupava quase toda a folha. Duas linhas grossas saíam de lugares diferentes, se aproximavam, quase tocavam, depois se afastavam. Entre elas, uma linha fina seguia sem parar até o canto inferior, onde Murilo havia virado o caderno e continuado pela margem. No meio do desenho, algumas palavras apareciam escritas de lado: casa, volta, mãe, meio.

— Está vendo? — Márcia disse.

Rosa viu. Murilo ficou ao lado, segurando a barra da própria camiseta.

— As contas estão ali.

— Pela metade — Márcia respondeu.

— O caminho passou.

— Caminho não passa em cima de conta.

— Esse passou do lado.

Rosa colocou o bilhete sobre a mesa.

— Deixa o caderno aqui.

Márcia ficou séria.

— Para quê?

— Para ele terminar as contas depois.

— E os desenhos?

— Também.

— Mãe.

— Eu vejo com ele.

Márcia respirou fundo. O cansaço ainda estava no corpo dela desde o dia anterior, talvez de antes. A bolsa escorregou do ombro, e ela não levantou. Ficou olhando para o caderno como quem via ali mais uma coisa que não conseguia segurar.

— Eu não quero que ele fique estranho.

Murilo olhou para a mãe, mas não disse nada. Rosa fechou o caderno devagar.

— Ele já é um pouco.

— Isso não ajuda.

— Ajuda saber.

Márcia passou a mão no rosto.

— Eu volto antes do fim da tarde.

— Come alguma coisa no caminho.

— Não dá tempo.

Rosa foi até o fogão, pegou dois pães do armário e embrulhou num pano pequeno.

— Dá para morder no caminho.

Márcia aceitou, irritada e grata ao mesmo tempo. Beijou Murilo no alto da cabeça, pediu que ele obedecesse e saiu. O portão fechou com pressa. Murilo continuou olhando para a porta alguns segundos, depois puxou a cadeira.

— Ela acha que desenho pega.

Rosa colocou o caderno diante dele.

— Pega tempo.

— Tempo ela não tem.

— Então não gasta o dela hoje.

Ele abriu o caderno na página das contas. Pegou o lápis do bolso, lambeu a ponta sem perceber e começou a resolver a primeira. Rosa ficou ao lado, lavando arroz na bacia. A água ficou branca, escorreu pelo ralo, voltou limpa na

segunda lavagem. Murilo apagou uma conta com força demais e rasgou um pouco a folha.

— Devagar.

— Rasgou.

— Dá para continuar.

— Vai ficar feio.

— Então continua feio.

Ele olhou para ela, decidiu que era resposta suficiente e escreveu o número ao lado do rasgo. Fez as três contas. Duas estavam certas. A terceira, não. Rosa não sabia se devia corrigir ou deixar para a professora. Sentou-se ao lado dele.

— Essa aqui.

Murilo inclinou a cabeça.

— Está errada?

— Acho que sim.

— Você sabe?

— Sei até certo ponto.

— Qual ponto?

Rosa pegou o lápis e fez a conta embaixo, pequena, sem ocupar o desenho. Murilo acompanhou.

— Então era quatro.

— Era.

— Posso pôr uma linha?

— Depois.

— Para ligar o erro no certo?

Rosa devolveu o lápis.

— Pode.

Ele fez uma linha curta, quase discreta, entre a conta errada e a corrigida. Depois escreveu ao lado: voltou.

Rosa levantou para pôr o arroz no fogo. Murilo continuou no caderno. Virou a página. Havia folhas já cheias de desenhos, algumas com palavras soltas, outras com números interrompidos, outras apenas com linhas. Em uma, Rosa reconheceu o contorno da mesa da cozinha, com quatro cadeiras em volta e uma quinta afastada. Em outra, havia um retângulo que podia ser janela, porta ou papel. Em outra, três riscos verticais apareciam perto de um círculo pequeno.

— Quem é esse? — Rosa perguntou, apontando o círculo.

— Ninguém.

— E esses três?

— Lugar.

— Que lugar?

— Onde fica quando não sabe.

Ela aceitou. O feijão começou a ferver, e Rosa abaixou o fogo. O vapor subiu, embaçando um pouco o vidro da janela. Murilo passou para outra página. Nela havia uma palavra escrita várias vezes, com letras de tamanhos diferentes: regular. Embaixo, menor, ele escrevera vivo, mas o V estava torto e parecia quase outro sinal.

Rosa tocou na borda da folha.

— Onde viu essa palavra?

— Qual?

— Regular.

— Na mesa.

— E essa?

Ela apontou para vivo.

Murilo ficou um pouco mais quieto.

— Na boca.

— De quem?

— Não sei.

— Ouviu aqui?

— Acho que ouvi em todo lugar.

Rosa não perguntou mais. A panela pediu atenção. Ela mexeu o feijão, cortou a cebola, pegou sal. O caderno ficou aberto, com as duas palavras expostas à luz. Murilo olhava para elas como quem espera que uma das duas se mova primeiro.

Depois do almoço, ele quis guardar o risco da mesa.

— Como guarda risco de mesa? — Rosa perguntou.

— Copia.

— Mas copiar muda.

— Muda, mas fica.

Ele colocou o caderno perto da borda da mesa e tentou reproduzir a linha curta. Fez uma vez, ficou grande demais. Fez outra, torta. Na terceira, aproximou o lápis com muito cuidado e conseguiu um traço parecido, embora não igual. Escreveu embaixo: mesa.

— Agora pode apagar — disse.

Rosa passou o dedo sobre o risco real.

— Não precisa ainda.

— Então fica nos dois lugares.

— Por enquanto.

Murilo pareceu satisfeito. Virou outra página e desenhou a prateleira. Fez o vidro de café, o pote de sal, a lata de fermento e, entre eles, um retângulo fino.

— Esse é o livro?

Rosa olhou para a prateleira.

— É.

— Tem receita?

— Tem.

— De quê?

— Bolo, pão, essas coisas.

— A senhora faz?

— Quase nunca.

— Então por que guarda?

Rosa estava com a mão no pano de prato. Apertou o tecido uma vez, soltou.

— Porque ainda serve para alguma coisa.

Murilo desenhou uma linha saindo do livro e indo até a mesa.

— Serve para quê?

— Para ficar.

— Ficar é função?

Rosa pensou na palavra. No formulário, função aparecia sempre como coisa definida, campo, estado, vínculo. Na boca de Murilo, ficava menor e mais difícil.

— Às vezes.

Ele escreveu ficar ao lado do retângulo. Depois olhou para a prateleira de novo.

— Posso ver?

Rosa não respondeu logo. Foi até a prateleira, pegou o livro de receitas e trouxe para a mesa. Colocou diante dele com cuidado, como se fosse quente. Murilo abriu na primeira página. Havia uma receita de bolo simples, com manchas antigas de gordura. Virou mais algumas páginas. Rosa colocou a mão sobre o livro antes que ele chegasse ao meio.

— Devagar.

Ele parou.

— Tem coisa dentro?

— Tem.

— Posso?

Rosa abriu na página marcada. A folha antiga estava ali, dobrada. Murilo olhou, mas não tocou.

— É a de verdade?

— É.

— A cópia foi?

— Ainda não.

— Essa fica?

— Fica.

Ele passou o dedo ao lado da folha, sobre a página da receita, sem encostar no papel dobrado.

— Posso pôr no caderno que fica?

Rosa fechou o livro. Não foi brusca. Apenas fechou.

— Pode.

Murilo pegou o caderno e escreveu numa página nova: fica. Depois desenhou um retângulo pequeno, uma prateleira, uma mesa e uma linha entre os dois. Pensou um pouco e acrescentou, no canto, um prato.

— Por que prato?

— Porque mesa precisa de prato.

— Precisa?

— Senão vira só lugar de papel.

Rosa soltou um ar curto pelo nariz. Murilo percebeu e sorriu. Depois voltou a desenhar, concentrado. A tarde avançava pela cozinha sem pressa. Na rua, alguém lavava a calçada. O cheiro de sabão entrou pela janela e misturou-se ao cheiro de feijão.

Luciana passou no fim da tarde para deixar um livro que havia prometido a Márcia. Encontrou Murilo na mesa com o caderno aberto e Rosa cortando laranjas.

— Você está fazendo lição?

— Fiz.

— Tudo?

— O que tinha número.

Luciana olhou para Rosa, que assentiu.

— E agora?

— Estou guardando.

Luciana aproximou-se. Viu as palavras, os caminhos, a mesa desenhada, o retângulo na prateleira.

— Guardando onde?

— Aqui.

— Isso é caderno de escola.

— Eu sei.

— A professora vai reclamar.

Murilo encolheu um pouco o ombro.

— Reclama com letra bonita.

Luciana olhou para Rosa, tentando não rir.

— Ele está impossível.

— Hoje está trabalhando — Rosa disse.

— Trabalhando em quê?

Murilo respondeu antes.

— Em não perder.

Luciana ficou quieta. A frase entrou na cozinha e achou lugar sem que ninguém precisasse empurrar. Rosa colocou as laranjas num prato e ofereceu. Luciana pegou uma, comeu em pé,

olhando o caderno. Depois deixou o livro de Márcia sobre a cadeira.

— A senhora vai mesmo levar o formulário?

— Vou levar as cópias.

— E o original?

Murilo levantou a cabeça. Rosa viu os dois esperando, cada um de um jeito.

— O original fica.

Luciana respirou devagar.

— Acho melhor.

Era a primeira vez que dizia isso sem tentar consertar a frase depois. Rosa continuou cortando laranja. Murilo escreveu, numa linha menor: original fica. Luciana viu.

— Não escreve tudo que a gente fala.

— Só o que cabe.

— E quem decide?

— O caderno.

Luciana olhou para a mãe, mas Rosa não corrigiu. A filha terminou a laranja, lavou as mãos e disse que precisava ir. Antes de sair, tocou no caderno com dois dedos.

— Faz as contas direito também.

— Faço.

— Promete?

— Prometo metade.

— Murilo.

— Prometo tentando.

Luciana aceitou, porque talvez fosse o máximo disponível.

Quando Márcia voltou, já vinha preparada para reclamar. Entrou perguntando pela lição antes de cumprimentar. Murilo mostrou as contas,

depois tentou fechar o caderno depressa, mas ela segurou.

— Deixa eu ver.

— Eu fiz as contas.

— Quero ver o resto.

Rosa estava no fogão, esquentando um pouco de comida para ela. Márcia folheou as páginas. O rosto foi mudando, primeiro irritado, depois confuso, depois cansado. Parou na página em que Murilo escrevera regular e vivo. Passou o dedo por cima, sem tocar de verdade.

— Quem ensinou isso?

— Ninguém.

— Você tirou de onde?

— De ouvir.

Márcia fechou o caderno, mas manteve a mão sobre a capa.

— Isso não é coisa para criança.

Murilo tentou puxar. Ela não soltou.

— É meu caderno.

— Justamente.

Rosa colocou o prato diante de Márcia.

— Come antes.

— Mãe, olha isso.

— Eu olhei.

— E acha normal?

— Não.

— Então?

— Nem tudo que não é normal precisa ser arrancado.

Márcia ficou com a mão sobre a capa. O menino não puxava mais, mas os olhos estavam presos

no caderno. Rosa colocou um garfo ao lado do prato.

— Ele fez as contas.

— Fez?

— Fez.

Márcia abriu na página das contas. Viu a correção, a linha entre o erro e o certo, a palavra voltou. O rosto dela amoleceu pouco, quase contra a vontade.

— Você corrigiu?

Murilo apontou para Rosa.

— Ela ajudou até certo ponto.

Márcia sentou. O caderno ficou entre ela e o prato.

— Você precisa conseguir usar uma coisa para cada coisa.

Murilo olhou para a mãe.

— Eu não tenho tanta coisa.

Márcia abriu a boca para responder, mas a frase não veio. Rosa serviu água. A filha bebeu metade do copo, depois soltou o caderno. Murilo puxou para perto, mas não abriu. Ficou com a mão em cima da capa, como quem protege um bicho pequeno.

Márcia comeu. Devagar no começo, depois com fome. Rosa serviu mais sem perguntar. Murilo observava a mãe comer, satisfeito por uma razão que talvez nem ele soubesse. Quando terminaram, Márcia guardou o caderno na mochila dele, mas não apertou o fecho.

— Amanhã leva para a escola.

— Com tudo dentro?

— Com tudo dentro.

— A professora vai ver.

— Vai.

— E se reclamar?

Márcia olhou para Rosa, depois para o filho.

— Eu leio o bilhete.

Murilo aceitou. Era uma concessão grande vinda dela. Pegou a mochila e colocou perto da porta.

Depois que foram embora, Rosa voltou à prateleira. O livro de receitas estava no mesmo lugar. Pegou, abriu na página marcada e conferiu se a folha antiga continuava ali. Estava. Fechou de novo e guardou entre o fermento e o sal.

A mesa ficou limpa, menos pelo risco pequeno perto da borda. Rosa passou o pano ao redor, como fizera pela manhã. Não apagou. Na madeira, a linha curta quase desaparecia, mas ainda resistia à luz que vinha da janela. Ela deixou ficar. No dia seguinte, talvez saísse. Naquele fim de tarde, ainda tinha lugar.

Capítulo 19
Está em ordem

A resposta chegou numa sexta-feira, junto com um aviso de vencimento e um papel de propaganda dobrado ao meio. O envelope era menor que os anteriores. Não exigia assinatura, não trazia carimbo grosso, não vinha marcado como urgente. O carteiro colocou tudo pela abertura do portão, e os papéis caíram de lado sobre o cimento. Rosa só viu depois de terminar de lavar o arroz, quando saiu para estender um pano no varal.

Pegou primeiro a propaganda, porque estava molhada na ponta. Depois o aviso. O envelope ficou por último. Tinha o nome dela impresso em letras retas e o endereço correto, sem erro de número, sem abreviação, sem falha. Rosa levou os três papéis para a cozinha, deixou a

propaganda perto do lixo, o aviso junto do saleiro e o envelope fechado sobre a mesa.

Abriu depois de apagar o fogo do feijão. A folha era curta. No alto, havia o código do formulário que ela entregara dias antes com as cópias. Abaixo, poucas linhas informavam que a solicitação fora analisada, que o vínculo permanecia regular, que não havia pendência de correção e que a abertura de canal não se fazia necessária. No fim, uma frase vinha isolada dentro do próprio documento, sem negrito, mas com espaço ao redor: situação em ordem.

Rosa leu duas vezes. Na terceira, dobrou a folha pelo meio e colocou ao lado do aviso de vencimento. O feijão engrossava no fogo baixo. Ela mexeu a panela, provou o sal, acrescentou um pouco de água e tornou a tampar. A cozinha continuou igual. A mesa, porém, já não parecia a mesma.

Adeimir chegou pouco antes do almoço. Entrou com o rosto suado, lavou as mãos e perguntou pelo cheiro antes de olhar para a mesa.

— Feijão?

— Feijão.

Ele sentou, puxou o prato e só então viu o envelope aberto.

— Veio resposta?

Rosa serviu arroz.

— Veio.

— Resolveram?

Ela colocou o feijão no prato dele. A concha bateu de leve na borda.

— Disseram que está em ordem.

Adeimir pegou a folha e leu. Não demorou. O texto era feito para ser lido depressa, sem deixar muita coisa para perguntar.

— Então está certo.

— Está em ordem.

— É a mesma coisa.

Rosa serviu o próprio prato.

— Não parece.

Adeimir levantou os olhos, mas não discutiu. Começou a comer. O rádio estava desligado, e a casa tinha apenas o barulho dos talheres e da panela esfriando no fogão. Depois de alguns minutos, ele empurrou a folha para o centro da mesa.

— Pelo menos não tem pendência.

— Não.

— Isso é bom.

— É.

A resposta saiu curta demais para concordar. Adeimir percebeu, mas não tinha outro caminho para entrar na conversa. Comeu mais um pouco, bebeu água e passou o dedo pela borda da folha.

— Se está em ordem, talvez seja melhor deixar.

Rosa olhou para a prateleira. O livro de receitas continuava entre o fermento e o sal.

— Algumas coisas já deixei.

— Quais?

— As que não foram.

Ele acompanhou o olhar dela até a prateleira, mas não perguntou. Talvez não tivesse entendido. Talvez tivesse entendido o suficiente para não mexer. Dobrou a folha da resposta com cuidado e colocou junto do envelope.

Luciana chegou no fim da tarde. Vinha direto da escola, com os cadernos contra o peito e a bolsa pendurada no antebraço. Entrou pela cozinha, bebeu água antes de sentar e percebeu o envelope sem que Rosa precisasse mostrar.

— Chegou?

Rosa entregou a folha.

Luciana leu devagar, mais devagar do que o texto exigia. Voltou ao começo, conferiu o código, procurou algum rodapé, alguma instrução, algum prazo. A testa dela se apertou.

— Não autorizaram.

— Disseram que não é necessário.

— É isso que quer dizer.

— Então por que não escreveram?

Luciana apoiou a folha na mesa.

— Porque assim parece menos recusa.

Rosa puxou uma cadeira e sentou. Luciana ficou com a mão sobre o papel, sem alisar, sem dobrar.

— Mãe, pelo lado prático, não tem muito mais o que fazer por esse caminho.

— Eu sei.

— Sabe mesmo?

— Sei hoje.

Luciana olhou para a prateleira. Ela também sabia do livro, embora Rosa não tivesse dito muita coisa. No dia anterior, vira o volume entre o fermento e o sal e não perguntara. Agora olhou de novo.

— O original está lá?

— Está.

— Melhor.

Rosa passou o polegar pela borda da mesa.

— Você não dizia isso antes.

— Antes eu queria resolver.

— E agora?

Luciana demorou a responder. Do lado de fora, uma criança chamou outra pelo apelido. Um cachorro latiu duas vezes e parou.

— Agora eu queria que resolver fosse uma coisa só.

Rosa aceitou a frase sem completar. Levantou para pôr café. Luciana ficou olhando a resposta oficial, depois puxou da bolsa um caderno de capa dura e o abriu sobre o colo. Havia bilhetes de alunos presos entre as páginas, uma lista de reuniões, horários riscados, nomes sublinhados.

— Hoje um menino me entregou uma folha em branco — ela disse.

— Em branco?

— Disse que era a redação.

— E era?

— Não. Ele não quis escrever.

Rosa acendeu o fogo.

— Você fez o quê?

— Pedi para ele tentar uma frase.

— E tentou?

— Escreveu o nome.

Rosa colocou água no bule. Luciana fechou o caderno.

— Fiquei brava na hora. Depois pensei que talvez o nome fosse a única frase que ele tinha.

Rosa não respondeu. O café começou a subir pelo coador, escuro e lento. Luciana empurrou a folha da resposta para o lado, como se abrisse espaço para outra coisa que não veio.

Márcia chegou com Murilo quando o café já estava pronto. O menino entrou segurando a mochila aberta contra o peito. Márcia vinha logo atrás, com o rosto de quem havia discutido no caminho.

— Mostra para sua avó — ela disse.

Murilo tirou o caderno da mochila e colocou sobre a mesa. A capa estava um pouco amassada. Dentro, entre as páginas de contas e desenhos, havia um bilhete da professora. Rosa

abriu. A letra redonda dizia que Murilo havia realizado as atividades solicitadas, mas insistia em misturar registros. A professora pedia acompanhamento da família para organizar melhor o uso do caderno.

— De novo? — Luciana perguntou, tentando ser séria.

Murilo apontou para o bilhete.

— Ela escreveu menor hoje.

Márcia puxou uma cadeira.

— Porque já está cansada de escrever.

— Eu fiz as contas.

— Fez. E depois desenhou em volta.

— Para não perder.

Márcia olhou para Rosa.

— Está vendo?

Rosa fechou o bilhete e devolveu ao caderno.

— Estou.

Murilo viu o envelope sobre a mesa.

— Chegou papel?

— Chegou — Rosa disse.

— De caminho?

— De resposta.

— Respondeu o quê?

Márcia mexeu na bolsa, procurando alguma coisa. Luciana olhou para Rosa, esperando. Adeimir, que havia entrado sem fazer ruído, ficou parado na porta da cozinha, também ouvindo.

Rosa pegou a folha oficial e colocou diante do menino.

— Disse que está em ordem.

Murilo leu apenas a frase que ela apontou. Depois franziu a testa.

— Ordem é quando arruma?

— Às vezes.

— Então arrumou?

Ninguém respondeu de imediato. Márcia tirou da bolsa um pacote de lenços, abriu, fechou de novo. Luciana cruzou os braços. Adeimir entrou e sentou perto da parede.

— Para eles, arrumou — Rosa disse.

Murilo continuou olhando para o papel.

— E para nós?

A pergunta ficou na mesa junto do café, do bilhete da professora e do envelope aberto. Márcia fechou os olhos por um instante. Luciana abaixou o rosto. Adeimir mexeu no relógio sem precisar ver as horas. Rosa pegou a xícara de café e colocou diante de Márcia, depois outra diante de Luciana. Serviu uma menor para si.

— Para nós, ainda tem almoço, café, escola, trabalho, desenho, roupa para lavar.

Murilo pensou.

— Isso é ordem?

— É o que tem hoje.

Ele aceitou por enquanto. Abriu o caderno e procurou uma página livre. Não havia muitas. Numa delas, escreveu ordem com letras grandes, depois fez em volta pequenos quadrados, como se arrumasse a palavra dentro de uma cerca. Parou, olhou para a folha oficial, depois escreveu casa embaixo, fora dos quadrados.

— Não mistura — Márcia avisou, já cansada da própria frase.

— Não misturei. Separei.

Luciana aproximou-se para ver. O desenho era simples: ordem presa em quadrados, casa solta abaixo, ligada por uma linha fina que quase não encostava. Murilo acrescentou uma mesa entre

as duas palavras, com quatro cadeiras e uma quinta torta.

Daniel apareceu perto da noite. Não entrou direto. Chamou do portão e esperou. Rosa foi abrir. Ele trazia o pote devolvido de novo, agora com duas bananas dentro.

— Trouxe.

— Banana?

— Ganhei no depósito. Trouxe duas.

— Entra.

Ele entrou, cumprimentou Adeimir com um aceno pequeno, Luciana com outro, Márcia com uma palavra baixa. Murilo mostrou o caderno antes que ele sentasse.

— Chegou papel dizendo que está em ordem.

Daniel olhou para Rosa primeiro, depois para a folha oficial.

— Ah.

— Ah o quê? — Murilo perguntou.

— Ah de quando a coisa vem lisa demais.

Adeimir se mexeu na cadeira.

— Está regular, Daniel.

— Eu não disse que não está.

— Então?

Daniel pegou uma das bananas, colocou sobre a mesa e empurrou para Murilo.

— Tem fruta torta que madura melhor que fruta bonita.

Márcia soltou um suspiro.

— Daniel, por favor.

— Estou falando da banana.

Murilo pegou a fruta e ficou olhando a casca com manchas escuras.

— Essa está boa?

— Está.

— Mesmo manchada?

— Principalmente.

Rosa serviu café para Daniel. Ele aceitou pouco, como prometera no dia anterior. Sentou perto da porta, mas não tão perto quanto antes. A cozinha ficou cheia de novo, embora menos barulhenta. O papel oficial permanecia no centro da mesa. O caderno de Murilo estava aberto ao lado. A palavra ordem, cercada de quadrados, parecia pequena perto da banana manchada.

Adeimir ligou o rádio baixo. Uma música antiga entrou com chiado. Luciana começou a contar um caso da escola, mas parou no meio porque Márcia lembrou que precisava passar na farmácia. Daniel perguntou se o depósito ainda queria gente no sábado. Murilo comeu a banana devagar, deixando fios grudados nos dedos. Rosa levantou para pegar um pano, limpou a

mão dele e depois passou o pano na mesa, desviando do papel oficial.

Quando todos saíram, a folha ainda estava ali. Rosa dobrou e colocou dentro do envelope. Não levou para a bolsa. Não pôs junto do livro de receitas. Guardou na prateleira baixa, com contas pagas e avisos comuns. O documento cabia ali. Tinha data, código, resposta e nenhuma coisa que precisasse ser protegida do mundo.

O caderno de Murilo ficou sobre a mesa até mais tarde. Ele havia esquecido. Rosa abriu na página nova e olhou a palavra casa fora dos quadrados. Tocou de leve na linha fina que tentava ligar uma coisa à outra. Depois fechou o caderno e deixou perto da porta, para Márcia buscar no dia seguinte.

Na cozinha, restaram duas xícaras na pia, a casca da banana no lixo, uma migalha de pão perto do saleiro e o cheiro de café já frio. O livro de receitas continuava na prateleira de cima, entre o fermento e o sal. Rosa apagou a luz sem olhar para ele.

Capítulo 20
Está vivo?

Murilo levou a palavra para casa no caderno.

Na página em que havia escrito ordem dentro de quadrados e casa fora deles, acrescentou vivo no canto inferior, pequeno, quase escondido. Não mostrou a ninguém na primeira hora. Ficou sentado no chão da sala de Márcia, com o caderno apoiado sobre o joelho, passando o lápis por cima da palavra sem escurecer demais. A televisão estava ligada, mas ele não olhava. Márcia separava roupas no sofá, dobrando camisetas, meias, uniformes, panos de prato que haviam ficado misturados na mesma bacia.

— Faz a lição antes que escureça — ela disse.

— Já fiz.

— Tudo?

— Quase.

— Quase não é tudo.

Murilo virou algumas páginas até encontrar a parte das contas. Havia duas feitas e uma começada. Ele olhou para a conta inacabada, depois voltou à página da palavra vivo.

— Mãe.

— O quê?

— Vivo é lição de quê?

Márcia parou com uma camiseta nas mãos.

— Como assim?

— É de ciências?

— Depende.

— De português?

— Também pode ser.

— E de ordem?

Ela largou a camiseta dobrada sobre a pilha.

— Quem falou de ordem?

Murilo apontou para o caderno.

— O papel da vó.

Márcia aproximou-se, sentou na ponta do sofá e olhou a página. Viu os quadrados, a palavra casa, a linha fina, o canto com vivo escrito menor.

— Você copiou isso de onde?

— Não copiei.

— Então por que escreveu?

— Porque faltava.

Márcia ficou olhando para a palavra. Na televisão, alguém ria alto. Ela pegou o controle e abaixou o volume.

— Faz a conta que falta.

— Depois.

— Agora.

— Vivo vem antes?

— Antes do quê?

— De regular.

Márcia fechou o caderno, não com força, mas depressa demais.

— Murilo.

Ele colocou a mão sobre a capa.

— Eu só perguntei.

— Tem pergunta que precisa esperar.

— Esperar o quê?

Ela olhou para a roupa no sofá, para a janela que já escurecia, para a mochila dele encostada perto da porta. Não encontrou uma coisa simples para dizer.

— Esperar adulto saber responder.

Murilo aceitou a frase sem aceitar. Pegou o caderno, abriu de novo nas contas e terminou a que faltava. O resultado saiu errado. Márcia corrigiu com paciência curta, depois apagou uma parte e pediu que ele refizesse. Ele refez. Na margem, sem que ela visse, escreveu vivo menor ainda.

No dia seguinte, levou o caderno para a escola. A professora corrigiu as contas e escreveu um visto ao lado. Na página dos desenhos, não escreveu nada. Apenas colocou um clipe prendendo duas folhas para que não abrissem no meio da atividade. Murilo passou a manhã sentindo o clipe como se fosse uma mão pequena segurando uma porta. No recreio, sentou perto do muro e tentou tirar sem amassar a folha. Não conseguiu. Deixou como estava.

Quando Márcia o buscou, a professora chamou na porta.

— Ele fez as atividades.

— Fez?

— Fez. Mas voltou a misturar registros.

Márcia segurou melhor a mochila dele.

— Eu vi.

— Talvez ajude separar um caderno para as anotações livres.

Murilo olhou para a professora.

— Livre é sem clipe?

A professora demorou a entender. Depois sorriu pouco, sem saber se devia.

— Livre é em outro lugar.

— Mas se estiver em outro lugar, como sabe que é junto?

Márcia tocou o ombro dele.

— Murilo.

A professora ajeitou os papéis que trazia contra o peito.

— Ele faz relações interessantes, mas precisa aprender a organizar.

— Eu sei — Márcia respondeu.

— Não é uma reclamação.

— Eu sei.

Murilo olhou de uma para outra. A conversa parecia ter palavras demais para uma coisa pequena: ele escrevera vivo onde o papel dizia ordem, e agora todos falavam de organização. No caminho para casa, andou calado. Márcia estranhou depois de duas quadras.

— Está cansado?

— Não.

— Com fome?

— Um pouco.

— A gente passa na sua avó.

Ele segurou o caderno contra o peito.

— Ela sabe?

— Sabe o quê?

— Organizar sem separar.

Márcia não respondeu. Continuou andando. No cruzamento, esperou o carro passar e segurou a mão dele para atravessar. Murilo deixou, embora já reclamasse quando ela fazia isso.

Chegaram à casa de Rosa no fim da tarde. A cozinha estava com cheiro de café. Rosa havia colocado pão na mesa e cortado uma banana em rodelas para Murilo, porque ele às vezes comia melhor quando a fruta vinha assim. Adeimir

estava na sala, mexendo no rádio. A voz entrava e saía, chiando nas palavras mais altas.

— Vó — Murilo chamou antes de sentar.

— Lava a mão.

Ele foi à pia, lavou melhor do que no dia anterior e voltou com as mãos pingando. Rosa entregou o pano. Márcia sentou-se com um suspiro e tirou o bilhete da professora da bolsa.

— Mandaram separar caderno.

Rosa leu.

— Pode ser bom.

Murilo parou com uma rodela de banana na mão.

— A senhora também acha?

— Acho que pode ter dois.

— Mas não pode separar tudo.

— Não.

Ele comeu a banana, limpou os dedos no guardanapo e abriu o caderno na página marcada pelo clipe. Tentou tirar. Rosa estendeu a mão.

— Deixa eu ver.

Ela retirou o clipe com cuidado e colocou ao lado da xícara. A página abriu. Vivo estava no canto, mais claro que as outras palavras. Rosa leu, mas não perguntou.

Márcia falou antes.

— Ele está com essa palavra desde ontem.

— Eu não estou com ela — Murilo disse. — Ela que está no caderno.

Adeimir apareceu na porta da cozinha, segurando o rádio com uma das mãos.

— O que foi?

— Nada — Márcia respondeu rápido.

Murilo olhou para ele.

— Vô, vivo é ordem?

Adeimir apoiou o rádio na prateleira.

— Vivo é vivo.

— Mas pode estar em ordem?

— Pode.

— E pode estar em ordem e não estar vivo?

Adeimir ficou parado. Márcia fechou os olhos por um instante. Rosa puxou a cadeira diante do menino, mas ainda não sentou.

— Que conversa é essa? — Adeimir perguntou.

Murilo apontou para o caderno.

— O papel disse que estava em ordem.

— Sim.

— Mas não disse vivo.

Adeimir olhou para Rosa. Ela permanecia de pé, com a mão no encosto da cadeira.

— Nem todo papel diz tudo — ele falou.

— Então como sabe?

— A gente sabe pelo que dizem.

— Mas disseram ordem.

— Então é isso que disseram.

Murilo não pareceu satisfeito. Pegou o lápis e escreveu, embaixo de vivo: não disse. A letra saiu pequena, apertada na margem.

— Não escreve mais agora — Márcia pediu.

— Só essa.

— Sempre é só essa.

Rosa colocou café para Márcia, depois para Adeimir. Serviu leite para Murilo num copo

baixo. A cozinha ficou cheia de gestos que tentavam desviar a pergunta sem expulsá-la. A banana no prato. O clipe ao lado da xícara. O caderno aberto. O rádio mudo na prateleira.

Daniel chegou pouco depois, trazendo um saco de pão amanhecido e duas laranjas. Chamou do portão. Rosa abriu, e ele entrou com o rosto menos gasto, embora ainda fundo nos olhos.

— Trouxe do depósito.

— Entra.

Ele entrou, cumprimentou todos e colocou o saco sobre a mesa. Murilo mostrou a página antes que ele sentasse.

— Tio Daniel, vivo é ordem?

Daniel olhou para a palavra. Depois olhou para Rosa, para Márcia, para Adeimir. Percebeu tarde demais que havia entrado no meio de uma coisa que já vinha de antes.

— Vivo é confusão — disse.

Márcia reagiu na hora.

— Daniel.

— O quê? É.

Murilo aproximou o lápis da página.

— Escrevo?

— Não escreve isso — Márcia disse.

Daniel puxou uma cadeira e sentou.

— Escreve não. Sua mãe tem razão.

Murilo pareceu surpreendido.

— Tem?

— Tem. Confusão a gente não guarda toda, senão não dorme.

Rosa colocou uma xícara pequena de café diante dele. Daniel agradeceu com a cabeça. Adeimir ligou o rádio baixo, mas a sintonia não firmou e ele desligou de novo.

— Mas como sabe? — Murilo insistiu.

— O quê?

— Se está vivo.

Daniel segurou a xícara sem beber.

— Às vezes não sabe.

— Mas adulto sabe.

— Adulto finge melhor.

Márcia levantou-se.

— Chega.

A palavra saiu mais alta do que ela queria. Murilo fechou o caderno por reflexo. Daniel baixou os olhos. Adeimir mexeu no rádio sem ligar. Rosa foi até o fogão e mexeu uma panela que ainda não precisava ser mexida.

Márcia percebeu o silêncio que fez e sentou-se de novo.

— Desculpa — disse, sem olhar para ninguém.

Murilo manteve a mão sobre o caderno fechado.

— Eu não queria brigar.

— Eu sei.

— Só queria saber a palavra certa.

Rosa desligou o fogo. Puxou a cadeira e sentou-se diante dele.

— Às vezes a palavra certa não vem no dia em que a gente pergunta.

— Vem quando?

— Quando consegue.

— E se não consegue?

— A gente pergunta de novo outro dia.

Murilo olhou para a capa do caderno. O clipe continuava ao lado da xícara, pequeno, inútil agora que a página já fora aberta.

— Amanhã?

Rosa passou o dedo pela madeira da mesa, perto do risco antigo.

— Amanhã.

Márcia olhou para a mãe. Havia alívio e medo no mesmo rosto. Daniel bebeu o café já frio. Adeimir ligou o rádio outra vez, mas deixou o volume tão baixo que a música parecia vir de outro cômodo.

Comeram pão com manteiga e laranja. Murilo não abriu mais o caderno. Guardou-o na mochila, mas deixou o lápis sobre a mesa. Daniel contou que no depósito haviam trocado o horário de descarga. Márcia disse que talvez conseguisse folgar no domingo. Adeimir perguntou se a pilha do rádio ainda estava boa. Rosa respondeu que sim. A conversa ficou comum por alguns minutos, comum o bastante para que ninguém precisasse sustentá-la.

Quando foram embora, Murilo voltou da porta e pegou o lápis esquecido.

— Amanhã eu posso perguntar?

Rosa estava com uma xícara na mão.

— Pode.

— Mesmo se ninguém souber?

— Mesmo.

Ele assentiu. Saiu com Márcia, segurando o lápis na mão fechada. Daniel foi logo depois, levando uma laranja no bolso. Adeimir ficou na sala, agora com o rádio funcionando. Rosa limpou a mesa, guardou o clipe numa tampa pequena perto da pia e recolheu as cascas.

Mais tarde, quando a casa já estava quieta, ela abriu a mochila que Murilo havia esquecido no pé da cadeira. O caderno estava dentro, com a capa virada para baixo. Rosa tirou, abriu na página marcada e leu as palavras: ordem, casa, vivo, não disse. Não acrescentou nada. Apenas

retirou o clipe que ainda prendia outra folha mais adiante e fechou o caderno.

Deixou-o sobre a mesa para o dia seguinte.

A pergunta ficou ali, sem resposta, ocupando pouco espaço e mudando o tamanho da cozinha.

Capítulo 21
Rosa responde

Murilo voltou com o caderno debaixo do braço e a mesma pergunta no rosto. Entrou pela cozinha antes de Márcia, largou a mochila perto da cadeira e abriu o caderno na mesa, na página em que havia escrito ordem dentro de pequenos quadrados e casa abaixo, solta, ligada por uma linha fina. No canto, com lápis mais escuro, estava a palavra vivo.

Rosa descascava mandioca. A faca entrava devagar, tirando a casca grossa em tiras irregulares. Márcia entrou logo atrás do menino, com pressa, sacola no ombro e o corpo ainda carregando o dia.

— Murilo, primeiro lava a mão.

— Já vou.

— Agora.

Ele foi até a pia, abriu a torneira, molhou as pontas dos dedos e voltou antes que a mãe aprovasse. Márcia pegou-o pelo ombro e levou de volta.

— Direito.

Rosa continuou descascando. A mandioca deixava um leite branco na lâmina. Murilo lavou melhor, enxugou no pano errado e recebeu um olhar da mãe, mas não discutiu. Voltou à mesa e ficou de pé ao lado do caderno, com a mão aberta perto da palavra.

— A senhora pensou? — perguntou.

Rosa colocou um pedaço de mandioca na bacia com água.

— Pensei.

Márcia olhou para os dois.

— Pensou em quê?

Murilo apontou para o canto da página.

— Nisso.

Márcia aproximou-se da mesa. Leu vivo, depois olhou para Rosa. O rosto dela mudou de pressa para cuidado, mas um cuidado duro, como se já estivesse preparado para impedir alguma coisa.

— Murilo, deixa sua avó fazer comida.

— Eu deixo. Só perguntei.

— Tem pergunta que não precisa ficar voltando.

— Mas ela voltou.

Rosa colocou a faca sobre a tábua. A cozinha ficou com o barulho da água na bacia, o som distante de uma televisão na casa vizinha e a sacola de Márcia escorregando do ombro até a cadeira. Murilo manteve a mão perto da página, sem cobrir a palavra.

— Pergunta de novo — Rosa disse.

Márcia virou-se para ela.

— Mãe.

— Deixa.

Murilo olhou primeiro para a mãe, depois para a avó. Falou baixo, sem encenar medo nem coragem.

— Ele está vivo?

Rosa enxugou as mãos no pano da pia. Puxou a cadeira e sentou-se diante do menino. A mesa ainda tinha marcas do almoço, uma migalha perto do saleiro, um risco pequeno que não saíra por inteiro, a bacia com mandioca e o caderno aberto. Rosa aproximou a página com cuidado, sem tirá-la da frente dele.

— Está.

Murilo esperou. Márcia ficou parada ao lado da cadeira, a bolsa ainda pendurada no braço.

— Então por que ninguém diz? — ele perguntou.

Rosa olhou para a palavra vivo, pequena no canto.

— Porque dizem outras coisas.

— Ordem não é vivo.

— Não.

— Regular não é vivo.

— Não.

— Ativo é?

Rosa demorou um pouco mais.

— Também não.

Márcia sentou-se devagar, como se a pressa tivesse acabado sem avisar. Pousou a bolsa no chão e ficou olhando para a mesa. Talvez quisesse interromper. Talvez apenas não soubesse onde colocar a interrupção.

— Então como a senhora sabe? — Murilo perguntou.

Rosa passou o dedo pela borda do caderno. Não tocou na palavra.

— Não sei inteiro.

Ele franziu a testa.

— Mas disse que está.

— Disse.

— Então sabe.

— Sei o que deram para saber. E sei o que não deram.

Murilo segurou o lápis, mas não escreveu. Rosa olhou para a prateleira. O livro de receitas continuava entre o fermento e o sal. O original da folha antiga estava dentro dele, dobrado, fora das cópias, fora do envelope, fora do pedido. Ela voltou os olhos para o menino.

— Acho que está vivo. Mas não sei se lembra.

Márcia fechou os olhos por um instante. Não foi reprovação. Foi como se a frase tivesse entrado antes que ela conseguisse levantar defesa. Murilo ficou quieto, segurando o lápis pelo meio.

— Lembra de quê?

Rosa olhou para a cozinha: a pia, a bacia com mandioca, o pano de prato, a cadeira de Adeimir, a marca de copo na madeira, o lugar onde Daniel sentara, a ponta do caderno aberta para fora da mesa.

— Da casa.

— Só?

— Da gente.

— De mim?

Rosa levantou a mão, quase tocou o cabelo dele, mas parou antes. O gesto ficou no ar por um segundo e voltou para a mesa.

— Talvez não.

Murilo aceitou a possibilidade com o rosto imóvel. Márcia apertou a alça da bolsa no chão. A palavra talvez ficou na mesa junto das outras, menos dura que ordem, menos limpa que regular, mais difícil que vivo.

— Eu lembro dele? — Murilo perguntou.

Márcia respondeu antes de Rosa.

— Você era pequeno.

— Isso não responde.

Márcia abaixou o rosto. Rosa puxou o caderno um pouco mais para perto dele.

— Você lembra de coisas que ficaram perto dele.

— Que coisas?

— A camisa na cadeira. Os papéis. Os adultos falando baixo. Os desenhos que você fez sem saber direito por quê.

Murilo virou algumas páginas. Encontrou três riscos verticais, uma mesa com cinco cadeiras, uma linha saindo do portão, a palavra fica ao lado de uma prateleira desenhada. Parou numa página quase vazia.

— Isso é lembrar?

— É um jeito de não jogar fora.

— Se ele não lembra, a gente pode lembrar?

— Pode.

— Por ele?

Rosa demorou. Márcia olhou para a mãe, depois para o filho. A bolsa permanecia no chão, encostada à cadeira. Ninguém mexeu nela.

— Não no lugar dele.

Murilo ficou com o lápis parado.

— Então como?

— Sem apagar.

— Apagar o quê?

— O que era dele.

Ele olhou para o caderno, para os riscos, para as palavras tortas, para a página onde vivo parecia pequeno demais.

— Mas eu quase não lembro.

— Então não inventa.

— E o que eu faço?

Rosa tocou de leve na borda do caderno.

— Guarda o que chegou até você.

Murilo pensou. A resposta não pareceu deixá-lo satisfeito, mas ele não a rejeitou.

— Isso é pouco.

— É.

— Pode ser pouco?

— Pode.

Ele escreveu pequeno, no canto da página: pouco. Depois ficou olhando para a palavra, sem cercar com linha nenhuma.

— E se ele voltar e não lembrar?

Rosa respirou devagar.

— A gente não entrega outra pessoa para ele.

Márcia levantou os olhos.

— Como assim? — Murilo perguntou.

— Não inventa um Marcelo melhor. Não inventa um Marcelo que lembra. Não inventa um Marcelo que volta certo.

Murilo abaixou o lápis.

— Então guarda errado?

— Guarda o que tem.

Márcia sentou-se melhor na cadeira. A frase pareceu cansá-la e aliviar ao mesmo tempo.

— E se o que tem machuca? — ela perguntou.

Rosa olhou para a filha.

— Então a gente não põe enfeite.

Márcia passou a mão no rosto. Murilo escreveu, abaixo de pouco, outra palavra: sem enfeite. As letras ficaram apertadas porque ele começou grande demais e precisou diminuir no fim.

— Isso pode ir no caderno? — ele perguntou.

— Pode.

— A professora vai achar estranho.

Márcia soltou um ar curto.

— Vai.

— E vai mandar bilhete.

— Talvez.

— Você vai ler?

— Vou.

— Vai mandar apagar?

Márcia olhou para Rosa, depois para a página.

— Hoje, não.

Rosa pegou a faca novamente, mas ainda não cortou. A mandioca esperava na bacia. O almoço atrasaria. Pela primeira vez naquele dia, ninguém parecia se importar muito. Do lado de fora, passou uma moto, depois uma voz chamou alguém pelo nome. A casa recebeu os sons sem devolvê-los.

— Posso escrever o nome dele? — Murilo perguntou.

Rosa não respondeu de imediato. Márcia endureceu um pouco na cadeira.

— Você quer escrever? — Rosa perguntou.

— Quero saber se pode.

— Pode.

— Inteiro?

— Inteiro.

Murilo escreveu devagar: Marcelo Cândido. A letra saiu irregular, com o C maior que as outras letras e o último O apertado no fim da linha. Ele olhou para o nome por algum tempo.

— Ficou torto.

— Ficou.

— Apago?

— Não.

— Por quê?

— Porque foi assim que saiu.

Márcia encostou a mão na mesa. Não tocou no caderno. O nome estava ali, finalmente escrito sem carimbo, sem código, sem campo de situação. Só nome. Murilo passou a ponta do lápis perto, sem reforçar as letras.

— E se eu escrever coisa errada dele?

— Você pergunta.

— Para quem?

Rosa olhou para Márcia.

— Para quem souber alguma coisa. E quando ninguém souber, deixa em branco.

— Branco também fica?

— Fica.

Murilo abriu outra página, deixou-a vazia e escreveu no alto: branco. Márcia fechou os olhos outra vez, mas agora por cansaço, não por defesa. Depois levantou, foi até a pia e bebeu água. Quando voltou, sentou-se ao lado do filho.

— Eu lembro que ele te pegou no colo uma vez — ela disse.

Murilo virou para ela.

— Pegou?

— Você era muito pequeno. Chorava porque queria uma colher de metal. Ele te deu a colher e ficou segurando você no quintal.

— Eu lembro?

— Acho que não.

— Mas você lembra.

— Lembro.

Murilo olhou para Rosa.

— Pode escrever?

Rosa olhou para Márcia.

— Pode?

Márcia ficou alguns segundos com a mão sobre o copo.

— Pode. Mas escreve que foi ela que lembrou.

Murilo escreveu devagar, pedindo ajuda para algumas palavras. Márcia soletrou sem impaciência: Murilo pequeno. Colher de metal. Quintal. Márcia lembra. A frase ficou quebrada em quatro linhas, mas cabia. Ele não desenhou em volta.

Rosa voltou à mandioca. Cortou os pedaços menores e colocou na panela. Márcia ficou sentada junto do caderno, sem pressa de sair. Murilo virou a página e desenhou uma colher comprida, maior do que uma colher comum.

— Era desse tamanho? — perguntou.

Márcia quase sorriu.

— Não. Você desenhou uma pá.

— Então era menor.

— Era.

Ele diminuiu a colher ao lado, mas deixou a grande também.

Adeimir chegou antes do fim da tarde, mais cedo que o habitual. Entrou pela cozinha com o rádio pequeno debaixo do braço, porque o havia levado para trocar a pilha. Encontrou os três à mesa, o caderno aberto, a mandioca ainda no fogo, a faca sobre a tábua.

— Aconteceu alguma coisa?

Márcia fechou um pouco o caderno por reflexo. Murilo colocou a mão sobre a capa.

— Não fecha — Rosa disse.

Márcia soltou. Adeimir olhou para uma, depois para outra, e por fim para o menino.

— O que é?

Murilo abriu na página em que escrevera o nome. Adeimir leu em silêncio. O rádio ficou debaixo do braço, esquecido.

— Estou guardando o que chegou — Murilo disse.

Adeimir olhou para Rosa. Ela não explicou. A panela começou a ferver, levantando espuma branca. Márcia levantou para abaixar o fogo. Murilo manteve o caderno aberto.

— O senhor lembra alguma coisa? — ele perguntou.

Adeimir demorou. Colocou o rádio sobre a prateleira e sentou na cadeira de sempre. Passou a mão na boca, olhou para o quintal pela janela, depois voltou para a mesa.

— Lembro que ele não gostava de banana madura demais.

Murilo esperou.

— Só isso?

— Hoje, sim.

— Posso escrever?

Adeimir assentiu. Murilo escreveu: vô lembra banana madura demais. Depois parou.

— Ele gostava ou não gostava?

— Não gostava.

Murilo acrescentou não gostava, espremido no fim da linha.

— Parece pouco — disse.

Adeimir olhou para a frase.

— É pouco.

— Serve?

Adeimir pegou o rádio, mas não ligou.

— Serve mais que inventar.

Rosa mexeu a panela. Márcia ficou ao lado do fogão, tirando a espuma com uma colher. A cozinha se moveu por alguns minutos sem pressa. Murilo virou páginas, conferiu o nome, a

colher, a banana, o branco. Não parecia satisfeito; parecia trabalhando.

Daniel apareceu quando já havia cheiro de comida na casa. Veio pelo portão sem bater forte, chamou da entrada e esperou. Rosa abriu. Ele trazia um saco de pão amanhecido.

— O depósito ia jogar fora.

— Entra.

Daniel entrou e percebeu todos na cozinha. Não recuou. Colocou o saco sobre a mesa, viu o caderno aberto e leu o nome de Marcelo antes que alguém explicasse.

— Ih.

Murilo segurou o lápis.

— Pode ficar?

Daniel puxou uma cadeira e sentou perto da porta.

— Pode.

— Você lembra alguma coisa?

Daniel coçou a barba por fazer. Havia um cansaço no rosto, mas não a névoa da outra noite.

— Lembro que ele fechava porta devagar.

Rosa parou com a colher na mão.

— Fechava.

— Até quando estava bravo — Daniel disse. — A gente sabia que estava bravo porque não batia. Só fechava certo demais.

Márcia olhou para Daniel, depois para Rosa. Adeimir baixou os olhos. Murilo escreveu: Daniel lembra porta devagar. Depois perguntou:

— Certo demais é ruim?

Daniel pensou.

— Às vezes.

— Escrevo?

— Escreve só porta devagar.

Murilo riscou levemente as palavras que ainda não escrevera e deixou apenas porta devagar. Daniel pareceu agradecer sem dizer.

Comeram mais tarde. A mandioca ficou macia demais, quase desmanchando, mas ninguém reclamou. Adeimir ligou o rádio baixo. Daniel comeu pão com caldo. Márcia serviu Murilo antes de si, percebeu e colocou comida no próprio prato também. Rosa viu e não comentou. O caderno ficou fechado no canto da mesa durante o jantar, longe dos copos.

Depois que comeram, Murilo abriu de novo. Havia poucas frases: o nome, a colher, a banana, a porta. Havia também branco, pouco e sem enfeite. Ele passou o dedo por cada uma, sem tocar forte.

— Falta muita coisa.

Rosa recolhia os pratos.

— Falta.

— Vai faltar sempre?

— Vai.

— Então como termina?

Rosa colocou os pratos na pia. A água correu sobre a louça, levando restos de caldo e mandioca.

— Não termina hoje.

Murilo olhou para a página em branco.

— Pode ficar aberto?

— Pode.

Ele deixou o caderno aberto no centro da mesa. Não desenhou moldura, não cercou as palavras, não ligou tudo com linha. Apenas deixou as páginas respirarem. Daniel levantou para lavar o próprio prato. Márcia enxugou. Adeimir ficou sentado, ouvindo o rádio baixo. Rosa guardou a panela e voltou para a mesa.

A noite entrou pela janela devagar. Ninguém acendeu a luz de imediato. A cozinha ficou algum tempo nesse escuro incompleto, com os pratos limpos no escorredor, o rádio baixo, o cheiro de mandioca e pão, e o caderno aberto no centro da mesa, guardando pouco, sem enfeite, sem fechar o lugar de ninguém.

Capítulo 22
Carne

O caderno amanheceu sobre a mesa, aberto na página em que Murilo havia escrito pouco, sem enfeite e o nome de Marcelo. A cozinha ainda estava escura quando Rosa entrou. A janela guardava o frio da madrugada, e o vidro deixava ver apenas a sombra do quintal. Sobre a madeira, ao lado do caderno, havia uma migalha seca, uma marca de copo e o risco de lápis que continuava perto da borda, mais fraco, mas ainda ali.

Rosa não acendeu a luz. Aproximou-se da mesa e leu as palavras com a claridade que vinha da rua. Algumas estavam tortas, outras apertadas no fim da linha. A frase sobre a colher ocupava quatro pedaços de escrita. A banana madura demais ficara espremida num canto. Porta

devagar parecia ter sido escrita com mais cuidado, talvez porque Daniel falara baixo quando lembrou. A página seguinte estava em branco, com a palavra branco no alto, como se o vazio também tivesse recebido nome.

Ela fechou o caderno apenas até a metade, deixando uma folha marcar o lugar. Depois preparou café. Pôs água no bule, mediu o pó sem errar e acendeu o fogo. Enquanto a água esquentava, tirou o livro de receitas da prateleira. Abriu na página marcada e conferiu a folha antiga. Continuava ali, dobrada, sem amassar mais. Rosa não abriu. Tocou apenas na borda, fechou o livro e devolveu ao lugar entre o fermento e o sal.

Adeimir entrou na cozinha quando o café já passava pelo coador. Vinha com o rádio debaixo do braço e a camisa ainda desabotoada no pescoço. Viu o caderno sobre a mesa e parou antes de sentar.

— Ficou aqui?

— Ficou.

— Murilo esqueceu?

— Acho que deixou.

Adeimir colocou o rádio na prateleira baixa e puxou a cadeira. Não abriu o caderno. Apenas olhou a capa, o arame torto, a etiqueta meio descolada. Rosa serviu café para os dois. Ele bebeu o primeiro gole devagar.

— Vão reclamar na escola.

— Vão.

— Márcia também.

— Também.

Ele passou o polegar pela asa da xícara. A manhã começava a clarear o quintal. O varal estava vazio, mas uma gota antiga ainda pendia de um pregador, presa sem cair.

— Vai mandar apagar alguma coisa? — ele perguntou.

— Não.

Adeimir assentiu. Não parecia concordar nem discordar. Parecia apenas ter recebido uma resposta. Pegou um pão, abriu com a faca e passou manteiga. A faca raspou a superfície do pão com som curto. Antes de comer, olhou para a prateleira onde estava o livro de receitas.

— Aquela folha continua ali?

— Continua.

— Melhor que na mesa.

— Melhor para ela.

Ele mastigou. O rádio permaneceu desligado. Rosa bebeu café e olhou para o caderno fechado pela metade. Não havia pressa naquela manhã, embora houvesse muito para fazer. O arroz precisava ser escolhido, a pia tinha duas panelas de ontem, a roupa de Adeimir esperava conserto no encosto de uma cadeira, e a bolsa pequena ainda guardava o envelope das cópias. Mas nada disso puxou Rosa de imediato.

Daniel apareceu antes das oito. Chamou no portão sem bater forte. Rosa abriu e encontrou o filho com o cabelo úmido, a barba ainda por fazer e uma camisa própria, limpa, embora gasta no colarinho. Trazia o pote vazio que ela lhe dera, desta vez lavado e sem tampa.

— Perdi a tampa — disse.

— Entra.

— Não posso. Tenho depósito.

— Então toma café de pé.

Ele entrou até a cozinha. Cumprimentou Adeimir com um aceno, recebeu outro. Rosa colocou café num copo menor. Daniel segurou com as duas mãos e viu o caderno sobre a mesa.

— Ainda está aí?

— Está.

— O menino deixou de propósito.

Adeimir olhou para ele.

— Como sabe?

Daniel bebeu um gole, queimou a língua e fez uma careta.

— Porque criança esquece brinquedo. Caderno assim ela deixa.

Rosa encostou-se à pia. Daniel aproximou-se da mesa, mas não tocou no caderno. Leu o próprio nome numa das linhas visíveis e desviou os olhos.

— Está ruim? — Rosa perguntou.

— Não.

— Então?

— Dá medo ficar escrito.

Adeimir colocou a faca sobre o prato.

— Medo de quê?

Daniel pensou enquanto o café esfriava no copo.

— De virar verdade demais. Ou de alguém usar errado.

Rosa pegou o pano da pia e dobrou uma vez.

— Por isso está aqui.

Daniel assentiu. Bebeu o resto do café e pousou o copo perto da pia.

— Eu volto mais tarde, se der.

— Para comer?

— Talvez.

— Volta para comer.

Ele quase recusou, mas não recusou.

— Volto.

No portão, Rosa entregou a ele a tampa de outro pote, que talvez não servisse. Daniel guardou no bolso mesmo assim. Ao sair, passou a mão pelo ferro do portão, como se conferisse

a própria saída. Rosa ficou olhando até ele dobrar a esquina. Quando voltou, Adeimir havia ligado o rádio baixo. Uma voz falava notícias com chiado, depois uma música entrou sem começo.

Márcia chegou no meio da manhã, sem Murilo. Trazia a bolsa atravessada no corpo e o rosto já cansado.

— Ele esqueceu o caderno?

— Ficou aqui.

— Eu sabia. Hoje de manhã procurou e disse que não tinha problema, porque estava em lugar bom.

Rosa apontou para a mesa.

— Está.

Márcia deixou a bolsa na cadeira e abriu o caderno. Foi direto à página dos nomes, depois à página da colher, da banana, da porta. Leu em silêncio. O rosto dela não se fechou como antes.

Também não amoleceu. Ficou atento, quase desconfiado do próprio cuidado.

— A professora vai chamar.

— Talvez.

— Eu não sei explicar isso.

— Não explica tudo.

— Ela vai perguntar.

— Diz que ele também fez as contas.

Márcia passou algumas páginas e encontrou a conta corrigida, a linha entre o erro e o certo, a palavra voltou ao lado.

— Fez mesmo.

— Fez.

— Mas misturou.

— Misturou.

Márcia sentou-se. A bolsa escorregou do ombro para o colo. Ela ficou olhando para o caderno como se visse ali uma bagunça que não podia simplesmente arrumar sem quebrar alguma coisa.

— Eu tenho medo de ele ficar preso nisso.

Rosa estava lavando uma panela. A água bateu no alumínio e cobriu por um instante a rua.

— Ele já está dentro.

— Isso não ajuda.

— Ajuda saber onde pisa.

Márcia fechou o caderno e encostou a mão sobre a capa.

— Ele perguntou hoje se pessoa pode esquecer por dentro.

Rosa desligou a torneira.

— O que você disse?

— Disse que não sabia.

— Foi bom.

— Foi pouco.

— Às vezes é melhor pouco que mentira comprida.

Márcia respirou fundo. Pela janela, a luz do fim da manhã tocava a mesa e fazia o risco de lápis aparecer de novo. Ela passou o dedo perto dele, sem apagar.

— Vou levar o caderno.

— Leva.

— Mas antes eu queria copiar uma coisa.

Rosa enxugou as mãos. Márcia abriu numa página quase vazia e pegou o lápis que estava dentro do arame. Escreveu devagar, com letra de adulto tentando ocupar pouco espaço: Márcia lembra a colher. Depois parou, riscou Márcia e escreveu mãe por cima, menor. O resultado ficou feio. Ela olhou, incomodada.

— Estraguei.

— Deixa.

— Ficou sujo.

— Ficou seu.

Márcia fechou o caderno depressa, como se mais uma palavra pudesse sair sem permissão. Guardou na bolsa.

— Ele vem depois da escola.

— Traz para comer.

— Mãe, ele almoçou ontem aqui, jantou em casa, hoje vai querer de novo.

— Então traz.

Márcia balançou a cabeça, mas não recusou. Antes de sair, beijou Rosa no rosto e ficou um segundo a mais do que costumava. Depois foi embora com o caderno na bolsa, apertando-o contra o corpo para que não dobrasse.

A mesa sem o caderno pareceu grande. Rosa limpou a madeira, mas passou o pano em volta do risco de lápis. Escolheu arroz, lavou, pôs no fogo. Separou feijão, cortou cebola, guardou o pote sem tampa no armário dos potes sem par. Quando abriu a bolsa pequena para procurar uma nota, viu o envelope das cópias. Tirou, conferiu a aba ainda sem cola e colocou sobre a mesa.

O formulário estava ali, com a frase necessário para não perder tudo. As cópias estavam ali. A notificação estava ali. Tudo que podia ter ido já havia ido o suficiente. Rosa pegou o envelope e levou até a prateleira baixa, onde guardava contas pagas, avisos, recibos de mercado e manuais de aparelho que ninguém lia. Colocou o envelope entre uma conta antiga de água e um comprovante de compra de gás. Não parecia esconderijo. Parecia apenas um lugar comum.

Luciana telefonou pouco depois do almoço.

— Mãe, Márcia me contou do caderno.

— Contou?

— Disse que levou para a escola.

— Levou.

— A senhora acha que vai dar problema?

Rosa olhou para a panela tampada.

— Talvez bilhete.

Luciana ficou alguns segundos sem falar. Havia barulho de crianças ao fundo.

— Hoje uma mãe me perguntou se o filho dela era normal.

— E você respondeu?

— Disse que normal não era uma coisa só.

— Ela gostou?

— Não.

Rosa sentou-se.

— Mas era verdade?

— Era o que deu para dizer.

Do outro lado, alguém chamou Luciana. Ela cobriu o telefone, respondeu, voltou.

— Mãe.

— O quê?

— A senhora está bem?

Rosa olhou para a mesa vazia, para a prateleira baixa, para o livro de receitas entre o fermento e o sal.

— Hoje estou.

— Hoje é pouco.

— É.

Luciana respirou perto do telefone.

— Passo aí amanhã.

— Passa para comer.

— Está bom.

A chamada terminou sem frase maior. Rosa colocou o telefone sobre a mesa e ficou olhando a madeira por alguns instantes. A casa estava silenciosa de um modo raro. Não vazio. Apenas sem pedido imediato. Ela levantou, verificou o fogo, mexeu o feijão e abriu a janela mais um pouco. O ar da rua entrou com cheiro de poeira, roupa lavada e alguma fritura distante.

Murilo chegou no fim da tarde com Márcia. Entrou segurando o caderno contra o peito, agora com um bilhete preso por um clipe na capa. Márcia vinha atrás, com o rosto de quem havia atravessado uma conversa difícil e ainda não sabia se vencera ou perdera.

— Chamaram — disse.

Rosa pegou o bilhete.

A professora escrevera que compreendera parte da situação, mas recomendava separar melhor os conteúdos escolares dos registros pessoais. Pedia

que a família providenciasse, se possível, um caderno próprio para os desenhos e anotações livres. A letra continuava redonda. No fim, havia uma frase menor: Murilo realizou as atividades de matemática.

— Viu? — Murilo disse. — Fiz.

Rosa devolveu o bilhete a Márcia.

— Fez.

Márcia sentou-se, cansada, mas com menos irritação.

— Ela foi correta.

— Foi — Rosa disse.

— Disse que podia ter outro caderno.

Murilo colocou o caderno sobre a mesa.

— Mas esse já sabe.

— Sabe o quê? — Márcia perguntou.

— Onde as coisas estão.

Rosa puxou uma cadeira para ele.

— Pode ter outro sem jogar esse fora.

Murilo pensou, desconfiado.

— Dois caminhos?

— Dois cadernos.

— E se eu escrever no errado?

Márcia respondeu antes de Rosa, mas sem dureza.

— A gente vê.

Ele abriu o caderno na página onde Márcia havia escrito mãe por cima de Márcia. Viu o borrão.

— Você escreveu feio.

Márcia fechou os olhos.

— Eu sei.

— Ficou bom.

— Ficou feio.

— Mas dá para saber que foi você.

Ela olhou para Rosa, depois para o menino.

— Então deixa.

Murilo sorriu. Abriu outra página e desenhou uma mesa simples, com prato, copo e um quadrado que podia ser caderno. Depois desenhou outro quadrado fora da mesa.

— Esse é o outro — explicou.

— Outro o quê? — Rosa perguntou.

— O caderno que ainda não tem.

— E por que desenhou fora?

— Porque ainda não chegou.

Rosa colocou pão, manteiga e café sobre a mesa. Márcia aceitou café. Murilo comeu dois pedaços de pão. Adeimir chegou enquanto eles ainda estavam ali, lavou as mãos e sentou sem perguntar por que a cozinha estava ocupada. Viu o bilhete da professora, mas não pediu para ler. Apenas empurrou o rádio mais para o canto, abrindo espaço.

Daniel apareceu depois, como prometera. Trazia a tampa que Rosa lhe dera e o pote que agora ela não esperava de volta.

— A tampa não serviu — disse. — Mas guardei.

— Então traz amanhã.

— Amanhã talvez sirva para outro.

Murilo mostrou o bilhete da professora e disse que teria outro caderno. Daniel olhou sério.

— Então esse ficou velho?

— Não. Esse ficou sabendo.

Daniel assentiu, como se fosse uma distinção aceitável. Sentou perto da porta, recebeu café pouco, pão muito, e ficou. Ninguém perguntou se estava melhor. Ele estava ali, e naquele fim de tarde isso bastava mais do que a pergunta.

Comeram pão antes do jantar. Adeimir ligou o rádio baixo, mas a conversa cobriu quase toda a música. Márcia contou que a professora não brigara, apenas perguntara se havia coisa acontecendo em casa. Luciana não estava presente, mas telefonou durante a conversa, e Rosa colocou o aparelho no centro da mesa por alguns minutos. A voz dela saiu pequena, dizendo que passaria no dia seguinte e que tinha um caderno novo em casa, sem uso, se Murilo quisesse. Murilo perguntou de que cor. Luciana disse azul. Ele pensou e aceitou.

— Azul serve — disse.

— Para quê? — Daniel perguntou.

— Para o que ainda não chegou.

Rosa recolheu as xícaras depois que escureceu. Márcia levou Murilo embora com o caderno

antigo na mochila e o bilhete dobrado na bolsa. Daniel saiu depois, sem levar comida porque disse que ainda tinha pão. Rosa entregou mesmo assim uma banana manchada. Ele pegou, olhou para a casca e sorriu.

— Essa está boa.

— Está.

Adeimir ficou na sala com o rádio. Rosa voltou para a cozinha. A mesa tinha marcas de copo, migalhas, um pouco de manteiga perto da faca e o risco de lápis quase apagado. A prateleira baixa guardava o envelope das cópias junto de papéis comuns. O livro de receitas continuava na prateleira de cima, com a folha antiga dentro. Nada parecia definitivamente guardado. Nada parecia perdido de todo.

Rosa lavou as xícaras, limpou a faca, fechou o pão no saco e passou pano na mesa. Quando chegou ao risco de lápis, parou. Passou o pano uma vez, sem força. A linha clareou ainda mais, mas não saiu por completo. Ela olhou de perto, depois deixou assim.

Antes de apagar a luz, abriu a janela da cozinha. A noite entrou com barulho de passos na calçada, uma televisão distante, um cachorro, uma moto subindo a rua. Na sala, Adeimir baixou o rádio. A casa ficou ouvindo. Rosa apagou a luz e não fechou a janela.

Depois da ficha

Os anos se passaram.

Rosa não escreveu nada sobre isso. Não havia folha certa, nem campo, nem lugar onde a frase coubesse sem perder alguma coisa. O que ficou foi aparecendo nos gestos: na mão que conferia o fogo antes de dormir, no pano dobrado sobre a pia, no prato colocado a mais e depois retirado sem barulho, na janela aberta mesmo em dias de vento.

A ficha tinha vindo. Depois vieram outras folhas. Algumas diziam ativo. Outras diziam regular. Uma dizia em ordem. Rosa guardou umas na prateleira baixa, junto das contas pagas. Outras ficaram menos à vista. A cópia podia ficar com os papéis comuns. O original não.

Não era segredo. Segredo precisava de intenção maior. Era só uma forma de não misturar tudo.

O livro de receitas continuou entre o fermento e o sal. Quase nunca era aberto. Às vezes Rosa pegava o pote de sal e o livro encostava um pouco para o lado. Ela corrigia com dois dedos, sem pressa. Não abria para conferir. Sabia que a folha estava ali. Saber bastava para aquela manhã, e depois para outra.

Murilo cresceu e teve outros cadernos. O azul chegou, como Luciana prometera. No começo, ele tentou separar: contas em um, caminhos no outro. Não conseguiu sempre. Algumas palavras passavam de um caderno para o outro sem pedir licença. Márcia reclamava menos quando via as atividades feitas. Aprendeu a ler os bilhetes da professora até o fim antes de responder.

O caderno antigo não foi jogado fora.

Ficou numa caixa com material escolar usado, desenhos dobrados, lápis pequenos demais para a mão adulta e folhas que já não pertenciam a nenhuma matéria. Uma vez, Rosa encontrou ali

a página em que estava escrito pouco. Embaixo, sem enfeite. Mais adiante, o nome de Marcelo, torto, inteiro. Rosa deixou a página aberta por alguns minutos, depois fechou o caderno e guardou de novo.

Não mostrou a ninguém naquele dia.

Adeimir envelheceu primeiro nos ombros. Continuou chegando em horários parecidos, mas demorava mais para tirar os sapatos. O rádio passou a falhar com frequência. Ele batia de leve na lateral do aparelho, esperava o chiado baixar e deixava assim mesmo. Quando alguma notícia trazia palavras conhecidas demais, mudava de estação. Nem sempre encontrava outra.

Daniel voltou muitas vezes. Algumas boas. Outras, não. Houve noites em que Rosa abriu o portão pelo mesmo arrasto da mão no ferro. Houve manhãs em que ele apareceu com pão, banana, um pacote de café, qualquer coisa pequena para não chegar só com o corpo. Às vezes comia em silêncio. Às vezes falava demais. Rosa aprendeu a separar a fome da fala, e a fala da queda.

Luciana continuou querendo organizar o que podia. Levava cadernos, livros, sobras de material da escola, receitas de remédio, orientações que ela mesma já não seguia direito. Quando se cansava, sentava na cozinha e ficava sem corrigir ninguém por alguns minutos. Rosa servia café. Era o bastante quando não havia frase melhor.

Márcia deixava Murilo e dizia que seria pouco tempo. Às vezes era. Às vezes não. Depois passou a dizer apenas:

— Volto quando der.

Rosa respondia:

— Então come antes de ir.

Nem sempre Márcia comia. Mas, quando comia, sentava melhor.

A casa mudou pouco por fora. Mudou mais por dentro. Uma cadeira perdeu firmeza. O armário ganhou uma porta que não fechava direito. A mesa ficou com marcas novas, umas de copo,

outras de faca, outras de lápis. O risco pequeno perto da borda desapareceu quase todo, mas ainda aparecia quando a luz entrava de lado. Rosa nunca soube se era o mesmo risco ou se já era lembrança da madeira.

Houve dias em que o nome de Marcelo apareceu sem aviso. Numa fila, numa conversa, numa frase de alguém que não sabia o que tocava. Rosa não estremecia. Apenas parava um pouco por dentro, como quem confere se uma panela ainda ferve depois que o fogo foi abaixado. Depois continuava. Pagava a compra. Atravessava a rua. Voltava para casa.

Não havia surpresa. Não havia alívio.

A falta não ficou sempre do mesmo tamanho. Em certos dias, cabia na gaveta dos talheres. Em outros, ocupava o corredor. Às vezes ficava pequena o suficiente para Rosa rir de alguma coisa que Murilo dizia. Às vezes aumentava quando todos estavam à mesa, porque a casa cheia também mostrava o lugar que não se preenchia.

Rosa não procurou mais um endereço.

A cidade continuou tendo repartições, placas, guichês, formulários, murais com frases corretas demais. Ela passou diante de alguns. Entrou em outros por motivos comuns: pagar conta, pedir segunda via, acompanhar alguém. Quando perguntavam o assunto, respondia apenas o necessário. Aprendeu que certas palavras, se entregues, voltavam menores.

Por isso não entregou tudo.

Entregou cópias quando pediram cópias. Assinou quando precisava assinar. Guardou comprovantes. Pagou vencimentos. Respondeu a notificações. Mas a folha antiga ficou no livro de receitas. O nome no caderno ficou no caderno. A camisa, quando já não havia mais como manter o tecido inteiro, não foi transformada em relíquia. Rosa cortou uma parte limpa e fez dela um pano pequeno para cobrir pão. O resto saiu num saco comum, numa manhã de coleta.

Não houve cerimônia.

Naquele dia, Murilo viu o pano sobre a mesa.

— Esse é novo?

Rosa passou a mão sobre o tecido.

— É.

— De onde veio?

Ela dobrou uma ponta.

— De uma camisa antiga.

Murilo entendeu até onde podia. Não perguntou mais. Pegou o pão, cortou um pedaço e deixou o pano aberto ao lado. Depois, antes de sair, dobrou do jeito errado. Rosa corrigiu sem dizer nada.

Com o tempo, algumas coisas deixaram de doer todos os dias. Outras passaram a doer sem aviso. Rosa não tentou organizar isso. Havia trabalho demais em organizar a comida, a roupa, os horários, as visitas, os remédios, o café, os retornos de Daniel, as pressas de Márcia, os telefonemas de Luciana, os cadernos de Murilo, o rádio de Adeimir.

O resto ficava onde conseguia.

Uma tarde, já muito depois, Rosa abriu o livro de receitas para procurar uma medida de bolo. Precisava fazer um porque Murilo viria com o caderno novo, já não tão novo, cheio de coisas que dizia não saber se eram desenho ou escrita. A folha antiga apareceu antes da receita. Rosa ficou olhando. O papel estava mais frágil, mas a frase ainda podia ser lida.

Obedecer é fácil. Difícil é permanecer inteiro depois.

Rosa não leu em voz alta. Fechou o livro com a folha dentro e fez o bolo de memória. Errou um pouco o açúcar. Ninguém reclamou. Daniel comeu duas fatias. Adeimir disse que estava bom. Luciana perguntou se tinha receita. Márcia pediu um pedaço para levar. Murilo deixou uma migalha cair sobre o caderno e soprou antes que manchasse.

Depois, a mesa ficou suja de prato, café e farelo.

Rosa limpou tudo devagar. Não porque fosse preciso deixar a casa perfeita. A casa nunca

ficou. Limpou porque era o que vinha depois. Depois da ficha. Depois da resposta. Depois da pergunta. Depois do nome escrito torto. Depois das cópias. Depois do que não voltou.

Quando terminou, deixou a janela aberta.

A rua continuava. Um portão fechou em algum lugar. Uma criança chamou outra. O rádio de Adeimir falhou, voltou, falhou de novo. Rosa apagou a luz da cozinha, mas não fechou a janela.

A mesa ficou no escuro, inteira o bastante para a manhã seguinte.

Foi então que houve um ruído no portão.

Não uma batida. Não chamado. Apenas o ferro cedendo pouco, como quando alguém toca antes de decidir se entra. Rosa ficou parada no corredor, com a mão ainda perto do interruptor. O rádio falhou outra vez na sala. Depois voltou mais baixo.

Na porta da cozinha, a luz da rua desenhou uma sombra.

Alta. Quieta. Sem pressa.

Rosa não disse nome algum.

Também não acendeu a luz.

A sombra permaneceu ali por um instante, quase corpo, quase ausência, ocupando o lugar exato onde a casa ainda sabia esperar.

Depois a noite se moveu.

E a mesa continuou.

Nota Biográfica

Augusto La Fere (Lapa, Paraná, 1973) é autor e ensaísta. Sua escrita transita entre filosofia, memória e metáfora da paisagem, explorando a tensão entre silêncio e palavra. Fundador do selo Ars Verbi™, dedica-se à publicação artesanal e digital de obras sob licenças livres.

Entre suas publicações destacam-se *"e agora?", "Cinco Formas", "Buscando a Borges"* e *"Diálogos"*. É autor do tratado filosófico "*Ontologia dos Restos*". Vive e trabalha no Paraná, atuando também em iniciativas culturais voltadas à difusão da literatura livre.

Colofão

A trilogia **Silêncio Alto** foi composta em EB Garamond, projeto tipográfico de Georg Duffner, inspirado nas formas renascentistas associadas a Claude Garamont, gravadas no século XVI, em Paris. A escolha desta fonte acompanha a matéria formal da obra: letra de desenho limpo, haste firme, peso discreto e respiração contida. Não impõe ornamento ao texto, não ocupa o lugar da voz, não preenche o intervalo. Sustenta a página por medida, repetição e silêncio.

Nos três volumes, a letra acompanha a passagem do selo ao eco, do eco à carne. Em *Silêncio Alto*, guarda a dureza da formação, a voz tomada pela função e o vazio deixado no nome. Em *Silêncio Alto: Ecos*, recolhe as vozes espalhadas, os registros, os papéis, os muros, os balcões e os sistemas onde a Cidadela continua a falar. Em *Silêncio Alto: Carne*, pousa sobre a casa, sobre a camisa dobrada, sobre o café, sobre o caderno, sobre o corpo doméstico da perda e sobre a resposta que permanece quando já não há retorno inteiro.

Edição digital finalizada em dezembro de 2025 pela Ars Verbi™, em Lapa, Paraná, Brasil.

9 786501 626482
ISBN 978-65-01-62648-2